

Poesias de Júlio Dinis

...quelle singulière et triste impression
Produit un manuscrit! Tout à l'heure, à ma table
Tout ce que j'écrivais me semblait admirable.
Maintenant, je ne sais-je n'ose y regarder.
Au moment du travail chaque nerf, chaque fibre
Tressaille comme un luth que l'on vient d'accorder,
On n'écrit pas un mot que tout l'être ne vibre.
(Soit dit sans vanité, c'est ce que l'on ressent)
On ne travaille pas – on écoute – on attend.
C'est comme un inconnu qui vous parle à voix basse.
On rest quelque fois une nuit sur la place.
Sans faire un mouvement et sans se retourner.
On est comme un enfant dans ses habits de fête,
Qui craint de se salir et de se profaner.
Et puis, et puis – enfin! – On a mal à la tête.
Quel étrange réveil! Comme on se sent boiteux!
Comme on voit que Vulcain vient de tomber des cieus.

(ALFRED DE MUSSET - *Premières Poésies.*)

Rien, à mon avis, de si insupportable que la lecture suivie d'un recueil de vers; ils ne peuvent se lire que fort à *bâtons rompus*; cependant en les reprenant et les quittant souvent, on les lit tout entiers et quelque foi on y trouve de très jolies choses.

Essais dans le goût de ceux de Montagne, on les loisirs d'un ministre d'État (pág. 388).

Nota do Autor – Havia muito tempo que eu pensava isto mesmo em relação aos volumes de poesias.

ADVERTÊNCIA DO EDITOR

As Poesias de Júlio Dinis imprimiram-se pela primeira vez em volume no ano de 1874, quando já descansava, havia três anos, sob a lousa do sepulcro, o cérebro que as inspirara.

Não se pôde dizer em absoluto que saíssem póstumas, porque algumas delas já tinham sido publicadas, ou na «*Grinalda*» ou intercaladas nos seus romances. A colecção formou-se, pois, não só com estes elementos, já conhecidos e justamente apreciados do publico, mas com outros que existiam inéditos nos manuscritos do autor.

Júlio Dinis coordenara as suas produções desta ordem num livro intitulado *Tentativas Poéticas*; donde se extraíram os versos que vieram fazer companhia aos que estavam já divulgados.

Não sabemos ao certo qual foi o critério que presidiu à selecção e qual a pessoa que se encarregou desta piedosa tarefa, mas cremos que fosse seu primo e intimo amigo José Joaquim Pinto Coelho, já falecido, que talvez tivesse consultado o editor Cruz Coutinho, e mais algum entendido na matéria.

As poesias publicadas nas edições anteriores acrescentamos agora as intercaladas nos seus romances e, do seu *Álbum* manuscrito, extractamos e reunimos na terceira e última parte desta edição, precedendo-os de uma *Explicação Prévía*, que lhe serve de prefacio, os seus versos elaborados dos 17 aos 20 anos, os primeiros botões de rosa que enfeitaram a sua musa juvenil e que ele conservou recatadamente na intimidade, como os primeiros marcos da sua brilhante carreira literária.

Ele mesmo se arreceava de os apresentar à curiosidade indiscreta, pondo-lhes, por excesso de modéstia, e. não porque lhes quisesse mal, a nota de *condenados*. Vê-se, porém, que os não repudiara e que lhes tinha affecto como pai carinhoso; de outro modo, tê-los-ia lançado ao desprezo, queimando-os na fogueira das coisas inúteis.

Cremos portanto não cometer uma profanação editando-os agora, completando assim a obra poética de Júlio Dinis. Devidamente anotados Pelo autor, eles serão outros tantos traços a delimitar a sua atraente fisionomia literária. Se não revelam, desde logo, a criança prodígio, já denunciam porém a elevação do espirito que os ditara.

Um face destes documentos, que assim devem ser considerados, fica-se formando uma perfeita ideia dos progressos realizados pelo autor durante a sua existência, curta mas laboriosa, tão prematuramente cortada pela cruel e consumidora doença que o fez baixar ao sepulcro aos 32 anos incompletos.

Dada esta breve explicação, estamos convencidos de que ficará ressaltada a nossa responsabilidade, fazendo o publico inteira justiça aos nossos intuitos, que não foram outros senão os de honrar a memória de Júlio Dinis, prestando um serviço à literatura pátria.

Lisboa, 1 de Março de 1909.

O editor.

PRIMEIRA PARTE

A MEU IRMÃO
(JOSÉ JOAQUIM GOMES COELHO)

Também tu, meu irmão, inda aos vinte anos,
Dizes ao mundo teu extremo adeus
Deixas-me só e partes! os arcanos
Vais da vida sondar aos pés de Deus?

Inda há bem pouco aspirações ridentes,
Despertadas ao sol da juventude,
Te apontavam futuros resplendentes
De mil glórias, de amor e de virtude.

Há pouco em devaneios tão risonhos,
Cantavas em sentida poesia
*As meigas ilusões, dourados sonhos
Que te adeja vem sempre à fantasia.*

Há pouco tu julgavas do horizonte
Ver dum belo porvir sorrir-te a aurora.
Bem como a áurea luz c'roando o monte,
Do Sol precede a chama animadora.

Tudo isso era ilusão, simples quimera,
Que aos vinte anos sonhamos acordados;
Curta página a sorte te escrevera
No grande livro incógnito dos fados!

E enquanto descuidado te entregavas
Aos sonhos da exaltada fantasia,
Sob a flórea vereda que trilhavas
A morte, a fria morte, se escondia!

Tu viste uma por uma emurchecerem
As mais viçosas flores da tua vida;
E as esperanças seu verdor perderem
Com a aridez da existência desflorida.

E a vida te pareceu áspero deserto,
Assim desguarnecida de ilusões,
De laços materiais cedo liberto
Remontaste às celestes regiões.

Não te lamento, irmão; a tua sorte,
Ao que padece, inveja só produz;
Porque às trevas finais da hora da morte

Seguem-se anos sem fim de imensa luz.

Eras justo, no Céu gozas a palma,
Que ao mundo, aqui de balde pedirias,
E os anjos acolheram a tua alma
Num coro de suaves harmonias,

Mas eu, que te amei, pra quem tu eras
Mais que irmão, mais que pai, mais que amigo,
Eu, a quem desde infante ofereceras,
Pra suprir o de mãe fraterno abrigo.

Mais infeliz fui eu; junto a meu lado
Vago está o lugar que abandonaste.
Vivo só, com as saudades do passado,
Do tempo que de encantos povoaste.

Nesta acerba aridez do meu presente
Recordo-me da vida que passou,
E bem vejo que a sorte fatalmente
Na vida do infortúnio me lançou.

Como a do nauta desditosa sorte,
Que o mar arrosta em tormentosa viagem,
E viu nas ondas que enfurece a morte
Sucumbir todo o resto da equipagem;

Tal o destino meu; entrei no mundo
E saudei-o com hinos de alegria;
Nos êxtases dum júbilo profundo,
O dom da vida a Deus agradecia.

Em ambiente de amor desabrocharam
Na infância as flores da existência minha.
Amor de pai, de mãe, de irmãos, douraram
A amena senda, que ante mim eu tinha.

E depois... ai, irmão! que acerbadas dores
Juntos sofremos! Murchas, ressequidas,
Desfolharam-se as mais viçosas flores,
Ceifou a dura morte aquelas vidas.

O belo céu, que nos sorriu na infância,
Em breve se mostrou turbado e triste:
A terna mãe pedira a outra estância
A paz, que neste mundo não existe.

E ai daquele, que no alvor da vida
Perdeu pra sempre maternais afagos,
Ai, que bem cedo a vê ser consumida

Por mil anelos, mil desejos vagos.

Ai, bem cedo o sentimos! Separados
Do sol que a infância em luz nos envolvia,
Quais estioladas plantas, assombrados,
A fronte inda infantil, já nos pendia.

E assim viveste! e quando a idade ardente
De mil aspirações te enchia o peito,
Olhaste, e vendo a isolamento somente,
Cansado, te deitaste em frio leito.

E eu, em vão no ataúde me curvava,
Em vão hei procurado a tua campa;
A morte de mistérios te falava,
Mas nos lábios do morto o dedo estampa.

Em vão te perguntei: Nessa morada
Outros fúlgidos sonhos imaginas?
Ao sair da vida deparaste o nada?
Ou acordaste em regiões divinas?

Mudo ficaste. Os ventos perpassaram,
Soltando queixas no volver das folhas,
E teus lábios imóveis não falaram,
Nem sequer o irmão saudoso olhas.

Meu Deus! permite que através da lousa
Possa ele ouvir a minha voz ainda,
E desse leito, onde afinal repousa,
Me diga: A vida neste pó não finda;

Me diga: A crença que na leda infância
Aprendemos da mãe é verdadeira;
Há outra vida, há uma outra estância,
Tão feliz, quanto esta é passageira;

Que se encontram os entes mais queridos,
E em eterno amplexo a Deus se humilham;
Que os prazeres em sonhos concebidos
Só há no espaço onde as estrelas brilham.

E então, ó Senhor, com a fé mais pura
Eu ansiarei pelo supremo instante
Em que, livre da humana desventura,
Demandar tua estância radiante.

Deixa que o amigo ao amigo só revele
Os segredos que a morte lhe confia,
Esta incerteza... em vão a fé repele,

A dúvida cruel continuo a cria.

Porque negas, Senhor, ao peregrino
Que vai cumprindo só esta romagem,
Um raio ao menos do saber divino,
Que lhe brade na dúvida: Coragem!?

Porque não há-de a lousa funerária
Erguer-se à voz saudosa da amizade,
Para falar à alma solitária
Que anela por saber toda a verdade?

Porquê?... Mas, Deus, perdoa! eu creio! eu creio!
No seu leito de morte o conheci:
Sim, nesse instante de tormentos cheio,
No peito a voz da crença bem ouvi!

E por isso prostrei-me de joelhos,
E os lábios murmuravam a oração,
E cri então no Deus dos Evangelhos,
E a dúvida deixou-me o coração.

Repousa, irmão, à sombra do cipreste;
Não repousar na terra é desventura.
Dorme no mundo e acorda à luz celeste,
Cruzando o limiar da sepultura.

Dezembro de 1859.

Nota do Autor – Duvidar da verdade desta poesia, era duvidar dos meus sentimentos mais puros, dos meus mais queridos afectos e, nesse caso, não sei de palavras me pudessem justificar.

A MORTE DO POETA

(À memória de A. A. Soares de Passos)

Calou-se a lira! E a criação nos coros
De menos uma voz aos céus revoa!
Na imensa harpa, em que o universo entoa
Seus cânticos, de menos uma corda!
Que foi? que nota falta às harmonias?
Que foi? que mão deixou quebrar a lira?
O poeta morreu, o canto expira,
Cessam seus hinos do sepulcro à borda!

Morreu o teu cantor, ó firmamento!
Teu sacerdote ardente, ó poesia!
O Deus, ó Pátria, a última agonia
Gelou a voz que hosanas vos sagrara!
Crente inspirado, os brados do entusiasmo
Não lhe esfriou dos homens a indiferença,
E a venenosa taça da descrença
Dos generosos lábios arrojara!

O poeta morreu! E o Sol e os astros
Que ele cantou, e a abóbada celeste
De ltuosas trevas se não veste;
E tu, ó Pátria, que ele amava tanto,
Tu dormes inda esse gelado sono?!
Não te acorda o seu último gemido?
Sente-lhe a morte, se não hás sentido
De animação e glória o eterno canto.

Mas não; os homens vêm passar o féretro,
Vêm do sepulcro alevantar-se a lousa,
E, olhando a nobre fronte que repousa,
– Quem é? perguntam com cruel frieza.
– É um poeta, lhes respondem poucos,
Um poeta! palavra incompreensível!
Por ele a multidão passa insensível,
E a campa desampara com presteza.

E um poeta morreu! Estas palavras
Nada vos dizem, povos, que as ouvistes?
Não as há mais solenes nem mais tristes.
Oh! nelas reflecti um só momento!
Não sabeis o que diz a morte do homem
Que se encaminha à campa que lhe ergueram
Seguido apenas dos que ainda veneram
O culto da poesia e pensamento?

Não ouvís esse dobre, que o lamenta?
 É como a voz do século, que brada:
 – «Chorai, ó multidões, que na cruzada
 Da civilização vos alistastes,
 Chorai, um dos soldados que há caído,
 Deus lhe dera a bandeira que vos guia,
 O estandarte da ideia, a poesia;
 Mas vós na heróica empresa o abandonastes!

«Lamenta, ó liberdade, o teu apóstolo!
 Amor, o coração que te entendia!
 Tu, Pátria, o filho que melhor podia
 Entre as nações da terra engrandecer-te!
 Religião, ai! chora o sacerdote,
 Que, entoando no templo os sacros hinos,
 Chamara os povos aos altares divinos
 E cultos sem iguais pudera erguer-te!

E tu, ó mundo, o vês quase indiferente!
 Curva a cabeça ante essa campa aberta,
 Ajoelha-te, e a fronte descoberta,
 Venera as cinzas que deixou na Terra;
 Os restos são da mais violenta chama.
 Que o fogo do Céu no mundo ateia;
 A chama ardente de inspirada ideia,
 Fogo que a mente do poeta encerra!

Verte, oh! verte uma lágrima na tumba:
 Uma lágrima só. Outros desejam
 Soberbos mausoléus onde se vejam
 Fulgir os nomes seus em letras d'ouro;
 Ele não. Flores e lágrimas, eis tudo!
 Eis o diadema a que o poeta aspira;
 Porque lho negas? Que paixão te inspira?
 Delas fizeste, ó mundo, o teu tesouro?

Ai, não; umas e outras as desprezas:
 As flores procuram as campinas,
 Porque a turba, ao passar, calca as boninas,
 E o sopro das cidades as murchava.
 As lágrimas, as flores do sentimento,
 Não as diviso já nos olhos do homem,
 Ou das paixões as lavas as consomem,
 Ou morto é o sentimento que as gerava.

Fazes bem em passar, mundo, se ignoras
 Desta cena a solene majestade,
 Impassível ficar era impiedade.
 Parte, vai; a indiferença era um insulto.

Oh! mil vezes mais grato o isolamento...
 Mas não, o isolamento não existe:
 Junto da campa se reúne triste
 Longo cortejo de lutuoso vulto.

Ei-los; do vasto templo se avizinham,
 Trazem no rosto a dor, que os consome.
 Esses veneram do poeta o nome,
 Do féretro ao passar, curvam a fronte,
 Respeitai esse pranto, que é sentido;
 Longe, indiferentes, que o lugar é santo!
 Os que entenderam seu sublime canto,
 Saúdam-no ao sumir-se no horizonte!

Silêncio! A Pátria do seu sono acordai
 Sono talvez, que precursor da morte,
 Do filho só lamenta a triste sorte,
 Geme saudosa com magoado acento!
 Ai, nos seus dias de passada glória,
 De mãe o desespero a voz lhe erguera,
 E, em seu clamor, às praias estendera
 Das nações mais longínquas o alto alento.

Mas hoje, já de forças exaurida,
 É fraca a sua voz ante essa tumba;
 Do peito vem, porém já não retumba
 Nos ecos das nações mais poderosas.
 Apenas sua irmã, a mais vizinha,
 Que quase a mesma linguagem fala,
 Compassiva parece lamentá-la,
 Ouvindo suas queixas dolorosas.

Poeta, dorme pois: a tua campa
 Não ficará sem lágrimas nem flores,
 As líras soltam fúnebres clamores
 E os ventos reproduzem suas queixas.
 Dorme, dorme, poeta, que teu sono
 A turba inquietaria com seus passos;
 Mas qual o infante nos maternos braços,
 Dorme ao som dessas lânguidas endeixas.

Dorme, dorme em sossego... mas, silêncio!
 Para que solto a voz? Cala-te ó lira!
 Se o génio da poesia não te inspira,
 Para que o seu cultor lamentas triste?
 Diante da mudez deste sepulcro
 Teus ais de dor, ó coração, suspende;
 Vê em silêncio o Sol, que ao ocaso pende
 Como em silêncio no zénite o viste.

Março de 1860.

Nota *do Autor* – Obedeci a um impulso irresistível escrevendo esta poesia. Admirei Soares de Passos durante a vida, como poeta, no seu livro; como homem, nas sempre lembradas noites em que, entre poucos mas escolhidos amigos, víamos em sua Casa correrem as horas como instantes e passarem as longas noites de Inverno como um sonho delicioso e aprazível. Foi então que pudemos apreciar a pureza daquele carácter, aquela rigidez de principias, que nesta época de indiferentismo e egoísta especulação, Causava assombro a quantos o ouviam. Por isso, quando morreu, senti-o, como todos que Prezavam as letras pátrias e como todos que respeitam os caracteres elevados; mas senti-o também, como ninguém, pela dor que a sua morte deixava no coração de seu irmão, o mata sincero, desinteressado e generoso amigo que nunca hei encontrado. Tudo isto me levou a lamentar a sua morte, temerária empresa de onde me não podia sair bem.

UMA RECORDAÇÃO

Lembra-me ver-te inda infante,
Quando nos campos corrias
Em folgedos palpitantes;
Eras bela! e então sorrias.

Depois, na infância, eras inda,
Junto ao cadáver rezavas
De tua mãe, com dor infinda;
Eras bela! e então choravas.

Num baile vi-te valsando
Da juventude nos dias,
Todos de amor fascinando;
Eras bela! e então sorrias.

Dias depois encontrei-te:
Nos céus os olhos fitavas:
Sem me veres contemplei-te;
Eras bela! e então choravas.

Quando ao templo caminhando
Entre flores e alegrias,
De esposa a vida encetando,
Eras bela! e então sorrias.

Quando na campa do esposo
Com teu filho ajoelhavas,
Grupo inocente e saudoso!
Eras bela! e então choravas.

Num ataúde deitada
Eu te vi em breves dias,
Mimosa flor desfolhada!
Eras bela! e então sorrias.

Sorrindo, na vida entraste,
Sorrindo deixaste a vida;
Alguma flor que encontraste
A espinhos a viste unida.

Sim, às vezes tu sorrias,
E os sorrisos o que são?
Quase sempre profecias
Das penas do coração.

1857.

Nota do Autor – Sorrisos e lágrimas andam muitas vezes acompanhados, uns Por os outros, na vida. Olhada por este lado, esta poesia é verdadeira. Alguma coisa me podiam dizer as minhas recordações, para o provar. mas não Seria absolutamente o que escrevi. Neste ponto é ela mentirosa. É pecado de que me confesso arrependido.

ÉS BELA

És bela, sim, quando, corando, foges
 Dum beijo perseguida;
 Ou quando cedes com mais pejo ainda,
 Mas na luta vencida.

És bela, sim, quando, banhada em lágrimas,
 Soltas mimosas queixas;
 Ou quando, comovida por meus prantos,
 Já ameigar-te deixas.

És bela, sim, à luz do Sol nascente
 Regando tuas flores,
 Ou com os olhos no ocaso e o pensamento
 No país dos amores.

És bela sempre, e o mesmo fogo acendes
 No coração do poeta;
 És bela sempre, ó linda flor do prado,
 O mimosa violeta,

Marco de 1862.

*

Quem te disse o segredo destas lágrimas,
 Pra *assim me* consolares?
 Quem te disse que a dor que me angustiava
 Cedia aos teus olhares?

Criança, onde aprendeste essa ciência,
 Ignorada de tantos?
 Algum anjo do Céu é quem te inspira
 Do conforto os encantos?

Oh! vêm, vem junto a mim com teus sorrisos
 Livrar-me destas trevas,
 Rir-te do meu ar lúgubre, falar-me,
 Vem, que só tu me enlevas.

Protegido por ti em círculo mágico,
 Desafio a tristeza,
 Que onde a infância se mostra tudo folga,
 Homens e natureza;

Pra ti, pra tua idade descuidosa
 Semeou Deus as flores,

Deu-te o cantar das aves por cortejo,
Deu-te o Céu por amores.

Vem, pois, *os* teus cabelos douro puro
A pousar-me na fronte,
Como os raios do Sol cingindo as serras
Ao surgir no horizonte.

Vem, que junto de ti nem compreendo
Estes falsos tormentos;
Mensageira celeste, sê bem-vinda,
Longe meus pensamentos!

Quando, baixando a fronte, os olhos pousam
Em sorrisos de infantes,
Esquece-se o infortúnio, os risos voltam
E erguemo-nos radiantes,

Assim como nos rimos de teus jogos,
Tu ris das nossas penas;
Ambos somos crianças, variando
Nosso brinquedo apenas.

Tu criaste uma vida imaginária
Que cede à fantasia.
Nós coa vida real também brincamos
Porém sem alegria.

3 de Junho de 1862.

SAUDADE E ESPERANÇA

Ai não foi sonho, não. Era na infância,
 Duas visões queridas
 Ao lado do meu berço me sorriam
 De uma amorosa auréola cingidas;

Eu sorria também. Vendo-as tão belas
 Por anjos as tomava,
 E acordando dum sonho de inocência,
 Inda a mais gratos sonhos me entregava.

E repetindo as orações ferventes,
 Que à voz da mãe ouvia,
 Olhava-as, e julgava que era a elas
 Que tão sentidas preces dirigia.

Quando as via, tão jovens e já tristes,
 Olhar a mãe chorando,
 Eu cismava, e o infortúnio pressentia,
 Vago ainda, *os* meus dias ameaçando.

E o infortúnio chegou. Era uma noite,
 E eu ainda infante
 Despertei aos gemidos dolorosos
 Das órfãs junto à mãe agonizante!

Transportaram-me ao leito aonde a triste
 Lutara na agonia,
 Era tarde! A primeira vez na vida,
 Ao beijá-la, suas bênçãos não colhia!

E as lágrimas, tão fluentes na infância
 Meus olhos não banhavam!
 Então senti que os dias de ventura
 Com ela para sempre me deixavam.

Depois os mesmos anjos, que na infância
 No berço me sorriam,
 Em vez das vestes cândidas d'outrora,
 Agora negras túnicas cingiam.

Nunca mais como a flor na Primavera
 Eu as vi radiantes;
 Mas sim como no Outono ela se ostenta,
 Pendendo as alvas pétalas fragrantas.

Pobres flores! tão cedo sem abrigo,

Dia a dia enlanguescem
Como as que adornam virginais capelas,
E ao fim dum baile pelo chão fenecem.

Como cândidas pombas surpreendidas
Por furiosa tormenta,
Voam amedrontadas a acolher-se
Junto à mãe que no seio as acalenta,

Assim elas também amedrontadas
Das tormentas da vida
Voam pró Céu, e no materno seio
Procuram contra elas fiel guarida.

Um dia eu vi-me só! junto ao meu berço
Os anjos não sorriam,
Nem sequer suas lágrimas saudosas
Uma a uma nas faces me calam.

Passaram tempos, e da infância aos dias
Seguiu-se uma outra idade;
Mas nem o tempo, nem paixões mais vivas
Me extinguiram a imagem da saudade.

Ainda as vejo a ambas, quando às vezes
Em sonhadas delícias,
Recordo o tempo da passada infância,
Recordo seu amor, suas carícias.

Outras vezes, mais vago o pensamento,
Num só anjo as confunde;
E então adoro essa visão querida,
Que na alma ignotas sensações me infunde.

Se a imagem delas é como o crepúsculo
Dum dia já passado,
A nova imagem será ainda aurora
Dum dia ardentemente desejado?

Meu Deus! a flor dos campos também murcha
Vive um momento apenas;
Mas depois nova quadra veste os prados
De outro manto de rosas e açucenas.

Também as flores de infantil idade
Eu vi cair sem vida;
Deixa que a nova quadra dos vinte anos
Se adorne de uma túnica florida.

VISÃO

.....
Não és real. Para o seres
Não foras, ó flor, tão bela;
Se à mente Deus te revela,
Não te cria o mundo, não.
Vegetas no peito do homem,
Mas não há viçoso prado
Onde te beije embriagado
O sopro da viração.

MORENA

Morena, morena
Dos olhos castanhos,
Quem te deu morena,
Encantos tamanhos?

Encantos tamanhos
Não vi nunca assim.
Morena, morena
Tem pena de mim.

Morena, morena
Dos olhos rasgados,
Teus olhos, morena,
São os meus pecados.

São os meus pecados
Uns olhos assim.
Morena, morena
Tem pena de mim.

Morena, morena
Dos olhos galantes,
Teus olhos morena
São dois diamantes,

São dois diamantes
Olhando-me assim.
Morena, morena
Tem pena de mim.

Morena, morena
Dos olhos morenos,
O olhar desses olhos
Concede-me ao menos.

Concede-me ao menos
Não sejas assim.
Morena, morena
Tem pena de mim.

De As Pupilas do Sr. Reitor.

MOMENTO DECISIVO

O Sol descia ao poente,
E florente estava o prado;
Ouviam-se auras suaves
E das aves o trinado.

Tu sentada ao pé da fonte
O horizonte contemplavas
Vias o Sol declinando
E, corando, suspiravas.

E depois... seria acaso?
Do ocaso a vista ergueste,
E, ao olhar-me, mais coraste,
Suspiraste e emudeceste.

Foi bem rápido o momento
Dum alento repentino;
Porém nesse olhar de fogo
Eu li logo o meu destino.

Nesse olhar, no rubor vivo,
No furtivo respirar...
Diz, tu mesma nessas letras
Não soletras já: amar?

1860.

Nota do Autor – Não é muito fácil esta espécie de leitura, o sentido das letras é diferente, conforme os desejos do que as pretende decifrar e daí mil decepções e amargos desenganos.

Eu não sei se li bem ou mal; mas é certo que depois disso, o livro parece fechado... não descubro caracteres novos.

CULTO SECRETO

Ouve, lânguida virgem das cidades,
A paixão que me inspiraste.
Curvada, como a flor em vaso de ouro,
Tu, bela, me encantaste.

Eu vi-te assim pendida; a estrela de alva
Ao surgir do oriente
Não nos envia mais saudosos raios
Do seu leito fulgente.

A viração da tarde, mais amena
No bosque, não murmura;
A alva açucena, que o vergel enfeita,
Não tem a cor mais pura.

Eu vi-te. e desde então sempre em meus sonhos
Surges, e magoada
Pareces ver as vagas desta vida
Na margem debruçada.

Vejo-te então ainda, e pensativa,
Os lábios entreabertos,
Murmurando em sentida linguagem
Pensamentos incertos.

Vejo-te ainda, as lágrimas ferventes
Dos olhos rebentando,
E, ao correrem nas faces, indiscretas,
Segredos revelando.

Que segredo é o teu, lânguida virgem,
Ideal dos meus amores?
Que imaginas nos sonhos dessas noites
Tão cheias de fulgores?

Que mistério procuras no ocidente
Ao desmaiar do dia?
Ou que visão esperas, quando a aurora
Com rosas se anuncia?

Que oculto sentimento reprimido
Te faz ansiar o seio?
Que íntima dor, que pensamento acerbo?
Que indefinido enleio?

Olha, se o coração te pede amores

Virgem, não chores, canta,
Para ti é que são as flores da vida
E a luz que nos encanta,

Tu, sim, podes amar; nas sacras aras
Dessa chama inquieta,
Ateia o sacro fogo com que inflamas
O coração do poeta.

Tu sim, podes amar; mas eu... se ao ver-te
Interrogo o futuro,
Uma voz me murmura: «Adora, mártir,
Adora, e morre obscuros».

ENFIM!

Enfim! enfim! encontrei-te,
Luz há tanto suspirada!
Raiaste, aurora fadada
Dum longo dia de amor!
Resplandece, Sol brilhante
Da primavera da vida!
Surge, surge, estrela querida,
Que tão grato é teu fulgor!

Se soubesses como ansioso
Aguardava este momento,
Que há tanto no pensamento
Me aprazia em conceber!
Se soubesses, minha esp'rança,
Que anelar ardente e incerto
Na aridez deste deserto
Me fazia esperar e crer!

Ai, bem-vinda, mensageira
Duma indizível ventura!
A uma vida de amargura,
Ridente imagem, põe fim!
Para longe esta tristeza,
Vejo enfim formosos dias!
Oh! dá-me, dá-me alegrias,
Que me cansa a vida assim!

Qual a terra desflorida
Pelas mãos do Inverno agreste,
Que de gelos a reveste,
E lhe afrouxa a luz do Sol;
Cinge as vestes de verdura,
Toda de amor palpitante,
Qual virgem junto do amante
Da Primavera ao arrebol;

Tal minha alma envolta em trevas
Dum passado de incerteza,
Rasga o seu véu de tristeza,
Ao ver-te surgir, amor!
E num hino de alegria
Saúda a risonha aurora,
Que deslumbrante a namora
Com fatídico fulgor.

Bela flor, fragrante rosa

Nos agros campos da vida,
Entre as outras escondida,
Como pudeste florir!
Como os vendavais furiosos
Das tempestades humanas,
Em suas fúrias insanas
Te não puderam ferir?

Foi condão do Céu por certo,
Foi talvez aura celeste
Que, ao nasceres, recebeste
E em ti se difundiu;
E, forte, desceste ao mundo,
Brilhando de luz divina;
Essa luz que me fascina,
Que nas trevas me sorriu!

Também, tu, bela, aspiravas
A um futuro vago ainda?
Também uma dita infinda
Te pedia o coração?
Ai, conta-me os teus segredos,
Os teus sonhos, teus anelos,
Conta-me, quero sabê-los:
Teus sentimentos meus são.

Diz-me se naquele instante.
Em que te vi meiga e bela,
Quando tu, formosa estrela.
Te elevaste no meu céu,
Uma voz misteriosa,
Prendendo-te em doce enleio,
Segredar-te ao ouvido veio:
«Ama! teu dia nasceu!»

Diz-me, se ao viver inquieto
Por não sei que oculta chama
Não sucede, quando se ama,
Uma existência de paz?
Se no horizonte sombrio,
Novo astro fulgurando,
Longínquas praias mostrando,
Venturas ver-te não faz?

Conta-me a vida passada
Antes do mágico instante
Em que te vi radiante
Meiga visão a sorrir.
Diz-me os teus jogos da infância,
As lágrimas que verteste,

As penas que padeceste,
Sem eu as poder sentir.

Tu choravas! quando longe
Eu de ti, talvez sorria!
Tu choravas! e eu podia
Tão indiferente viver!
Oh! não! mística influência,
Que dois entes num só liga,
Embora longe, os obriga
Um com outro a padecer.

E é esse, esse o segredo
Da tristeza indefinida,
Que em certas horas da vida
Nos oprime o coração;
Esse o segredo das lágrimas,
Que de olhos virgíneos correm,
E dos suspiros que morrem
Nas asas da viração.

Mas deixemos o passado,
Suas penas, suas dores,
Deixemos auras melhores
Nos manda o porvir de além,
Qual no meio do oceano,
Após longínqua viagem,
Ao nauta fragrante aragem
Da Pátria falar-lhe vem.

Em que mago encantamento
Esta dita a alma me embebe!
Só quem o sente o concebe;
Não se exprime este prazer!
Bem hajas, cândida virgem!
Bem hajas tu, que no seio
De aspirações todo cheio,
O amor fizeste nascer!

Adeus pois, passado triste,
Longas horas de amargura;
Adeus, paz da sepultura,
Sem encantos para mim;
Adeus sofrimentos vagos,
Adeus, febris pensamentos;
Esperam-me outros momentos,
Que o amor surgiu enfim.

Acorda pois, ó minha alma,
Chegou enfim tua festa;

E qual se adorna a floresta
Da manhã ao grato alvor,
Veste também tuas galas,
O teu mais florido manto
E leva um sentido canto
Ao sol da vida, ao amor!

Julho de 1859.

Nota do Autor – Em vez de – enfim – antes lhe devera chamar – rebate falso.
A ser mais de que um sonho, não passou de um desejo. Não se deve portanto tirar
daqui ilações arrojadas porque seriam falsas.

METAMORFOSE

Repara: – a imóvel crisálida
 Já se agitou inquieta,
 Cedo, rasgando a mortalha,
 Ressurgirá borboleta.

Que misteriosa influência
 A metamorfose opera!
 Um raio de Sol, um sopro
 Ao passar, a vida gera.

Assim minha alma, inda ontem
 Crisálida entorpecida,
 Já hoje treme, e amanhã
 Voará cheia de vida.

Tu olhaste – e do letargo
 Mago influxo me desperta;
 Surjo ao amor, surjo à vida,
 A luz de uma aurora incerta.

1 de Maio de 1860.

* * *

Onde vai teu pensamento
 Quando, os olhos elevando,
 Segues das aves ligeiras
 Esse harmonioso bando?

Que te dizem os gorjeios
 Dessas pobres foragidas,
 Que vão procurar ao longe
 Outras selvas mais floridas?

Acaso temes, como elas,
 As nuvens negras, pesadas,
 E os ventos que descem rápidos
 Das altas serras nevadas?

Acaso invejas as asas
 Desses plumosos viajantes?
 Acaso aspiras à vida
 Noutros climas mais distantes?

Não, querida, não receies
 Do Inverno os duros rigores;

Quando do Sol falta a chama
Brilha a chama dos amores.

Não são para nós mais lúcidas
As noites que o próprio dia?
Que onde a luz do céu falece,
A paixão é que alumia.

E o gelo, que as pobres aves
Na relva prostra sem vida,
Fundir-se-á ao fogo ardente
Da nossa paixão, querida.

18 de Outubro de 1868.

A CABREIRA

Andava a pobre cabreira
 O seu rebanho a guardar
 Desde que rompia o dia
 Até a noite fechar.

De pequenina nos montes
 Não tivera outro brincar.
 Nas canseiras do trabalho
 Seus dias vira passar.

Sentada no alto da serra
 Pôs-se a cabreira a chorar.
 Porque chorava a cabreira
 Ides agora escutar:

«Ai! que triste a sina minha,
 Ai! que triste o meu penar,
 Que não sei de pai nem mãe
 Nem de irmãos a quem amar.

«De pequenina nos montes
 Nunca tive outro brincar.
 Nas canseiras do trabalho
 Meus dias vejo passar.»

Mas, ao desviar seus olhos
 Viu coisa que a fez pasmar:
 Uma cabra toda branca
 Se lhe fora aos pés deitar!

Branca toda, como a neve,
 Que nem se deixa fitar,
 Coberta de finas sedas
 Que era coisa singular!

Nunca a tinha visto antes
 No seu rebanho a pastar,
 E foi a fazer-lhe festa...
 E foi para a afagar...

Eis vai a cabra fugindo
 Pelos vales sem parar;
 Ia a cabreira atrás dela
 Mas não a pôde alcançar.

E andaram assim três dias

E três noites, sempre a andar!
Até que às portas de uns paços
Afim foram parar.

Chorava o rei e a rainha
Há dez anos, sem cessar,
Que lhe roubaram a filha
Numa noite de luar.

E dez anos são passados
Sem mais dela ouvir falar;
Eis chega a cabreira à porta,
A porta se foi sentar.

«Ai que bonita cabreira
Que lá em baixo vejo estar!
E uma cabra toda branca
Que nem se deixa fitar.

«Meus criados e escudeiros,
Ide a cabreira buscar.»
Isto dizia a rainha,
Este foi o seu mandar.

Foram buscar a cabreira
E a cabra de a acompanhar
Até às saias do paço
Onde o rei a viu chegar.

«Pela minha c'roa de ouro
Eu quero agora apostar,
Que é esta a filha roubada
Numa noite de luar.»

Milagre! quem tal diria!
Quem tal pudera contar!
A cabrinha toda branca
Ali se pôs a falar:

«Esta é a filha roubada
Numa noite de luar,
Andou dez anos no monte
Quem nasceu para reinar!»

Que alegrias vão nos paços!
E que festas sem cessar!
A filha há tanto perdida
No trono os pais vão sentar.

E vêm damas pra vesti-la

E vêm damas pra calçar;
E as mais prendadas de todas
Para as tranças lhe enfeitar.

Vão procurar a cabrinha...
Ninguém a pôde encontrar;
Mas um anjo de asas brancas
Viram aos Céus a voar.

De As Pupilas do Sr. Reitor.

NUVENS

Vês as nuvens no azul do firmamento
De brancuras ofuscantes,
Como impelidas por tufão violento
Se formam em legiões extravagantes?

Olha acolá, reunidas uma a uma,
Um trono simbolizam;
Ali, rasgam-se em flocos, como a espuma
Das vagas crespas que em areais deslizam.

Mais longe, vês? as massas vaporosas
Informe monstro imitam,
E além, tingidas pela cor das rosas,
Paços que ocultas mágicas habitam.

Agora, vastos pórticos, ogivas,
E um longo peristilo,
Colunas, capitéis, arcadas vivas,
Arquitecturas de ignorado estilo.

Logo por esses plainos dispersadas
Pelo sopro do vento,
Como nívicos cordeiros às manadas
Sucedem-se velozes cento a cento:

Ora parecem gigantescas serras
Com seus eternos gelos;
Ora planícies de nevadas terras,
E das águas boreais os caramelos:

Ali nos representam funda gruta
E rochas diamantinas:
Acolá, mil exércitos em luta;
Mais além, mil cidades em ruínas.

E sabes tu no que essas formas vagas
Perto de nós se tornam
Dize, quando no prado a sós divagas,
Tens visto as gotas que o vergel adornam?

Pois são esses os tronos deslumbrantes,
A ogiva preciosa,
Os fustes das colunas de diamantes,
E encantados palácios cor-de-rosa.

Esse vasto espectáculo dos ares,

Essas mágicas cenas,
A que presos estão nossos olhares,
Vê-los ao perto? são orvalho apenas.

Bem assim os projectos, áureos sonhos
Que na vida sonhamos;
Belos fantasmas, fúlgidos, risonhos,
Que nos céus do futuro divisamos.

Pois que junto de nós, essas imagens,
Essa visão querida,
Desvanecem-se, pérfidas miragens,
Fundem-se como a neve derretida;

Esp'rança no porvir, nuvens formosas,
Em que assim te deleitas,
Com esse orvalho que humedece as rosas
Hás-de vê-las em lágrimas desfeitas.

4 de Setembro de 1862.

LAVA OCULTA

Não me entendes? não suspeitas
 Que esta frieza é fingida?
 Não vês, cega, que envolvida
 Está nela ardente paixão?
 Quando teus olhares evito,
 Quando julgas que medito,
 Não compreendes que me agito
 Em profunda inquietação?

E julgas isto frieza?
 Julgas que o meu peito é gelo?
 Se o que sinto não revelo,
 Julgas que isso é não sentir?
 Ai, louca, que assim te iludes;
 Um momento que me estudes,
 Verás que tormentas rudes
 Me estão rio peito a bramir.

Se a mão te cinjo à partida,
 Não a sentes vacilante?
 Diz, não vês como inconstante
 Busco e evito o teu olhar?
 Chamas a isto indiferença?
 Não é, não, repara, pensa;
 É o amor que se condensa
 Para mais me devorar.

E tu não sentes... nem podes;
 Pra que os olhos vejam tanto,
 E, sob indiferente manto,
 Descubram violento amor,
 Não, não basta olhar somente;
 O que o peito não presente,
 Só quando fora rebente
 Pode aos olhos ter valor...

E o teu coração... outrora
 Esperei que me entendesse;
 Julguei que nunca esquecesse
 O que na infância nasceu,
 E com os olhos no futuro
 Caminhei firme e seguro,
 E nunca este culto puro
 No peito me adormeceu.

Mas tu... Essa flor singela

Da afeição que nos unia
Se definhava e morria
Desde que outra flor surgiu;
Cenas da infância, folguedos,
Seus sorrisos, seus segredos,
Passam, como nos olmedos,
A folha que ao chão caiu.

E por isso as esqueceste;
Eu não; que então já no seio
Ocultava com receio
Mais do que infantil amor.
Quando, só, em ti pensava.
E só contigo me achava,
Não te lembras? já corava,
Nem pra mais tinha valor.

Cresci, e esta ideia sempre
Afagava na lembrança;
Sempre, sempre esta esperança,
Sempre, sempre esta ilusão
Ilusão, sim, era apenas;
Todas as passadas cenas
E recordações amenas
Riscou-tas nova paixão.

Foi uma noite. Esta ideia
Inda a conservo bem viva,
Cada dia mais se aviva
Pra mais me fazer sentir;
Desde então já não me iludo,
Foi uma noite; vi tudo,
E fiquei gelado, mudo,
Sem esperanças, sem porvir!

Um outro estranho, que importa?
Te falava com meiguice
E ás palavras que te disse
Tu sorriste e ele sorriu,
E, desumana, não vias
Que o amigo de outros dias,
De cada vez que sorrias,
Cruéis angústias sentiu!

Ai, noite de insónia aquela!
Tu calcaras o passado,
Nem talvez nunca pensado
Havia nele como eu:
Quis esquecer-te, vingar-me,
A outro amor entregar-me,

Mas só consegui cansar-me;
Este amor permaneceu.

Até quando? Só Deus sabe.
Comprimido ele floresce,
Mas vive, mas não fenece,
Que já da infância ele vem;
Tu não vês, que uma outra chama.
Há muito teu seio inflama,
E quando deveras se ama,
Vê-se o amante e mais ninguém?

Bom é pois que não suspeites
Que esta frieza é mentida,
Que não vejas que envolvida
Oculto ardente paixão.
Quando teus olhares evito,
Quando julgas que medito,
Nunca saibas que me agito
Em profunda inquietação.

Abril de 1860.

Nota do Autor – Esta poesia é um enigma, que eu não decifrarei. Isto quase equivale a dizer que ficará sendo um enigma para todos e para sempre talvez.

Foi escrita o ano passado e esquecida. Encontrei-a, fiz-lhe algumas modificações e incluí-a nesta colecção. É em grande parte imaginaria.

PRESSÁGIO

Era em florente Junho;
A Lua se ostentava
Serena em seu brilhar;
A brisa na alameda
Saudosa suspirava
Nas folhas ao passar.

Contigo, eu só no bosque
Ouvia-te, tão triste,
Soltar, mais triste, a voz;
Falavas magoada
Da paz que só existe
Da fria morte após.

E os olhos lacrimosos
Fitavas nos espaços
Da mais amena cor,
Como se desejaesses
Romper terrenos laços
E o azul do céu transpor.

Calado eu te fitava,
Porém ao ver-te o pranto
Banhar-te a face assim,
Não sei que dor pungente,
Não sei que mago encanto,
Me fez falar-te enfim.

E disse-te: «Não chores,
Na Terra é tudo flores,
No Céu é tudo luz.
Escuta os sons do bosque,
Respira os seus odores,
O aroma que seduz.»

Olhaste-me e sorriste;
E quanto não diziam
Então os olhos teus!
Quão Intima tristeza,
Que dor não reflectiam
Quando os erguestes aos céus!

E eu ficava mudo,
Olhando-te inquieto,
Sem bem te compreender;
E um ramo de cipreste,

O arbusto teu dilecto,
Vieste-me oferecer.

«Bem vês, da campa à beira
Também a flor rebenta»,
Disseste-me a sorrir,
«Também no chão da morte
De seiva se alimenta,
Também a vês florir.

«Quem vir esta campina
Virente e matizada
Viçar à luz do Sol,
Dirá, que neste manto
Se envolve a fria ossada
Do morto em seu lençol!

De novo emudeceste,
E eu, triste, contemplei-te:
Mas não, não te entendi,
Parecia que na mágoa
Achavas um deleite,
Qual nunca igual senti!

Mas cedo teus perfumes
Da Terra aos Céus subiram,
E soube tudo então
Era uma voz profética
Das que o poeta inspiram,
Falando ao coração.

No meio dos festejos
Da estiva natureza,
Sentias só a dor,
Vias a campa aberta
E em sua profundidade
Sumir-se a esp'rança em flor.

E hoje, sim, compreendo
Tua conversa triste,
Quando comigo a sós...
E porque a entende agora?
Não sei. Talvez existe
Em mim a mesma voz.

Oh! sim, ele me mostre
No meio destas galas,
Que vejo em torno de mim,
A terra húmida e fria,
Do cemitério as valas

E o esquecimento enfim.

Abril de 1860.

Nota *do Autor* – Esta é filha de um momento de *spleen*. Pareceu-me verdadeira então, hoje não. Estes pensamentos lúgubres acometem-me de quando em quando mas passam. Estando dominado por eles, acho nesta produção um valor que, depois, debalde lhe procuro. Não é decerto no primeiro caso que melhor a avalio no que ela vaie.

Não há ninguém que não tenha os seus momentos de hipocondria, muitos com menos razões do que eu. Desculpem-me portanto os efeitos de um desses momentos.

JUNTO A UMA CAMPA

Que seria de ti, se desfolhada
Não fosses, linda flor, no chão da morte?
Quem pode ler na página cerrada
Do livro do futuro a ignota sorte?

Ninguém; e quantas vezes iludidos
Choramos o que é nuncio de ventura?
Quantas, na esperança de prazeres mentidos,
Vemos luz onde tudo é noite escura?

Que seria de ti? Não sei. Se escuto
A voz do coração, fala de amores.
Mas quem me diz que a dor com que hoje luto
Não findará com o aroma doutras flores?

Que me diz que minha alma, que palpita
Ao recordar-te, é virgem desditosa,
Não viria inda um dia a ser precita
Ao fogo da paixão mais poderosa?

Quem sane? Tudo muda: o peito do homem
Como a ondulante face do oceano;
A um volvem as paixões que nos consomem,
A outro as fúrias do vento vário e insano.

Tudo muda! E meu seio não se exime
Da eterna lei que rege este universo:
Bênção ou maldição. Ela se exprime
Sem cessar na existência desde o berço.

E então se no porvir o ardente culto
Que eu te votava, é sombra idolatrada,
Tivesse de findar, antes sepulto
Seja todo este amor na urna gelada.

Foste feliz talvez, talvez na vida
Tivesses de provar amarga taça,
E hoje à sombra da campa, adormecida
Colhes a prece e o pranto de quem passa.

Vivias para amar, morreste amando,
Morreste rodeada do perfume
Da divindade, e virgem, não ansiando
No pungir aflitivo do ciúme,

Morreste amando e amada. Sobre o leito

Onde tombaste inânime, sentiste
 A sacra chama que me enchia o peito
 E na extrema agonia inda sorriste.

Não devo lamentar-te, não. Podias
 Sentir na vida dores que ignoraste;
 E eu mesmo, a quem do túmulo sorrias,
 Talvez te desse a coroa, que enjeitaste:

A coroa do martírio, que a não colhe
 Quem verga, como tu, tão cedo à terra;
 Mas sim quem vive e ao túmulo se colhe
 Depois de transes de porfiada guerra,

Eu li na descrição de antigas viagens
 O destino de um naufrago, que os ventos
 Sobre parcéis e incógnitas voragens
 De longe arremessaram violentos.

Ia a desfalecer, no húmido abismo
 Buscando o último leito e o eterno olvido,
 Mas no esforço do extremo paroxismo
 Firmou-se às rochas de um penhasco erguido.

E salvou-se! prostrado sobre as fragas,
 Ao Eterno com júbilo agradece;
 E, olhando ao longe as furiosas vagas,
 Do destino dos mais se compadece.

Mas bem cedo na estéril penedia
 Colheu o triste amargo desengano,
 Vendo seguir-se um dia após um dia
 E tudo só na vastidão do oceano.

Era a mudez da campa! Em passos lentos
 Se aproximava a descarnada fome;
 Longos dias de horríficos tormentos
 A preceder-lhe um túmulo sem nome!

Até que enfim o pobre, quase louco
 Pra fugir à tortura que o devora,
 Nas próprias ondas, que evitara há pouco,
 Busca o refúgio, o passamento,

Nos naufrágios da vida, quantas vezes
 Nós, pobres nautas, o furor das vagas
 Vencemos, pra mais ríspidos reveses
 Irmos sofrer em solitárias plagas!

Feliz o que sucumbe na tormenta;

Um instante da angústia... e o eterno sono
O livra do martírio que experimenta
O que sofre na Terra o abandono.

Feliz pois tu, que cedo desfolhada
Caíste, é bela flor, no chão da morte;
Quem sabe o que na página cerrada
Do livro seu te reservava a sorte?

20 de Dezembro de 1861.

A ESPERANÇA

No passado, uma saudade,
No presente, uma amargura,
E no futuro, uma esp'rança
De imaginária ventura;

Eis no que consiste a vida
Imposta por Deus ao homem.
Nisto se consomem dias!
Nisto anos se consomem!

Saudade é flor sem perfumes
Quando ainda verdejante,
Mas à medida que murcha,
Ai, que aroma inebriante!

A amargura e duro espinho
Que nas carnes penetrando,
Faz desesperar da vida,
Suas flores definhando.

A esperança e frouxa luz
Que nas trevas nos fulgura;
Vendo-a, ousados caminhamos:
Mas, ai, que bem pouco dura;

Quantos mais passos andados
Na agra senda desta vida,
Mais amargo é o presente,
E a saudade mais sentida.

Mas a esperança não; os anos
Fazem-lhe perder o brilho;
Caem-lhe uma a uma as folhas
Da existência pelo trilho,

A velhice nada espera,
Nada da esperança lhe dura...
Mas não, cansada da vida,
Tem a paz da sepultura.

Tem a morada fulgente
Da inteligência divina;
Tem as regiões sagradas,
Que eterno sol ilumina.

Bendito sejas, meu Deus!

Que nos dás na vida inteira
A filha dos céus, a esperança.
Por suave companheira.

Ela nos enxuga o pranto
O pranto alegre e amargoso;
Não a acusemos de pérfida,
Esperar já é um gozo.

A mente, esperando, concebe,
Concepção sempre iludida,
Prazeres talvez entrevistos
Nas cenas duma outra vida.

Esperemos, pois, companheiros
Desta fadigosa viagem!
Se a esp'rança é a imagem do gozo,
Adoremos essa imagem.

E cruzando este oceano
Com os olhos no porvir.
Esqueçamos no presente
Seu horroroso bramir.

E quando enfim, já cansados,
Reclinarmos nossa frente.
Que a esperança nos revele
Mais dilatado horizonte.

Agosto de 1859.

ILUDAMO-NOS

Desenganos do passado,
Não servireis ao porvir?
Sempre a perder ilusões
Sempre ilusões a sentir!

Não mais, não mais; nesta vida
Ainda esperar é loucura.
Sofrer: eis nosso destino!
Sonhar: eis toda a ventura!

Soframos pois... Não, sonhemos,
Criando mundos ideais,
E com mentidos prazeres
Curemos penas reais.

Ilusões, sede bem-vindas,
Povoai-me o pensamento:
Convosco, sim, a ventura
Se goza por um momento.

Julho de 1860.

O ANJO DA GUARDA DA INFÂNCIA

Desci dos celestes coros,
Por Deus mandada escutar
Da infância as queixas e os choros,
Para lhos ir confiar.

Desci. Na terra, nos mares
Tanta miséria encontrei,
Que os meus magoados olhares
De terra e mar desviei.

Desci. E tantos gemidos,
Tão dolorosos ouvi!
Que, turbados os sentidos,
Quis recuar... mas descí.

Nesta colheita de dores
Pelo mundo todo andei,
No pranto dos pecadores
As minhas vestes molhei.

Vagueando dias e dias
Chegara à Judeia enfim,
Quando um clamor de agonias
Veio de longe até mim.

O Sol, o Sol inflamado
Destas terras orientais
Tinha no disco afogueado
Não sei que estranhos sinais.

Soavam menos distantes
Sinistros brados de dor
Choras de mães e de infantes,
Cantos de morte e terror.

Vi anjos de asas nevadas
Em bandos subir ao Céu,
Quais pombas amedrontadas
Fugindo à voz de escarcéu.

«Onde ides? Quem vos persegue?
A que tormentos fugis?»
Um que triste o bando segue,
Estas palavras me diz:

Somos as almas de infantes

Mortos em guerra feroz;
Inda das mães delirantes
Nos chama a sentida voz.

«Só a materna saudade
Nossa carreira detém,
Embora no Céu, quem há-de
Esquecer o amor de mãe?»

Disse e o semblante formoso
Com as asas encobriu,
E ao bando silencioso
Silencioso se uniu.

Eu segui. Na ampla cidade
Aterrada penetrei...
Ai, da fera humanidade
Os meus olhos desviei!

Que cena! Corre nas praças
Sanguinária multidão
Como nuvem de desgraças
Semeando a desolação.

Caem por terra, sem vida,
Tenras crianças às mil,
E uma turba enfurecida
Corre à matança, febril,

As mães pálidas, chorosas,
Suplicam, pedem em vão!
Nessas feras sanguinosas
Não palpita um coração..

Outros tentam, em delírio,
Os seus filhos disputar
E com eles no martírio
Gostosas se vão juntar.

Sobre a terra ensanguentada
Eu soluçando, ajoelhei,
E de intensa dor magoada,
A Deus piedade implorei.

Findava a prece, e uma estrela
No horizonte despontou,
Pura, cintilante, ela
O caminho me traçou.

A humilde e escondida estância

Da venturosa Belém
Cheguei; vi um Deus na infância
Nos ternos braços da mãe.

Minha colheita de dores
Naquele berço depus,
Da humanidade aos rigores
Pedi remédio a Jesus.

No olhar do divino infante
Ralou luz e fulgor,
Foi a aurora radiante
Que anuncia um redentor.

Publicados no romance *A Morgadinha dos Canaviais*.

HINO DA AMIZADE

(A meu primo e amigo José Joaquim Pinto Coelho)

Amigo, concede que as notas da lira
Te sagre num dia a que tantos sorri;
Se a triste, saudosa, de mágoas suspira,
Soará de esperanças agora por ti.

Escuta-a; se as vozes são fracas, afeita
Que ela é desde muito com os cantos da dor,
Seu débil tributo, seus hinos aceita
Qual ténue perfume de lânguida flor.

Os anos são marcos na senda da vida,
Nos quais o viajante costuma parar,
E os olhos volvendo na estrada corrida,
As cenas passadas lhe apraz recordar.

Suspende um momento teus passas, suspende,
Na santa ramagem que cumpres aí,
E além, ao passado teus olhos estende,
Além, ao passado, contempla-o daqui.

Oh! pára, paremos, que as cenas doutrora,
Tão ricas de encantos, são minhas também;
Pois juntos nos vimos da vida na aurora,
E juntos passamos os anos além.

Além, ao mais longe que avistam teus olhos,
Estende-os amigo; repara, que vês?
Formosa campina de flores, sem abrolhos,
Mais bela a distância, que ao perto talvez.

Ai – não te lembras? – correu-nos a vida,
Qual linfa tranquila no prado em Abril,
De dia em folgedos a mente esquecida,
De noite enlevada por sonhos aos mil.

Ai tempos de encantos, ai fúlgidas cenas
Volvidas com os anos charadas em vão;
Ai, quanto mais gratas não são tuas penas,
Que a própria ventura que as outras nos dão!

Paremos, amigo, paremos ainda
A olhar esta quadra tão longe de nós;
Que a luz que a ilumina bem cedo se finda,
Que os entes que a adornam deixaram-nos sós.

Tão gratos nos eram da aurora os fulgores,
Como o último raio do dia a findar,
Que se uns ainda ao peito nos falam de amores,
Os outros saudades nos vem despertar.

Após esta parte da nossa jornada,
Tão bela e tão curta, lá se ergue uma cruz,
E eu, órfão mesquinho, na campa ignorada
Não pude ajoelhar-me, nem flores depus.

E as cinzas queridas... mas não, adiante,
Perdoa, perdoa, se esqueço o meu fim;
Ó lira, teus crepes arroja distante;
Ó alma, tuas dores divulgas assim?

Mas nesses instantes em que eu na orfandade
Aos ecos tão tristes falava da mãe,
Os laços ligando da nossa amizade,
As vestes de luto cingias também.

Porém nova quadra se segue. A corrente
Da vida mais turva pra nós se mostrou;
Pequenos martírios que sofre o inocente
De que hoje nos rimos, o peito provou.

No meio de estranhos eu vi-me sozinho,
E assim na carreira das letras entrei.
A mão que meus passas guiou com carinho
A morte roubou-ma, eu só caminhei.

Mas ainda então mesmo na vida de criança
A nossa amizade não pôde esfriar;
Nas horas votadas à grata folgança
De júbilo cheio te vinha encontrar.

Mais tarde a nós ambos na senda da vida
Guiou-nos os passas benévola mão.
Recordas-te dele? Da imagem querida,
Da imagem saudosa do amigo, do irmão?

Que tempo, que cenas passámos unidos!
Prazeres, trabalhos, leituras comuns!
Ai, quantas saudades dos tempos volvidos
Me restam no peito, remorsos nenhuns!

Aquela nobre alma, já perto da morte,
Que negra adejava de si ao redor,
Mais nobre por isso, mais bela, mais forte,
Pra as lutas da vida nos dava calor.

O Sol à florinha que adorna a colina.
já perto do ocaso não nega o luzir;
Sem ele os rigores da brisa ferina
Faziam-lhe o sopro da vida exaurir.

A estrada apontou-nos que afouto seguira,
E onde tão firme marchar sempre o vi,
Em nós verte o alento que a ele o inspira,
E pára ao dizer-nos: «Eu fico – parti!»

E a sombra seguindo do irmão, que lhe aponta,
Fugenta de esperanças a estrada do Céu,
A terra abandona, no empíreo desponta,
E cedo para sempre de nós se perdeu.

Ao ver-me sem ele sozinho na vida,
Faltaram-me as forças, tentei recuar,
Que a luz que me guiava, na campa sumida,
Em trevas profundas deixou-me ficar.

Mas ainda de novo pra mim sua imagem,
Surgindo da campa, me veio sorrir,
Alento infundir-me, bradar-me: «Coragem!»
E eu, forte, sua obra não quis destruir.

Por outro caminho seguiste, contudo
De espaços a espaços cingimos as mãos:
Nas lides da vida, nas lides do estudo,
Jamais esquecemos o nome de irmãos.

Mil vezes à sombra do denso arvoredado
Falávamos ambos do nosso porvir,
Dos tempos passados, do ignoto segredo
Que dentro do peito tentava florir.

Ao fim da carreira, que ansiado trilhava,
Após mil fadigas enfim te encontrei;
Mas antes, de novo a dor nos magoava:
De um túmulo à beira contigo chorei.

Aos mares da vida teu barco lançaste:
Na margem parado, meu barco sustei.
É tempo! Partamos. Tu, forte, cruzaste
As ondas, e «Ao largo!» bradar escutei.

Mas lá que me espera? nas vagas furiosas
Veria afundar-se meu pobre baixel;
Vagando tão longe de praias formosas
Irá destruir-se num outro parcel?

Calai-vos, inquietos anelos dum peito,
Que muito receia, por muito querer;
Calai-vos, esp'ranças com que eu me deleito
Nas horas mais gratas dum triste viver.

Oh! deixa, deixemos tão longo horizonte,
Que vago e obscuro para todos ele é:
Deixemo-lo, amigo, lê quando desponte.
Esperemo-lo fortes de esperança e de fé.

E a vista lancemos mais perto: no espaço
Bem curto em distância, de affectos maior,
Que vemos? Os entes, que um cândido laço
Refine em família com santo fervor.

Nos rostos que anima fulgente alegria,
Amor e ventura bem fácil se lê,
E a ideia que é hoje de encantos um dia,
O seio lhes enche de júbilo. Vê.

Louvemos o Eterno, que assim te permite
Provar duma taça tão pura e sem fel;
Saudemos o dia que aos rostos transmite
Os gozas, que verte no peito fiel.

Desviemos o rosto das nuvens passadas,
Fechemos os olhos às trevas por vir,
E as horas presentes, à paz consagradas,
Gozemos; gozemos tão belo existir.

E agora perdoa se as notas da lira
Num dia como este, que a tantos sorri,
As vezes, saudosa de mágoas, suspira,
Em vez de esperanças soar só por ti.

20 de Outubro de 1861.

VOZ DE SIMPATIA

Ao despontares da amena juventude,
De galas e de flores ornaste o seio.
E de mil sonhos de prazer no meio,
Com que o peito se ilude,
Aguardaste o alvor do Sol fulgente,
Que a luz e vida ao coração dispensa,
De amores ideais, na dita imensa,
Deleitava a mente.

Ele surgiu! esse astro rutilante!
Não efémera luz, que instantes brilha,
Porém cujo fulgor cedo se humilha,
Nasce e morre inconstante.
Surgiu! não como a chama das estrelas,
Que em multidão infinda o céu povoam,
E pálidas o véu da noite coroam,
Quais lúcidas capelas;

Mas único brilhante, duradouro,
Como o astro do dia, que surgindo,
E luminosas vagas difundindo
Raios de fulgente ouro,
Dispersa na amplidão a imensa turba
Dos outros astros que no espaço giram,
Enquanto eles no céu sua luz admiram,
E nenhum o perturba.

Volveram anos, risos e fulgores
Da idade juvenil se desvanecem,
Mas não morre a afeição, mas não fenecem
Teus cândidos amores;
Não fenecem, não morrem; crescem antes,
O sentimento e a razão os gera,
Sentimento e a razão, que Deus vertera
No teu ser, abundantes.

Volveram anos... e afinal? Gozaste
Essa ventura, esp'rança de teus dias?
Ai, não; em vez do cálix de alegrias,
O do travar provaste.
Traíram-te! e um frio esquecimento
O prémio foi de teu amor constante!
E a luz que te guiava fulgurante
Sumiu-se num momento.

E a dúvida não veio na tua alma

Negar dum Deus supremo a existência,
Descrer dessa irrisória providência.
Que aos maus concede a palma?
Oh! não; curvaste a fronte angustiada,
Escondeste tuas lágrimas ardentes,
E mostraste-te aos olhos indiferentes
Vítima resignada.

Eles vêem em teus lábios o sorriso,
E julgam que provém do esquecimento!
Cegos! vissem-te à luz do sentimento
Como eu te diviso.
Saberiam que angústia ele escondera,
Que pungente amargura nele oculta!
Saberiam que a dor que mais avulta
Não é a mais sincera.

Que mundo! Aquele que sua fé traíra,
Os prazeres, os gozas, a riqueza;
A ti saudade, isolamento, tristeza!
E não é Deus mentira?!
E o crime folga, e é vítima a inocência!...
Não folga; o Céu é justo, e o mau condena,
Dá-lhe o *remorso* por amarga pena,
E a ti a *consciência*.

25 de Abril de 1860.

Nota do Autor – Se chegar aos olhos da pessoa a quem é dirigida, ela compreenderá.

O DESTINO DA LIRA

Cantar o amor é destino
 Quando o seio pulsa ardente,
 Quando no nosso horizonte
 Surge a imagem resplendente
 Dum sol que a aridez da vida
 Transforma em jardim florente.

Mas quando a chama se extingue,
 Que no peito nos ardia,
 A lira não canta amores,
 Nem os sonha a fantasia;
 Então *natureza e pátria*
 Só nos inspiram poesia.

Depois, os anos declinam
 Como o Sol no azul dos céus;
 E quando a noite da vida
 Já nos estende seus véus,
 Todos os cantos da lira
 São consagrados a Deus!

12 de Agosto de 1860.

* * *

A luz do Sol nascente
 Resplendem pelas selvas
 Mil pérolas nas relvas,
 Nos ares mil rubis;
 No azul do céu nevoado
 Não brilham as estrelas,
 Mas são imagens delas
 As flores do tapiz.

As aves perpassando
 Agitam a ramagem,
 E a perfumada aragem
 Nos bosques se introduz;
 Aí mil vozes falam
 Ao céu sereno e mudo;
 No bosque é sombra tudo,
 No céu é tudo luz.

Ridente madrugada,
 Hora em que do oriente
 Com o gládio refulgente

O arcanjo da luz vem;
E as trevas se dissipam,
Com as trevas a tristeza,
Que em toda a natureza
A noite eivado tem.

Oh! vinde, vinde ao prado
Que o orvalho inda humedece
Ali tudo parece
A vida ressurgir.
Em vórtices contínuos,
Em doudejantes valsas
Elevam-se das balsas
Insectos a zumbir.

Subi do prado ao vértice
Da florida colina,
Então pela campina,
Os olhos prolongai
Ao longe, ao longe as vagas,
Lutando nos fragedos:
Mais perto os arvoredos
Que o arroio banhar vai.

A tudo anima a esp'rança
No monte e vale e praia;
No céu Vésper desmaia
Ao matutino alvor.
O cântico das aves,
Das flores o aroma
Nos diz:—O dia assoma!
Hosana ao Criador!

1 de Julho de 1862.

NOVA VÉNUS

Solta aos ventos as tranças douradas,
 Meiga filha das bordas do mar,
 E no meio das vagas iradas
 Solta aos ventos o alegre cantar.

Não, não temas as nuvens sombrias,
 Que uma a uma se elevam d'além,
 Que rodeado d'amor e alegrias;
 O teu céu dessas nuvens não tem,

Canta sempre; de noite às estrelas,
 De manhã ao luzir do arrebol,
 Ao passarem no mar as procelas,
 Ao sorrir aos outeiros do sol.

Canta sempre, ó alcíone destas vagas,
 Nova filha da espuma do mar,
 Canta sempre, e eu sentado nas fragas,
 Voltarei para ouvir-te cantar.

28 de Fevereiro de 1863.

* * * * *

Hoje, quando te vi, estavas cismando;
 Em que cismavas tu, virgem formosa,
 Desmaiadas as faces cor-de-rosa,
 E o seio, o gentil seio, inquieto arfando?

Em que cismavas tu? De quando em quando
 Elevavas ao céu, triste, saudosa,
 A vista amortecida, lacrimosa,
 Para a baixar depois em gesto brando.

No chão jaziam murchas, desfolhadas,
 As rosas, que ainda há pouco te toucavam,
 Agora já por ti abandonadas.

Os últimos clarões do Sol douravam
 As tuas belas tranças desatadas;
 Diz, que íntimos anelos te turbavam?

DESESPERANÇA

Meu Deus, que destino!... viver isolado,
Sem ter quem no mundo me possa entender!
Não era esta a vida que tinha sonhado
Nos sonhos passados dum outro viver!

As feras, as aves, as flores, quanto existe,
Se abrasam num terno, dulcíssimo ardor
Só eu, solitário, viver sempre triste!
Viver? – Não: que é vida, faltando-lhe o amor?

É ermo entre gelos, é hórrida noite,
Onde um só astro, sequer, nem reluz!
Como hei-de, sem crenças onde a alma se acoite,
Do Gólgota ao cimo levar minha cruz?!

O anseio, este fogo que lento me inflama
Não hei-de apagá-lo num gozo real?
E os vagos transportes que sente quem ama
Terá de abafá-los paixão mundanal?

Não ter seio amigo no qual eu repouse
A fronte cansada de ardente pensar,
Uma alma conforme com a minha, a quem ouse
Dizer quanto sinto no peito a pesar!

Ai! triste, que sorte! viver entre gelo,
Sentindo atear-se cá dentro um vulcão!
Nutrir tanto afecto no peito, e perdê-lo!...
Desejos que abrasam, mantê-los em vão!

Meu Deus! Es injusto!... mas oh! se blasfemo,
Perdoa, que a mente mal pensa o que diz!
Perdoa, perdoa-me, ó Ente supremo,
Concede-me ainda que eu seja feliz!

Oh! dá-me a ventura que em sonhos já tive!...
Uma alma que esta alma soubesse entender!
Um ente, se acaso na Terra ele vive,
Que possa este vácuo de amor preencher.

Que imenso tesouro de afectos lhe dera!
Sorria-lhe a vida num éden gentil!
Entre outros segredos então lhe dissera
Tais falas, cortadas por beijos aos mil!

Ai! foge, deixemos da vida mundana

Seus vãos devaneios, seu fogo falaz!
 Busquemos sozinhos deserta cabana,
 Aonde não turve ninguém nossa paz!

Que imensos prazeres que lá nos esperam!
 Que ledo futuro que então nos sorri!
 Ali não há mágoas, que o peito laceram,
 Dos homens o bafo não chega até ali!

Que vida, essa vida que então lá teremos
 Tão rica de afectos, de gozo sem fim!
 Que ternos enlevos, que doces extremos,
 Que belos os dias, passados assim!

De esp'ranças e flores no quadro tão lindo
 No cimo do monte, da aurora ao nascer,
 Iremos saudá-la, dizer-lhe: – Bem-vinda
 Tu sejas, que à Terra dás luz e prazer!

Depois, vendo as aves com doce harmonia
 Soltarem seus cantos no bosque além,
 Na língua dos anjos, na maga poesia,
 Aos Céus nossos hinos se elevam também;

Oremos ao Eterno, sagremos-lhe os cantos,
 Que da alma espontâneos prorrompem então!
 Depois resolvamos provar dos encantos
Da vida inefável que anima a solidão.

Da tarde ao crepúsc'lo, nos breves instantes
 Dessa hora em que se unem as sombras e a luz,
 Também nossas almas unidas e amantes
 Anelem delicias que a noite conduz!

Ali, o murmúrio da rápida brisa
 Banhada em perfumes, roubados à flor,
 A linfa, que mansa no prado desliza,
 Virão segredar-nos mil falas de amor!

– Amor – repercutam os ecos da serra!
 – Amor – lá das aves se escute na voz!
 E as nuvens, as fontes, os bosques, a terra,
 – Amor – só respirem em torno de nós!

– Amor – alta noite veremos escrito
 Com letras douradas no livro de Deus!...
 Presságio divino do gozo infinito,
 Que um dia teremos unidos nos Céus.

E um dia lá corre, d'amor bafejado,

Ao outro que surge prazeres iguais!
E sempre esta vida!... Mas, ai! desgraçado!...
Que assim me enlevava de esp'ranças banais!

Debalde iludir-me procuro num sonho!
Cruel desengano, cruel que ele é!
Ele aponta o futuro, sombrio e tristonho,
Sem crenças, sem glória, sem vida, sem fé!

A mim só me resta viver isolado!
Sem ter quem no mundo me possa entender!
Ai! sonhos tão belos que outrora hei sonhado!
Delícias passadas dum outro viver.

SIMILIA SIMILIBUS

Nova seita proclamaram
De Esculápio os descendentes;
Dão vivas os boticários,
Estremecem os doentes.

Mas que achado! Os velhos médicos
Vêm o passado com mágoa;
Estes, de novo sistema,
Aquecem água com água.

O fogo apagam com fogo,
Dão vista aos cegos, cegando,
E até pra coroar a obra,
Curam da morte... matando.

HISTÓRIA DE UNS BEIJOS

Ouvia gabar os beijos,
Dizer deles tanto bem,
Que me nasceram desejos
De provar alguns também.

Esta fruta não é rara,
Mas nem toda tem valor,
A melhor é muito cara
E a barata é sem sabor.

Colhi-os dos mais mimosos,
Provei três; mas, por meu mal,
Ao principio saborosos,
Amargaram-me afinal.

Um colhi eu de uma bela
Que era Rosa, sem ser flor,
Se tinha espinhos como ela,
Dela também tinha a cor.

Vi-a a dormir e furtei-lhe
Um beijo, que a acordou,
Eu gostei, porém causei-lhe
Tal susto que desmaiou.

Logo que a vi sem sentidos
Fugi sem outro lhe dar,
Pois beijos sem ser pedidos
Não são coisas pra brincar.

Porém deste beijo ainda
Pouco tive que dizer,
Pois a tal rosa... era linda
E tornou a reviver.

Outra vez, duma morena,
Olhos azuis, cor do céu,
Corpo esbelto, mão pequena,
Um beijo me apeteceu.

Pedi-lho, e então por bom modos,
Pedi-lho do coração.
Zombou dos meus rogos todos
E respondeu-me: que *não*.

Zombei, como ela zombava

E um beijo, à força lhe dei;
Mas... bem dado ainda não estava
E curo bofetão o paguei.

Custou-me caro o desejo,
Que mui caro ela o vendeu.
Pagar por tal preço um beijo!
Assim não os quero eu.

Este mais do que o primeiro
Me deixou fraca impressão;
Quis provar inda um terceiro,
Para não jurar em vão.

Mas não quis fruta roubada,
Que mal com ela me dei;
Uma dama delicada
Ofereceu-ma... eu aceitei.

Ai que boa fruta era!
Estava mesmo a cobiçar.
Passar a vida quisera,
Tal fruta a saborear.

Mas no meio da colheita...
Da fruta o dono apareceu;
Zelosos olhos me deita:
Se zelava o que era seu!

Vendo o caso mal seguro
Eu logo ali lhe jurei
Restituir até com juro
A fruta que lhe tirei.

E acaso não discordasse,
Não me parecia mal
Que a ele os juros pagasse,
E à senhora... o capital.

Esta sensata proposta
Em fúrias o arrebatou,
E, por única resposta,
Pra luta se preparou...

Oiço ainda gabar os beijos,
Dizer deles muito bem,
Mas findaram-me os desejos,
Já sei o sabor que têm.

Nota do *Autor* – Desde já afirmo que não fui eu o protagonista da história. Ainda não tive uma indigestão deste género de fruta, e nem sei, para falar francamente, se mesmo quando a tivesse, a ficaria abominando para sempre. o caso, enquanto a mim, não foi de natureza que justificasse semelhante aversão; mas enfim há susceptibilidades tais... Não afirmamos, contudo, que a dieta tenha sido escrupulosamente observada.

Nesta espécie de fruta, parece-me que, ao contrário do que se diz para as outras, é a qualidade e não a quantidade que faz o mal.

SEGUNDA PARTE

A J.* *

Acredita que os anjos também sofrem
Nesta mansão de dores.
E não olhes o mundo lacrimosa,
Quando o vires despido de fulgores.

Mal sabe, a rosa, ao vicejar lasciva
Em plena Primavera,
Que é passageira a quadra; que após ela
Se despoeva o prado e a morte a espera.

O terreno que pisas nesta vida
Oculta um precipício
O caminho, onde ao fim vemos a glória,
Quantas vezes termina no suplício!

Eu já vi, sobre um túmulo isolado,
Um grupo de crianças
Dando as mãos, e travando em chão de morta,
Com risos infantis, alegres danças.

Vi-as também sorrindo descuidadas,
Se piedoso viandante
Parava pensativo e, murmurando,
Uma humilde oração, passava adiante.

Assim também sorris, se melancólico
Eu penso no futuro,
Quando uma sombra vem turbar-me a fronte.
Com elas, ris do meu semblante escuro.

Mas olha, vais saber a história triste
Desses três inocentes,
Que sobre as cinzas frias duma campa
Se entregavam a jogos complacentes.

À noite a mãe, beijando-os, estranhou-lhes
Das faces a brancura;
E um presságio sentiu; ao alvor do dia
Levava-os todos os três à sepultura.

E que os ares do túmulo dão morte
Em afago homicida;
Nesse ar infecto em que se extingue a chama,
Também arqueja e expira a luz da vida.

Teme pois também tu, cândida virgem,
O ar que aqui respiras;
E não perguntes mais ao viandante
Que pensamentos de amargor lhe inspiras.

Nota *do Autor* – Esta poesia foi enviada ao redactor da *Grinalda*, João Nogueira Lima, assinada com o pseudónimo Júlio Dinis, em 9 de Março de 1861 e publicada no 3º número daquele jornal. No dia 18 de Março, à noite, o Passos elogiou-a sem saber quem era o autor.

A NOIVA

(NO ÁLBUM DA EX.^{ma} SR^a D. ISABEL M. FIGUEIREDO DE CARVALHO)

Mal as regiões do oriente
A luz da manhã tingia,
Já ao cristalino espelho
A linda noiva sorria,
E a alva flor da laranjeira
Ao véu de neve prendia.

A noite passara à vela
E que noiva a dormiria?
E ao desmaiar das estrelas,
Alvoroçada se erguia.
E a alva flor da laranjeira
Ao véu de neve prendia.

Depois, ligeira, impaciente,
Chegava-se à gelosia
A ver se o sol já dourava
Os cimos da serra,
E a alva flor da laranjeira
Ao véu de neve prendia.

De quando em quando chorava...
E o que chorar a fazia?
Saudades do que passara?
Terroros do que viria?
E a alva flor da laranjeira
Ao véu de neve prendia.

Mas são lágrimas de noiva,
Um só beijo as secaria,
São como gotas de orvalho
Quando o Sol as alumia;
E a alva flor da laranjeira
Ao véu de neve prendia.

Que longo porvir de amores,
Que futuro de poesia,
Que palácios encantados
Lhe pintava a fantasia,
Quando a flor da laranjeira
Ao véu de neve prendia!

E ao casto leito de virgem
Dentro da alcova sombria,

A noiva, de quando em quando,
Inquieta os olhos volvia;
E a alva flor da laranjeira
Ao véu de neve prendia.

Por entre o rosai florido,
Que o balcão lhe entretecia
As avezinhas cantavam
Com festiva melodia,
E ela a flor da laranjeira
Ao véu de neve prendia.

Alto ia o Sol, resplendente
Na manhã daquele dia,
Cuja noite... Esta lembrança
Da noiva as faces tingia;
E a alva flor da laranjeira
Ao véu de neve prendia.

A mãe, vendo-a tão formosa,
Julgava um sonho o que via,
Que o vestido de noivado
As graças lhe encarecia,
E a alva flor da laranjeira
Do véu de neve pendia.

Vêm as irmãs, que a contemplam
Com inveja, eu juraria,
Ela baixa os olhos, cora,
O que mais bela a fazia,
E a alva flor da laranjeira
Do véu de neve pendia.

Junto delas, perturbada,
Quase nem falar podia;
Só as mães bem compreendem
O que a noiva então sentia,
Quando a flor da laranjeira
Do véu de neve pendia.

As horas passam tão lentas!
E o coração lhe batia,
A mãe chorava, coitada,
Com saudades o fazia;
E a alva flor da laranjeira
Do véu de neve pendia.

A sala já estava cheia;
A noiva achava-a vazia,
Que entre tantos convidados

Ainda o noivo se não via;
E a alva flor da laranjeira
Há muito do véu pendia!

Passa a manhã, e não chega!
Não chega, e é já meio-dia!
Nas varandas, nos eirados,
Se dispersa a companhia;
E a alva flor da laranjeira
Há tanto do véu pendia!

O rosto da bela noiva
Cada vez mais se anuvia,
Não sei que voz misteriosa
Desgraças lhe pressagia;
E a alva flor da laranjeira
Inda do véu pendia.

Faneca a tarde. Eis a noite,
Hora de melancolia.
No rosto dos convidados
Desassossego se lia,
E a alva flor da laranjeira
No véu da noiva tremia.

Tudo é silêncio. A coitada
Uma estátua parecia...
Tão pálida como mármore,
Como ele imóvel, fria;
Só a flor da laranjeira
No véu da noiva tremia.

Abrem-se as portas. «É ele!»
Disse toda a companhia:
Porém ilusória esperança!
Um pajem só aparecia;
E a alva flor da laranjeira
Do véu da noiva cala.

Tristes novas traz o pajem,
Que triste o rosto trazia;
Fez-se um silêncio profundo
Entanto que ele as dizia,
E a alva flor da laranjeira
Inda por terra jazia.

Dispam-se as galas da festa,
Calem-se os sons da alegria,
Que morto em cruel combate
O noivo... Um grito se ouvia,

Junto à flor da laranjeira,
A noiva no chão caía.

Cercam-na todos... de balde,
O seio já não batia;
Aquele mimosa planta
Sem alento sucumbia,
Como a flor da laranjeira,
Derrubada ali jazia.

Mal sabia a pobre noiva
Pra que bodas se vestia!
Mal sonhava a desposada
Que a morte esposar devia!
Quando a flor da laranjeira
Ao véu da neve prendia.

Com as vestes do noivado
Para o sepulcro ela se ia;
Em vez do rubor da noiva
A palidez da agonia
E a alva flor da laranjeira
Do véu de neve pendia.

Tantos sonhos que sonhara!...
Tanta esperança que nutria!...
Por esposo tinha a morte,
Por tálamo, a lousa fria,
E a flor da laranjeira
Com ela à campa descia.

O DESPERTAR DA VIRGEM

Que é isto? que sentimento
Me faz palpitar o seio?
Meu Deus, meu Deus, porque anseio?
A que aspira o coração?
Que me revela este fogo,
Esta vaga inquietação?

Da vida a clara corrente
Porque é que se perturba?
Porque, fugindo da turba,
Eu só folgo ao ver-me a sós,
Escutando ignotas falas
De não sei que estranha voz?

Inda há pouco me apraziam
Da alegre infância os folguedos;
Hoje não sei que segredos
O coração me prediz.
Enfadam-me as alegrias
Desses tempos infantis.

As horas do fim do dia,
Quando o Sol no mar declina
E de áurea luz ilumina
Todo o horizonte ao redor,
Porque me sinto enleada
Num indizível langor?

De manhã, quando nas salvas
O dia desperta as aves,
E mil aromas suaves
Sobem dos campos ao céu,
Porque sinto ante meus olhos
Estender-se húmido véu?

E esta imagem resplendente,
Que sorrir-me em sonhos vejo,
Ai, tão bela que desejo
Sempre mais tempo sonhar!
Quem é que em tão mago enleio
Me faz, sem querer, sonhar?

Este ansiar incessante,
Esta esp'rança inda tão vaga
De gozes, que a mente afaga,
Mal lhe sabendo o valor,

Este ignoto sentimento...
Deus do Céu, será o amor?

Amor! que palavra é esta,
Que ela só me sobressalta
E mil sensações exalta
Desconhecidas pra mim...
Que poder mágico encerra
Para me agitar assim?

É o amor o sentimento
Que me faz arfar o seio?
Este gozo por que anseio
E a que aspira o coração?
É pois amor este fogo,
Esta vaga inquietação?

1859.

Nota do Autor – Não sou por certo eu o melhor juiz da verdade desta poesia.
Escrevi-a de palpite. Julgue-a quem pode.

QUINZE ANOS

(NO ÁLBUM DO MEU AMIGO J. M. NOGUEIRA LIMA)

Que são quinze anos, quando a virgem cora?
Quando, já triste, na solidão vagueia?
Que são quinze anos, se ao surgir da aurora,
A embala em sonhos embriagante ideia?

Se ao fim da tarde, em languidez caída,
Do peito sente o palpitar inquieto,
E aspira, ansiosa, mas ardente vida,
Vida de amores, de paixões, de afecto?

Que são quinze anos, quando um sangue ardente
No peito infunde abrasadora lava?
Quando aos assomes da paixão nascente,
A alma da virgem se submete escrava?

Ai, quantas vezes nesses jovens seios
Se esvai bem prestes a infantil bonança?
Quantas se ocultam juvenis enleios,
Nas aparências de pudor, criança?

Vês a palmeira, que no nosso clima
Arbusto humilde, um vendaval derruba,
Como nas plagas, que o calor anima,
Eleva altiva a majestosa juba?

A mesma vida, que recebe a planta
Nessas paragens onde o Sol dardeja,
O amor, o astro que a existência encanta,
A mesma vida ao coração bafeja.

E tu, que deixas os pueris folguedos,
Como a grinalda que esfolhada viste,
E erras em choro por jardins e olmedos,
Ai, virgem, virgem, já o amor sentiste.

Já o aspiraste, percorrendo a relva,
Entre perfumes de violeta e rosas;
Falou-te dele o rouxinol na selva,
E a estreia em noites de Verão formosas.

Falou-te dele a matutina brisa,
Por entre as folhas sussurrando meiga;
No prado a linfa, que a correr desliza,
E a borboleta nos rosais da veiga.

Falou-te dele esta gentil paisagem,
O azul dos céus, a secular floresta.
Esse o mistério que em subtil linguagem
As virgens conta a natureza em festa.

Ouvindo, pois, as namoradas falas,
Que eu delirante te falei, donzela,
O que receias? porque assim te calas,
Rubra de pejo, que te faz mais bela?

Esconde a fronte no meu peito, esconde,
Mas não hesites ao dizer-me que amas.
Que são quinze anos, linda flor? responde,
Quando o teu seio se devora em chamas?

1862.

O BOM REITOR

Sabem a história triste
Do bom reitor?
Mísero, toda a vida
Levou com dor.

Fez quanto bem podia,
Mas... afinal
Morre, e na pobre campa
Nem um sinal.

Nem uma cruz ao menos
Se ergue no chão!
Geme-lhe só no túmulo
A viração.

Vedes, além, na relva
Junto ao rosal,
Flores que há desfolhado
O vendaval?

Cobrem-lhe a lousa humilde;
A criação
Paga-lhe assim a dívida
De compaixão.

Pobres, que amava tanto,
Nunca, ao passar,
Choram, curvando a fronte
Para rezar.

Nunca, ao romper do dia,
O lavrador
Pára e lamenta a sorte
Do bom reitor.

As criancinhas nuas
Que estremeceu,
Já nem sequer se lembram
Do nome seu.

No salgueiral vizinho,
Ao pôr do Sol,
Vai carpir-lhe saudades
O rouxinol,

Lágrimas... pobre campa!

Ai, não as tem;
Só da manhã o orvalho
Rociá-la vem.

Da solitária Lua
A triste luz
Grava-lhe em vagas sombras,
Estranha cruz.

E ele repousa, dorme,
Vive no Céu.
Dorme, esquecido e humilde,
Como viveu.

Há nesta vida amarga
Sortes assim:
Vive-se num martírio,
Morre-se enfim.

Sem que memória fique
Para contar
As gerações que passam,
Nosso penar.

Quem me escutar, se um dia
Ao prado for,
Ore pelo descanso
Do bom reitor.

Julho de 1864.

Publicada no *Jornal do Porto*. Faz parte do folhetim – «Impressões do campo» –
A Cecília – assinado Diana de Avelada.

INICIAÇÃO

Além, naquela avenida,
De plátanos e salgueiros,
Foi que em teus beijos primeiros
Bebi a primeira vida.

Sob os copados verdes
Daquela frondosa rua,
Mal vistos da própria Lua,
Falávamos nós de amores.

Todos em nossa procura,
Nós a rirmos escondidos.
Oh! que instantes decorridos!
Oh! que rápida ventura!

«Vai», disseste-me ao partires.
Que estes beijos te dêem vida.
Adeus, a infância é volvida!
Luta, e... se não sucumbires...»

E a voz faltava-te em meio;
E eu disse com modo brando:
«Se não sucumbir?...» Chorando.
Apertaste-me ao teu seio.

«Volta; e a sentida promessa,
Que em meus beijos entendeste,
Cumprida Será». Disseste:
«Adeus. A luta começa.»

E começava! Ai, por vezes
Me tomou o desalento;
Porém aquele momento
Lembrava-me nos reveses.

Lutei. E ao voltar agora
Com as lembranças do passado.
Dize-me, anjo, se me é dado
Recordar-te ainda essa hora?

1866.

A JOVEM MÃE

Vistes a jovem mãe junto do berço
Do filho adormecido?
Que lhe importava o resto do universo?
Tudo o que a mão de Deus nele há disperso
Via ali resumido.

A guerra vai acesa, o sangue corre
Pelas nações da Terra;
Mas todo esse rumor no berço morre:
A aumentar o silêncio até concorre
Que o gineceu encerra.

Um dia, ao pôr do Sol, ela embalava
O berço do inocente.
E, corri os olhos nele, se entregava
A sonhos de ventura e olvidava
No porvir o presente.

Por um momento a olhou ele e sorria:
Mas que sorriso aquele!
A mãe, que todos os gastos lhe entendia,
Estranhou-lhe o sorrir, que de alegria
Ai, não, não era ele.

O seio a palpitar-lhe, e mansamente
Nos lábios o beijava.
Mas no amoroso ósculo, somente
Recebeu o espírito inocente,
Que a Terra abandonava.

Tendes já visto o mar tranquilo e unido
Nas praias deslizando,
E depois levantar-se embravecido
Qual o leão, do caçador ferido,
As crinas eriçando?

Tendes já visto o vento pela serra
Gemendo brandamente,
Para depois, em tumultuosa guerra,
Descer aos vales, devastar a terra
Assolador, fremente?

Assim a pobre mãe se ergueu, os ares
Enchendo com seus gritos!
Como a fera a rugir entre os palmares,
Corre a pobre sem tino, os seus olhares

Volvendo ao Céu aflitos.

Ao vê-la, di-la-eis impelida
 Por sobre-humana força.
 Nem mais veloz, no bosque foragida,
 Através das devesas perseguida,
 Corre a tímida corça.

De repente parou, como escutando
 Uma vaga harmonia.
 E um estranho fulgor de quando em quando
 Vinha animar-lhe as faces, revelando
 Insólita alegria.

Volta ao berço do filho inanimado.
 Pára, olha-o, medita.
 Depois cingindo-o ao seio angustiado,
 Corre à praia do mar, que o vento irado
 Então revolve e agita.

«Filho, filho, não partas só da vida,
 Espera, eu vou contigo.»
 Disse, e nas penhas húmidas erguida,
 Com o inocente, na vaga enfurecida
 Busca o final jazigo.

.....

Viste a jovem mãe na campa fria
 Unido o filho ao peito?
 Que lhe importava o mundo, onde o não via?
 Como outrora, embalando-o, adormecia,
 Mas no funéreo leito.

1862.

A VIDA

A alvorada foi risonha
Ergueste-te como o dia,
Eu fiz, naquela alvorada,
Uma alegre profecia.

Inda radiava fulgente
Vénus, a saudosa estrela,
Já tu ornavas as tranças
E cantavas à janela.

E dos laranjais vizinhos
Os rouxinóis acordados
Respondiam-te com trinos
Da tua voz namorados.

Dos virentes jasmineiros,
Que a Primavera enflorava,
Vinha cheio de perfumes
O vento que te beijava.

Quem dissera então ao ver-te
Nessa risonha alvorada,
Que à noite, estrela cadente,
Serias inanimada?

Escrito em um álbum a pedido de F. M. de Sousa Viterbo em 1870.

TRIGUEIRA

Trigueira! que tem? Mais feia
Com essa cor te imaginas?
Feia! tu, que assim fascinas
Com um só olhar dos teus!
Que ciúmes tens da alvura
Desses semelhantes de neve!
Ai, pobre cabeça, leve!
Que te não castigue Deus.

Trigueira! se tu soubesses
O que é ser assim trigueira!
Dessa artilosa maneira
Porque tu o sabes ser;
Não virias lamentar-te,
Toda sentida e chorosa,
Tendo inveja à cor da rosa,
Sem motivos para a ter.

Trigueira! Porque és trigueira
É que eu assim te quis tanto.
Dai provém todo o encanto
Em que me traz este amor.
E suspiras e murmuras;
Que mais desejavas inda?
Pois serias tu mais linda,
Se tivesses outra cor?

Trigueira! onde mais realça
O brilhar duns olhos pretos,
Sempre húmidos, sempre inquietos,
Do que numa cor assim?
Onde o correr duma lágrima
Mais encantos apresenta?
E um sorriso, um só, nos tenta,
Como me tentou a mim?

Trigueira! E choras por isso!
Choras, quando outras te invejam
Essa cor, e em vão forcejam
Por, como tu, fascinar?
Ó louca, nunca mais digas,
Nunca mais, que és desditosa.
Invejar a cor da rosa,
Em ti, é quase pecar.

Trigueira! Vamos, esconde-me

Esse choro de criança.
Ai, que falta de confiança!
Que graciosa timidez!
Enxuga os bonitos olhos,
Então, não chores trigueira,
E nunca dessa maneira
Te lamentes outra vez.

Abril de 1864.

Escrita no álbum da Ex.^{ma} Sr^a D. M. Veloso e aproveitada para o romance *As Pupilas do Sr. Reitor* – publicada no *Jornal do Porto*, em 1886 e em volume em 1887.

A INTERCESSÃO DA VIRGEM
(DE H. HEINE)

I

Jazia o filho no leito,
A mãe olhava o balcão.
– «Não te Levantas, meu filho,
Para ver a procissão?»

– «Ai, mãe! se estou tão doente,
Que não posso ouvir nem ver
Penso nela... a pobre morta...
Como não hei-de eu sofrer!»

– «Ergue-te, filho, e à romagem
Iremos juntos a orar,
Que aos corações doloridos
Sabe a Virgem consolar.»

Já se ouvem os sacros hinos,
Da cruz flutua o pendão;
Em Colónia sobre o Reno
Vai passando a procissão.

E a mãe e o filho acompanham
A turba que segue o andor,
Dizendo em coro com ela:
– «Glória a ti, Mãe do Senhor!»

II

Como a Senhora está linda
Com o seu mais rico vestir!
Correm-lhe em chusma os doentes,
Muito tem ela que ouvir!

Todos lhe trazem promessas
Com ferventes devoções:
Membros, pés e mãos de cera,
Jazem no altar aos montões;

Quem lhe der um pé de cera,
Logo do pé sarará;
Quem mãos de cera lhe ofereça,
A mão curada verá.

Mancos, que à romagem foram,

Vêm-se na corda saltar;
Outros de mãos aleijadas,
Destros agora a tocar,

Da alva cera duma vela
Fez a mãe um coração.
– «Leva isto à Virgem Maria,
Que te cure essa paixão.»

Gemendo, o filho a recebe,
Gemendo a vai ofertar;
Dos olhos lhe brota o pranto,
Do coração este orar:

– «Ó Maria gloriosa!
Serva pura e mãe de Deus:
Virgem, dos Céus Soberana,
Escuta os lamentos meus!

«Em Colónia, onde as igrejas
Se podem contar às cem,
Os meus dias descuidado
Passava com minha mãe.

«E junto de nós vivia
Margarida... a que morreu...
Dou-te um coração de cera,
Cura as feridas do meu!

«Cura minha alma dorida,
Que eu com devoto fervor
Direi de dia e de noite:
– «Glória a ti, Mãe do Senhor!

III

Alta noite, adormecidos
Jaziam o filho e a mãe,
E a Virgem mui de mansinho
Entrando no quarto vem.

Pendida sobre o doente
No peito a mão lhe pousou,
E com gesto suavíssimo
Sorrindo se retirou.

Como se através dum sonho,
Tudo isto a mãe percebeu
E acordando alvoroçada,
Junto do filho correu.

Estendido sobre o leito,
Morto, a triste o foi achar;
Andava-lhe a luz da aurora
Pelas faces a brincar.

Vendo-o assim, a mãe piedosa
Juntou as mãos com fervor
E em voz baixa disse, orando:
– «Glória a ti, Mãe do Senhor!»

Abril de 1864.

METEORO

Não a viram passar? Era no Outono,
Quando languescer a flor, quando na selva
Se cala o rouxinol e ao abandono
Jazem as folhas na crestada relva.

Não a viram passar? As altas neves
Revestiam das serras as cumeadas,
E em vez das brisas perpassando leves,
Assopravam violentas as rajadas.

No meio da tristeza destas cenas,
Ela só, muda e pálida, sorria,
O seio a anuviar-se-lhe de penas,
O rosto a iluminar-se de alegria.

Não a viram? Passou. A natureza
É outra vez de galas revestida,
Mas minha alma é coberta de tristeza
Como naquele instante da partida.

Setembro de 1860.

Escrita em um álbum.

A DESPEDIDA DA AMA

(A meu primo e amigo J. J. Pinto Coelho)

Adeus filho do meu peito,
Que do meu peito nutri...
Parto, Vou deixar-te, filho,
Ai, que farei eu sem ti?!

Adeus! Já quando acordares
Chorando não me verás;
As noites a acalantar-te
Outra voz escutarás.

Que amor te ganhei, meu filho!
Que triste amor este meu!
Se assim tinha de deixar-te,
Pra que tanto te quis eu?

Os teus primeiros gemidos
Tua mãe não quis ouvir;
E a mim, que os calei com beijos,
Mandam-me agora partir!

Pus à volta do teu berço
Todo o amor que um seio tem,
E arrancam-te de meus braços,
Porque eu não sou tua mãe!

Os teus vagidos de infante
Fui eu quem os sosseguei;
Carinhos que semeava,
Para a outra os semeei!

Parto. Dentro em pouco, filho,
Nem tu me hás-de conhecer;
E assim de pequenino
Te ensinam já a esquecer.

Adeus! Nesta despedida
A alma toda se me vai.
E, sem querer, o meu pranto
Sobre a tua fronte cai.

Que desse sono inocente
Te não vá ele acordar;
Que as forças me faltariam
Então, para te deixar.

Vamos, pobre mulher, vamos
Está finda a criação,
Deste vida a este menino,
Não lhe dê o coração.

O coração? Quem to pede?
Pedem-te o leite, não mais.
Vamos, pobre mulher, vamos,
Que o acordas com teus ais!

Adeus filho da minha alma,
Teus carinhos não são meus,
O choro corta-me a fala,
Mal posso dizer-te... adeus.

Março de 1865.

NO ALTAR DA PÁTRIA

(Ao meu amigo João Marques Nogueira Lima)

I

Tinge do oriente as serras
O matutino alvor;
E do clarim das guerras
Se ouve o mortal clangor.

– «Ai, grata paz dos lares,
Adeus, força é partir.
Ó sombra dos pomares!
Ó rosas a florir!

«As hostes reunidas
Chamam-me a combater,
Ai, longas avenidas,
Tornar-vos-ei a ver?

«Adeus, loucos amores!
Adeus, beijos febris,
Adeus, mudos verdores,
Que em sombras os encobris.»

– «Ó mãe, dá-me uma espada
Oíço da Pátria a voz!»
– «Ei-la. É imaculada,
Era a de teus avós!»

– «Pura a trarei, voltando...
Se não morrer ali.»
– «Vai! disse a mãe, chorando,
Eu rezarei por ti.»

.....

– «Filho, meu filho, espera!
Não me ouve já. Partiu!
E o ardor que a sustivera
De todo se extinguiu.

II

No campo já se escuta
Das alas o marchar.
Que agigantada luta

Além se vai travar?

Dá-se o sinal! Furiosas
Partem as legiões;
Encontram-se raivosas
Bramem como os leões.

Ai, que tinir de espadas!
Que estrépito fatal!
Que vozes angustiadas
Se escutam no arraial!

O sangue rutilante
Inunda e tinge o chão;
Aos ais do agonizante
Responde a imprecação.

Em pé, os combatentes,
Perdidos os corcéis,
Cingem-se quais serpentes
Em pérfidos anéis.

A luta é braço a braço,
A golpes de punhais;
Se caem de cansaço,
Não se levantam mais.

A luta é peito a peito,
Terrível e cruel!
As cãs não há respeito,
A dor não há quartel!

III

Findou! Tranquilo é tudo...
Já tudo emudeceu.
O campo é triste e mudo;
É triste e escuro o céu!

A custa de mil vidas
Salvou-se a Pátria enfim!
Mas porque são sentidas
As vozes do clarim?

As hostes vitoriosas
Porque tão tristes vêm?
Ai, que ânsias dolorosas
Sentia a pobre mãe!

Passa a primeira fila...

Mísera, que o não vês!...
 Outra, outra mais. Vacila...
 Cresce-lhe a palidez!

Olha-as uma por uma,
 E a última passou;
 E delas em nenhuma
 Inquieta o filho achou!

E o céu mais se escurece;
 O campo é envolto em pó;
 E a triste permanece
 Absorta, muda e só!

IV

Que solidão de morte!
 Que erma a planície jaz!
 Dorme no campo o forte,
 Sono de glória e paz.

Dorme a valente raça
 De intrépidos heróis!
 Cegos, ao sol que passa
 Saúdam novos sóis.

Que sepulcral figura
 Se adianta além subtil;
 Tão cheio de amargura
 O gesto e o olhar febril!

A ensanguentada arena
 Os passos seus conduz;
 Ralou sobre esta cena
 Da Lua a tarda luz.

Súbito em desvario
 Solta um sentido ai,
 Junto a um cadáver frio
 Desfeita em pranto cai.

«És tu! és tu? ai, filho!
 Ai, como te encontrei!
 Como estão já sem brilho
 Os olhos que eu beijei!

«Vai, sombra idolatrada,
 A tua Pátria, aos Céus!»
 Cinge-lhe ao peito a espada;
 Morre ao dizer-lhe: «Adeus!»

HINO AO TABACO

No centro dos círculos
De nuvens de fumo,
Um deus me presumo,
Um deus sobre o altar!
Nem doutros turíbulos
Me apraz tanto o incenso
Como o deste imenso
Cachimbo exemplar!

Em divãs esplêndidos,
Cruzadas as pernas,
Fuma, horas eternas
O ardente sultão
Subindo-lhe ao cérebro
O mágico aroma,
Esquece Mafoma,
Houris e Alcorão.

Longe, oh! longe o ópio,
Que os sonhos deleita
Da mísera seita
Dos Theriakis!
Horror ao narcótico
Que vem das papoulas!
E ao que arde em caçoulas
No altar de Caciz!

Que a raça gentílica
Das zonas ardentes
Consuma as sementes
Do arábio café.
Despejem-se as chávenas
Da atroz beberagem
Da cor do selvagem
Da adusta Guiné.

E a tal folha exótica,
Delícias da China,
Por nossa má sina
Trazida de lá,
Servida em família
Num morno hidro-infuso?...
Anátema ao uso
Das folhas do chá!

Nem tu, ó alcoólico

Humor dos lagares,
 Terás meus cantares,
 Meus hinos terás,
 Embora das ânforas,
 Vazado nas taças,
 Aos outros tu faças,
 A língua loquaz.

Cerveja britânica,
 De furor espuma?
 De coisa nenhuma
 Me podes servir.
 Quando oiço do lúpulo
 Gabarem proezas
 As boas inglesas,
 Desato-me a rir.

Nem venha da cânfora
 Pregar maravilhas
 O das cigarrilhas
 Famoso inventor.
 Raspail é cismático
 E eu sou ortodoxo
 O seu paradoxo
 Não me há-de ele impor.

Meu canto é da América,
 Pais do tabaco,
 Perante o qual Baco
 Seu ceptro partiu.
 A Europa, Ásia e África
 E a Terra hoje toda
 Este herói da moda
 De fumo cobriu.

Até na Lapónia
 Da gente pequena,
 Se fuma; e no Sena,
 No Tibre e no Pó,
 No Volga e no Vístula,
 No Tejo e no Douro;
 Que imenso tesouro
 Se deve a Nicot!

Meus áridos lábios
 Mais fumo inda aspirem;
 Que os parvos suspirem
 Por beijos aos mil.
 Não quero outros ósculos,
 Não quero outra amante...

Qual mais doudejante
Que o fumo subtil?

Tornadas Vesúvios,
As bocas fumegam
De nuvens que cegam
Vomitam montões.
Fumar! Oh delícias!
Prazer de nababo!
E leve o Diabo
Do mundo as paixões.

TERESA

(A minha sobrinha Ana C. Comes Coelho)

Era uma criança loura
Quando a conheci pequena:
Mais branca do que a açucena
E pronta sempre a chorar.
Havia naqueles olhos
De um certo azul esvaído,
Não sei que oculto sentido
Que me fazia cismar.

Quantas vezes, ao pé dela,
Correndo-lhe a mão nas tranças,
Eu lhe disse: «Tu não danças,
Como vês dançar as mais?»
Ela olhava-me e sorria,
Sorria, mas suspirava,
E inda mais triste ficava,
Como nem imaginais.

Meu Deus, que criança aquela!
Que tão precoce tristeza!
Dizem-lhe um dia: «Teresa
Sabes? tua mãe morreu.»
Fez-se pálida de morte...
E, levando as mãos ao seio,
Ia a falar, mas, no meio,
Reprimiu-se e emudeceu.

E desde então nunca a viram
Mais com as suas companheiras;
Ficava-se horas inteiras
A sombra do laranjal.
Surpreendiam-na sozinha
Com os olhos fitos no espaço
E esfolhando no regaço
As rosas do seu rosal.

As brisas, gemendo tristes
Por entre a verde folhagem,
Segredavam-lhe a linguagem
Sonora da solidão.
Essas mil vozes do campo,
Todas ela compreendia,
Que fadado pra poesia
Fora aquele coração.

Ai, que infância tão de gelo!
 Que madrugada da vida!
 Ai, pobre alma estremecida
 Pelas saudades da mãe!
 Quantas vezes, alta noite,
 A triste julgava vê-la
 Em cada fúlgida estrela
 Que o firmamento contém!

Um dia, ao cair da tarde,
 E de uma tarde de Outono,
 Acordou de um brando sono
 E pôs-se a rir para mim.
 «Já sorris? És salva, filha,
 Enfim!» E a beijei contente.
 Olhando-me ternamente
 Ela repetiu: «Enfim!»

Enfim!... mas que triste acento
 Nessa palavra vertera!
 Foi como que se dissera
 A vida um último adeus.
 Era como um grito de alma,
 Rompendo a prisão que a encerra,
 E partindo-se da Terra
 Pra fundir-se nos Céus.

Iluminavam-lhe as faces
 Os raios de estranho fogo.
 Ao vê-la compreendi logo
 Tudo o que se ia passar.
 «Teresa, que tens? Responde.»
 Disse, cingindo-a a meu peito;
 E ao levantá-la do leito
 Assustou-me aquele olhar.

As faces são-lhe de neve
 Na frialdade e na alvura.
 O sorrir que a transfigura
 Dá-lhe um todo divinal.
 Por sobre as cândidas roupas
 Caem-lhe as tranças douradas,
 E nas pálpebras cerradas
 Se extingue o alento vital.

Nos lábios já descorados
 Que meiga expressão escrita!
 O seio já não palpita...
 Lânguida a fronte lhe cai...

Uma lágrima saudosa
Pelas faces lhe resvala,
E a vida inteira se exala
Num sumido e extremo ai.

.....

Era uma criança loura
Quando a vi na sepultura,
Da açucena tinha a alvura,
Teve seu curto durar.
Daqueles olhos serenos
De um certo azul esvaído,
Ai, fatal era o sentido
Que me fazia cismar.

1863.

NUM ÁLBUM

Se exigirem perfumes às flores
Pra tecerem com elas grinaldas,
Não procurem do monte nas fraldas
A modesta e inodora cecém.
Se igualmente desejas, amigo,
Para aqui mais que versos, poesia,
Antes deixes a folha vazia,
Pois meus versos poesia não têm.

SONHO
(DE H. HEINE)

Sonhando, chorei. Sonhava
Que morta te estava a ver.
Acordei: ardentes lágrimas
Senti nas faces correr.

Sonhando, chorei. Sonhava
Que tu me querias deixar.
Acordei: amargamente
Fiquei depois a chorar.

Sonhando, chorei. Sonhava
Que esse amor ainda era meu.
Acordei corre o meu pranto
Como ainda assim não correu.

Abril de 1864.

A NOVIÇA
(NO ÁLBUM DA EX.^{ma} SR.^a D. JÚLIA ALVES PASSOS)

«Oh! vem, querida irmã, do santuário do templo,
Já desce a receber-te o celestial Esposo.
Vem ser da nossa fé sublime o vivo exemplo;
Vem, deixa sem pesar do mundo o falso gozo.

«Vem; dos círios à luz, ao som de alegres hinos,
Cinge o hábito escuro, emblema da humildade,
E, abrasada no ardor dos teus estos divinos,
Despe, ao entrar no claustro, as galas da vaidade.

«Esposa do Senhor, virgem cândida e pura,
Do teu noviciado expiram hoje os dias.
Não tremas ao fitar as portas da clausura;
Também na estreita cela há brandas alegrias.»

Assim das monjas soa o religioso canto:
Juntas, em procissão pelas extensas naves,
Espalham-se na igreja as vozes do hino santo,
Melancólica voz de aprisionadas aves.

Caído o longo véu por sobre a fronte airosa
Caminha lentamente a pálida noviça:
Nos olhos lhe fulgura uma aura misteriosa,
Um como cintilar de lâmpada mortiça.

Sobre os degraus do altar humilde se ajoelha
E ao culto fervorosa as tranças sacrifica.
«Recolhe-te ao redil, imaculada ovelha,
Teus tesouros de amor nas aras santifica.»

E o coro ergue outra vez o ritual hosana,
Entre nuvens de incenso, à voz do órgão sagrado;
Responde-lhe o rezar da multidão profana,
Que transpôs curiosa o pórtico elevado.

A cerimónia é finda; a monja de joelhos
Permanece, inclinada a face sobre a terra;
Era no ocaso o Sol; e seus clarões vermelhos
Vinham tingir o altar, tingindo ao longe a serra.

Longo tempo ali estive, as pálpebras descidas.
Imóvel, silenciosa, em êxtase absorta.
Ergueram-na afinal as monjas comovidas:
Doloroso mistério... a pobre estava morta!

Julho de 1865.

O CASTIGO DE DEUS

Terminara a peleja. Ensanguentado
 Jaz o campo da atroz carnificina:
 Um sinistro clarão avermelhado
 Do exército ao longe a marcha ensina.

O incêndio, a ruína e a feroz matança
 São as relíquias da já finda guerra.
 Ai dos vencidos! Gritos de vingança,
 Perseguem os fugidos pela serra.

Ai dos vencidos! A furiosa plebe
 Erra nos campos com medonha grita:
 Não dá quartel, piedade não concebe;
 Um cruento furor a move e agita.

Corre em tropel, corre ébria de vitória,
 Arrastando os cadáveres despídos.
 Maculando os lauréis da sua glória
 Na lama, envolta em sangue dos vencidos.

Num vale retirado, umbroso, oculto,
 Estorcia-se um velho agonizante.
 Ouve em delírio, um hórrido tumulto,
 Qual de demónios infernal descante.

Com o rosto alterado, o olhar extinto,
 Pálida a fronte, sem vigor, já fria.
 «Ai, que sede cruel esta que sinto!
 Água, dai-me água!» diz. Ninguém o ouvia.

«Água, dai-me água!» brada com voz rouca,
 Que se lhe prende na árida garganta.
 Ao longe, a turba, numa orgia louca,
 Hinos blasfemos, implacável canta.

No delírio violento, que alucina,
 Julga-se às vezes de um regato à borda:
 Bem-diz, chorando, protecção divina,
 Mas ai, que cedo deste sonho acorda.

Acorda, e vê-se à beira de um abismo;
 Queimam-lhe os lábios qual ardente frágua,
 E a custo, em terrível paroxismo,
 Sufocado repete: «Água, dai-me água!»

Como se Deus escutasse

O grito do agonizante.
 Surge do velho diante
 Uma angélica visão;
 Com as lágrimas em fio
 Pelas faces cor de neve
 Caminha com passo leve
 Para o prostrado ancião.

Na brandura do semblante,
 No olhar magoado e aflito
 Lê-se um poema inteiro escrito
 De caridade e de amor.
 Corre ansiada e pressurosa
 E toda cheia de graça
 Em socorro da desgraça
 Com piedoso fervor.

Junto do velho ajoelhada
 Ergue-o com meigo desvelo;
 E as tranças do seu cabelo
 As cãs se vão misturar.
 Aproxima-lhe dos lábios
 A água que ele pedia;
 E ao vê-lo beber sorria...
 Sorria... mas a chorar.

E uma lágrima fervente,
 Gentil pérola preciosa,
 Caiu na fronte rugosa
 Do velho, que estremeceu.
 E só então, como em sonhos,
 Foi que o triste moribundo
 Fitou um olhar profundo
 Neste enviado do Céu.

Ela sorrindo-lhe meiga;
 Ao vê-lo assim admirado
 Lhe disse: «Velho soldado,
 Bebei, coitado, bebei.
 Há dez anos, nestes sítios,
 Como vós, velho, ferido,
 O meu pai estremecido,
 Após a guerra encontrei.

«Como o vi, meu Deus! Já frio,
 Já co'a vista embaciada,
 A fronte roxa, gelada,
 Os lábios em fogo, a arder.
 «– Água! – bradava convulso;
 – Água! – que de sede morro!

A fonte vizinha corro...
Cheguei... para o ver morrer.

«Era então criança ainda;
Mas esta cena de morte
Impressionou-me de sorte
Que nunca mais a esqueci.
Sempre, sempre aquela imagem
Muda, pálida, cruenta,
Nos meus sonhos se apresenta;
Vejo-a ainda como a vi.

«Curvei-me sobre o cadáver
A aquecê-lo com meus beijos;
Ai, baldados meus desejos!
Que esse frio era mortal.
Jurei então, pela Virgem,
No fervor da minha mágoa,
De correr sempre com água
Pelas tendas do arraial.

«Quantas vezes à blasfêmia,
Que o delírio ao peito arranca,
Esta água, que a sede estanca,
Bendita por Deus, pôs fim!
Quantos nobres cavaleiros,
Quantos moços, quantos velhos,
Eu vi cair de joelhos,
Soluçando ao pé de mim!

«A cada sede que estanco,
A cada dor que mitigo,
Parece-me que consigo
Matar a sede a meu pai,
Aquele velho soldado
Que há dez anos, nesta selva,
Sobre uma cama de relva
Exalou o extremo ai.»

O velho, ouvindo-a, estremece.
«Nestes sítios! Há dez anos!
Impenetráveis arcanos!
Dedo invisível de Deus!
E és tu quem me socorres?!
Luz fatal se me revela.
Vingaste teu pai, donzela,
Cumpriste as ordens do Céu!»

E a fronte lívida, exausta
Por extremado cansaço,

Deixou pender no regaço
Da pobre órfã que a sustém.
Um supremo olhar de angústia
Nela por momentos fita;
Nela, que o encara aflita
Como carinhosa mãe.

«Morre em paz, velho soldado,
Por mim meu pai te perdoa,
Se a hora extrema já te soa,
Podes alegre partir.
Que seja esta gota d'água
A que te lave do crime;
Possa esta dor, que te oprime
As tuas culpas remir!

E ao longe a turba infrene tripudiava
Sobre o cruento campo da matança;
Dos homens a vingança ali reinava,
Reinava aqui de Deus só a vingança.

NO BAILE

Ia o baile a findar. Nas vastas salas,
Que o fulgor de mil círios ilumina,
Soam da orquestra as notas harmoniosas
A convidar à derradeira valsa.
O seio a arfar, as tranças em desordem,
Os ombros nus, o gesto requebrado.
Como estrelas cadentes, as valsistas
Em veloz turbilhão girando, passam.
Nos dourados espelhos se reflecte
Todo o encanto da cena. Novos mundos
Luminosos, florentes, dali surgem
Longe e ao longe se estendem sem que possa
Encontrar-lhes limite a vista errante.
Tudo se move e agita, aqui e em torno.
Confunde-se a ilusão com a realidade;
Cingem-se ao peito virgens palpitantes,
E vêem-se fugir, fugir, sorrindo,
No fantástico mundo dos espelhos;
Outras se lhe sucedem. Que segredos!
Que segredos de amor nesses olhares
Lânguidos, desvairados, expressivos!
Que segredos traídos na imprudência
De um aperto de mão involuntário!
Que mudas confidências eloquentes!
Que indiscretos suspiros! um momento
Traiu as longas, tímidas reservas
De castas namoradas. No delírio
Em que a valsa lasciva as arrebatava,
Já nem sabem fingir, dissimulando,
Em frias aparências, os ardentes
Estos do coração, rendidos a amores.
Soltam-se-lhes as flores do cabelo.
E esfolhadas no pó, são esquecidas.
Ai, descuidosas virgens, que não vedes
No destino da flor vosso destino!
Esquecidas as tristes! Já sem viço,
Sem os encantos já do aroma e cores,
Quem se lembrará delas? Quem, sensível,
As erguerá do chão, murchas, calcadas,
Se vós as desprezais assim? Mas ide,
Ide, voai, ligeiras borboletas!
Ide, voai nas asas da harmonia!
Embriagadas, de amor, correi... mais tarde,
Como essas flores que por vós... Mas longe,
Longe uma ideia negra, no momento
Em que o prazer vos foge. A valsa! à valsa!

Mais rápida! mais rápida! Nas salas
Já desmerece o refulgir das luzes.
Mais rápida! Convulsos, enlevados
Giram os pares em redor. Que febre!
Que febre de volúpia os alucina!
Mais rápida! A vertigem se apodera
Dos sentidos. Estreitam-se os braços,
E os lábios inflamados, quase, quase
Em êxtase de amor se tocam. Vede-a!
A alvoroçada turba de formosas,
Louras, morenas, cândidas, lascivas,
Quais rosas soltas de variadas cores.
Em vórtice fatal arrebatadas
De profunda voragem, assim passam!
Que mágico poder as enlouquece?
Em que órbita de luz volvem sem tino?
Que vista as seguirá, que fascinada
Não vacile também? Inda mais rápida!
Mais e mais 'té que exaustas de cansaço
Caíam, talvez sem vida, as imprudentes.

TERÇA-FEIRA

I

Rompera a manhã sombria,
Destas que fazem tristeza;
Em perfeita calma
Repousava a natureza.

Repousava. As ondas mansas
Vinhão quebrar-se na areia.
Que mar tanto de esperanças!
Que enganadora sereia

O arrais, correndo os palheiros,
«Ao mar!» grita, «ao mar, aos remos!»
«Para as lanchas, companheiros;
Grande safra hoje teremos.»

E a pobre gente da costa,
Essa raça destemida,
Que a morte sem medo arrosta,
Num momento é toda erguida.

Ei-los na praia. Cantando
Se dão à tarefa santa,
Que nesse arrojado bando
Quem mais trabalha, mais canta.

São todos? Todos não. Falta
Da companha o mais valente!
Esta nova sobressalta
O peito daquela gente.

«Partir sem ele! Por Cristo,
Que a primeira vez seria.
Em qualquer lance imprevisto
Quem tanto nos valeria?»

Tudo pára, tudo hesita,
Mãos nos remos, mão no leme;
Que o seio a muitos palpita,
Que a muitos a mão já treme.

II

Ora, no pobre palheiro
Do pescador que tardava,

Eis que ao alvor primeiro
Desta manhã se passava:

Ele acordara, e na esposa,
Que ao lado dorme tranquila,
Repousa a vista amorosa,
E, ao despertá-la, vacila.

Vacila – se é tão suave
Aquele dormir! tão brando!
Mas não sei que ideia grave
Lhe está na mente pesando.

Ternamente ao seio a aperta,
E lhe diz com gesto ameno:
– «Mulher, teu filho desperta,
Acorda-me esse pequeno.»

A jovem mãe estremece
– «Que acorde meu filho, dizes!
Deixa-o dormir. Deus lhe desse
Sempre assim sonos felizes.»

– «Acorda teu filho, acorda.
Tal dormir não é para ele;
Tempo é que da lancha à borda
Como os outros também vele.»

– «As lanchas! ao mar!... pois queres?...»
E a mãe empalidecia.
– «Nesta vida de mulheres
Não é que um homem se cria.»

– «Mas tão novo!...» – «Inda mais novo
Meu pai me levou consigo.»
– «Mas... – já se fala entre o povo
«Do rapaz». – Mas ouve, amigo...»

E a voz trémula e chorosa
Quase em pranto se afogava.
Curvara-se ao mar a esposa,
Mas a mãe, essa, hesitava.

Hesitava, que se lhe ia
A alma toda, dando aos mares
O filho, a sua alegria,
O lume dos seus olhares,

– «Ouve», murmura, chorando
«Por Deus te vou pedir isto!»

E depois, em tom mais brando,
«Em nome de Jesus Cristo!

«Deixa-mo ficar, marido,
Hoje só, ai! hoje ao menos!...
Fraco auxílio o recebido
Dos braços desses pequenos!

«Bem sabes que tudo os cansa...
Sempre sois tão desumanos!
E depois... essa criança
Inda não fez os dez anos.»

– «Agoura-me bem o dia
Para lhe abrir a carreira.»
– «Porém, ó Virgem Maria,
E hoje então que é terça-feira!»

– «Mulher, deixa essas ideias,
Iguais são todos os dias;
Em maus agouros não creias,
Se é que no Senhor confias.

«Apronta teu filho, apronta,
Que hoje há-de entrar na partilha,
E olha que o Sol já desponta;
Anda, acorda-o, minha filha.»

III

– «Filho, filho, ergue-te, acorda...
Para quê, só Deus o sabe...»
E em lágrimas lhe trasborda
A dor que na alma não cabe.

– «Sonhavas talvez brinquedos,
Pois que sorrias dormindo;
Verás brincar nos rochedos
Esse mar que está bramindo.

«Vai inda quente do berço,
Inda quente dos meus beijos,
Para um mundo bem diverso
Do sonhado em meus desejos.

«Vai, tu que sempre dormiste
Ao som de minhas cantigas,
Dormitar à canção triste
Dessas ondas inimigas.

«E sorris, anjo querido,
Ao passo que eu choro tanto,
Pois não sabes o sentido
Deste doloroso pranto?

«Não sabes que se me parte
O meu coração no peito
Ao vir assim acordar-te
Do teu sossegado leito?

«Não sabes que minha vida,
Pobre filho, vai contigo,
E que nesta despedida
Trocas pra sempre este abrigo.

«Este abrigo de meu seio,
Por perigos e cansaços?!
Não sei, não sei que receio
Ao tirar-te de meus braços.

«Choras, filho? Ai, não, não chores,
Que me tiras todo o alento;
Já me bastam minhas dores,
Basta-me o meu pensamento.

«Deus é bom. Nem sempre os mares
Se alevantam com tormentas.
Não chores, que se chorares,
O meu pesar acrescentas.

«Sossega. Esta cruz benzida
Leva contigo, e descansa,
Pois quem é tão bom na vida,
Deve em Deus ter confiança.

«Vai, que eu à nossa Senhora,
Àquela Virgem das Dores,
Que é a tua protectora,
Rezarei logo que fores.

«Limpa essas lágrimas, vamos,
Que teu pai tas não conheça.
E a oração que te ensinamos,
Ai, vê lá! nunca te esqueça.»

IV

E viu-os partir. E o pranto
Lhe inunda as faces. Desmaia.
Dos pescadores o canto

Se escuta ao longe na praia.

Oh! que tristeza tamanha!
 Que pressentimento amargo,
 Quando as lanchas da companhia
 Se fazem, remando, ao largo!

Junto à imagem de Maria
 Esta outra mãe dolorosa
 De joelhos todo o dia
 Lhe ergue preces, fervorosa.

«Ó Mãe de Deus, luz divina,
 Que alumias nossas almas!
 Ó estrela matutina,
 Que as tempestades acalmas!

«Baixa à Terra esses olhares,
 Nossa única esperança,
 E, voltando-os sobre os mares,
 Protege aquela criança.

«Compadece-te, Senhora,
 Destas lágrimas sentidas;
 Estende a mão protectora
 Sobre aquelas pobres vidas.

«Vê que me andam sobre as águas
 Todos quantos estremeço.
 Mãe, que entendes minhas mágoas,
 Diz se essas vidas têm preço!

«Pela angústia que sentiste
 Junto da cruz, ó Maria,
 Vale-me nesta hora triste,
 Vale-me nesta agonia.»

No meio de ardente prece
 Ergue-se inquieta, palpita,
 Fitando o céu, que escurece,
 Ouvindo o mar, que se agita.

V

Era ao tempo das Trindades:
 As aves, que pressagiam
 O chegar das tempestades,
 Amedrontadas gemiam.

A mãe segue na carreira

Uma vaga e outra vaga.
 «Terça-feira! terça-feira!»
 Lhe diz uma voz pressaga.

Já treme. Os olhos velados,
 Onde a angústia se revela,
 Pelos mares agitados
 Não descobrem uma vela.

E as nuvens correm velozes,
 E o vento revolve a areia.
 Já se ouvem confusas vozes
 Na praia de gente cheia.

Velhos, mães, tristes esposas,
 Crianças fluas, em choro,
 Altas vozes, lastimosas,
 Erguem num sinistro coro.

Que cena! e redobra o vento,
 E condensa-se a neblina,
 E o mar rebrame violento,
 E a noite a cena domina.

E à luz de algumas fogueiras
 Escassa, ténue, funesta,
 Movem-se sombras ligeiras
 Como se em diabólica festa.

E ela, a mãe em desatino,
 Corre, pára, escuta, chora,
 Maldiz o poder divino...
 Depois seu perdão implora.

Os olhos na sombra fitos,
 Dessa noite escura, escura,
 Eleva-os ao Céu aflitos,
 E em vão um astro procura.

E o raio, que as trevas densas
 De quando em quando devassa,
 Mostra-lhes vagas imensas,
 Negros abismos, e passa.

VI

Só à luz da madrugada
 Se acalma a brava tormenta.
 Que noite em ânsias passada,
 Tão pavorosa! tão lenta!

O céu reflecte nas águas
A cor azul de bonança.
E vai sanando as mágoas
A branda luz da esperança.

– «Barcas ao longe! não vedes!
Oh! que alegria tamanha!
Deus abençoou as redes,
São as lanchas da companhia.»

Crianças, mulheres, velhos,
Ao ouvirem este grito,
Todos, todos de joelhos
Cantam piedoso Bendito.

Ei-las vêm! Braços valentes
Afeitos àquela guerra,
Cortando os mares frementes
As impelem para a terra.

Na turba dos pescadores
A mãe com turbado aspecto.
Inda escuro de terrores,
Procura o filho dilecto.

Tudo exulta de alegria;
Cada qual os seus conhece...
E ela só, muda, sombria,
Sobre a praia permanece.

Ei-los enfim! Que transportes,
Que lágrimas os esperam!
Vêm-se chorar os mais fortes
Dos que no mar não tremeram.

Por entre os grupos vagueia
A mãe, trémula, calada,
De negros agouros cheia,
De vago pavor tomada.

Quase em delírio vê tudo,
Como se através dum sonho;
De repente um grito agudo
Soa na praia medonho.

É que pálido, abatido,
Junto ao mar o esposo vira;
E que terrível sentido
Naquela dor descobrira.

– «Que negro. presságio é este
Que leio nos teus olhares?
Do meu filho o que fizeste?»
– «Pergunta-o a esses mares.»

No grito que a triste solta
Vai-lhe a razão, mais que a vida!
Depois para o mar se volta,
Turba, pálida, perdida...

– «Não! não hás-de assim roubar-me
O filho destas entranhas,
Não podem intimidar-me
As tuas iras tamanhas,

«Não vês que tenho no seio
Este amor? Espera, espera,
Ruge! não tenho receio;
Ruge, amaldiçoada fera!

«Ruge!» e sem tino, movida
Da alucinação que a agita,
Rompendo em veloz corrida,
Nas ondas se precipita.

Em vão lhe acodem, que forte
O filho às vagas disputa.
Era um combate de morte!
Era uma tremenda luta!

.....

E na manhã do outro dia
Viu-se na praia arrojada
A mãe, que, morta, sorria
Do filho ao corpo abraçada.

1865.

A INGLESA

Foi da pátria de Malvina,
Foi dentre aquela neblina
Que ela surgiu.
Pobre anjo! tímida ave!
Entre nós, serena, grave,
Nunca sorriu!

Em vão o sol deste clima
Que no prado a flor anima
Com seu raiar,
A cercava de esplendores:
Eram sempre as mesmas cores,
O mesmo olhar!

A cor da alvura da neve
Que às vezes um rubor leve
Vinha tingir;
O olhar distraído, vago,
O azul do céu como um lago
A reflectir.

Sobre os vestidos singelos,
Desatados os cabelos,
Sem uma flor,
Louros, profusos, caíam,
É nas faces reflectiam
Dourada cor.

Vulto de tanta poesia
Nem de Ossian a fantasia
Imaginou,
Quando dos montes na escarpa
Ao som de inspirada harpa
Os evocou.

Na solidão da devesa
Vinha a delicada inglesa
Flores colher.
Erguida, de manhã cedo
Passeava já no arvoredos
Sozinha, a ler.

Se às vezes, raras, cantava,
Saudosa se lhe soltava
Então a voz
Numa canção das montanhas,

Que impressões fundas, estranhas,
Deixava em nós!

Ao fim das tardes, no Estio,
Ia bordejar no rio
Com seus irmãos.
Sobre as águas debruçada,
Na onda em que era embalada
Banhava as mãos.

E nesses tempos ao vê-la:
«Não vai nuvem de procela
Pelo teu céu!
Para ti sempre jucundo
Te sorrirá este mundo.»
Dizia eu.

Engano! Sob a aparência
De uma plácida existência
Lavra a paixão,
Como sob verdes prados,
Sob outeiros enflorados
Treme um vulcão.

Engano! As águas serenas,
Que uma brisa enruga apenas,
Cedo as vereis
Erguerem-se em altas vagas,
E correrem pelas plagas
Como corcéis.

Se em pranto a dor não se exala,
Se o que padece se cala,
Redobra o mal;
E um dia a Lava rebenta,
Prorrrompe infrene, violenta,
Cruel, fatal!

De uma vez, na Primavera,
Mais cedo ao parque viera
Com sua irmã;
Como as árvores frondosas
Sussurravam tormentosas
Essa manhã!

Ambas de branco vestidas,
Mãos dadas, frontes pendidas,
Pálida tez.
Ao som da espessa folhagem
Falavam terna linguagem

De amor talvez.

De amor? Pois naquele seio
 Esse fogo atear-se veio
 Também por fim.
 De amor? E essa alma dormente,
 Como as outras, nutre, sente
 O amor assim?

Se o sente! Os gelos do norte
 Não ferem assim de morte
 Os corações;
 Dentre as neves islandesas
 Rebentam lavas acesas,
 Rompem vulcões.

«Laura!» – à irmã disse, chorando,
 Com um ar magoado e brando,
 Chamando-a a si:
 «Parto e... escuta, irmã querida,
 Custa-me esta despedida,
 Laura, por ti.

«Mas partirei! É forçoso.
 Quando ele era poderoso,
 Foi que o amei.
 E agora, pobre, abatido,
 Hei-de dar-lhe em paga o olvido?
 Oh! não. – Irei.

«Irei, Laura; se hesitasse,
 Se a este dever faltasse,
 Dir-me-ias: – Vai. Bem vês,
 Laura, é minha escolha;
 Tu ficas, pobre irmã... olha
 Por nosso pai.

«Consola-o, se o vires triste;
 Ontem chorava, bem viste.
 Laura, por Deus!
 Sê-lhe tu fiel amiga,
 Suas saudades mitiga
 Com beijos teus.

«Aflijo-o muito. Conheço:
 Mas à lei de Deus obedeco,
 Que diz: – Irás,
 Segue o homem que escolheste:
 Pai e mãe e irmãos por este
 Tu deixarás.»

E falando assim o pranto
Era nela tanto, tanto,
De fazer dó!
Laura, a irmã, não lhe responde,
No seio a fronte lhe esconde
E chora só.

Dias depois, ajoelhando
Junto do pai venerando
Estas irmãs,
Ouviam do triste velho,
Inspirado do Evangelho,
Doutrinas sãs.

Colhendo a bênção que implora,
Dentro em pouco, mar em fora
Serena foi.
Partiu resignada e calma;
Santo ardor lhe inflama a alma,
Alma de herói.

E hoje, ai, hoje por onde erra
Essa filha de Inglaterra?
Quem sabe lá!
Quem na memória a conserva?
Cresce alta no parque a erva
Há tanto já!

1865.

ÂMEL E PENNOR
(IMITAÇÃO)

Longe, longe daqui, nas costas da Bretanha,
 Poético país, que um mar sinistro banha,
 Vivia, há muito tempo, um pobre pescador,
 Que se chamava Âmel, com a mulher Pennor;
 Tinham eles um filho, uma criança loura,
 Um anjo que o porvir dos pais enflora e doura,
 Ao voltarem a casa, alegres todos três,
 Na praia os surpreende a noite duma vez.
 Subia o mar veloz, medonho, ingente, forte!
 Nesse tempo as marés eram vivas. A morte
 Sobre as vagas boiava, indómita, cruel!
 Olhando para a esposa, assim lhe diz Âmel:
 – «Pennor, vamos morrer! A vaga se aproxima!
 Viverás mais do que eu! Animo! Sobe acima
 Dos ombros meus, mulher. Pousa-te bem. Assim.
 E ao veres-me sumir... ai, lembra-te de mim!»
 Pennor obedeceu. Firmando-se na areia,
 Desaparece Âmel na onda que o rodeia.
 – «Âmel, bradava a esposa; ai, pobre amigo meu!
 Qual de nós sofre mais? – tu, que morres, ou eu,
 Que te vejo morrer?» – E a vaga, que crescia,
 O corpo da infeliz no vórtice envolvia.
 Olhando para o filho, assim lhe diz a mãe:
 – «Filho, vamos morrer! Olha a maré que vem!
 Viverás mais do que eu! Vá! filho, vá! coragem!
 Sobe aos meus ombros, sobe; e ao tragar-me a voragem,
 Ai, lembra-te de mim e de teu nobre pai!»
 E o mar a submergiu. Chora a criança, e vai
 Pouco a pouco afundir-se. A flor d'água revolta,
 Apenas já flutua a trança loura e solta...
 Uma fada passou sobre o afrontado mar,
 Viu aquele cabelo assim a flutuar,
 Estende a mão piedosa, e, segurando a trança,
 Com ela atrai a si a pálida criança.
 E sorrindo dizia: – «Ai, que pesada que és!»
 Mas viu cedo a razão: inda segura aos pés
 Do filho estremecido, a pobre mãe começa
 A erguer da onda também a húmida cabeça.
 Sorriu a boa fada ao ver assim os dois!
 E repetiu ainda: – «Ai, que pesado sois!»
 E que, após a mulher, seguia-se o marido
 Estreitamente aos pés da terna esposa unido:
 Ao vê-lo, inda outra vez a meiga fada riu,
 E leve para a praia o voo dirigiu
 Com este cacho vivo, esta humana cadeia,

Cujos elos o amor piedosamente enleia.

1866.

O CARVALHO DA FLORESTA

Havia na floresta um roble cheio de anos,
 Vestido de hera anciã, decano entre os decanos
 Dos bosques do arredor. Raízes colossais
 Prendiam-no à terra; ao ar descomunais
 Os braços elevava, e ao vê-lo assim dir-se-ia
 Que aos outros vegetais as bênçãos estendia.
 Velho, e ainda a Primavera o vinha requestrar;
 O Outono desfolhava-o em último lugar;
 Opunha ao sol do Estio a fronde espessa e bela;
 Respeitava-o no Inverno o raio da procela.
 Viu passar gerações após de gerações
 Em risos e em pranto, em festas e orações;
 Viu crianças pedir-lhe a sombra grata e amena
 Que, amantes ao depois, naquela mesma cena
 Viu a falar de amor, e no seu tronco abrir
 Duas iniciais que liam a sorrir;
 E mais tarde ainda os vira, velhos, encanecidos,
 Pedir-lhe em vão alento aos lânguidos sentidos,
 A repousar ali. A coma erguida ao céu,
 De longe se mostrava envolta inda no véu
 De névoas da distância. Ao regressar à aldeia,
 Ansiava o lavrador por avistá-lo, e a ideia
 De tudo quanto amava o vinha comover:
 Do lar, do velho pai, dos filhos, da mulher.
 Que olhos de tanto amor, de penas e esperanças
 Lhe enviavam também saudosas as crianças
 Ao deixarem a casa, a Pátria, irmãos e mãe,
 Indo tentar porvir por esse mundo além!
 Em que tempo nascera esta árvore gigante?
 Que época viu crescer o arbusto vacilante,
 Curvando-se por terra a cada viração,
 Esse que já nem teme ameaças do vulcão?
 Quem o pode dizer? Nas trevas se envolvia
 A infância do colosso. E quando acabaria?
 Que audaz raio do céu, que convulsão fatal
 Por terra lançará o enorme vegetal?
 Mas, ai, o que a tormenta e o tempo não consomem,
 Muitas vezes destrói a ousada mão do homem;
 Em vão a tempestade incólume o deixou:
 O golpe do machado um dia o derrubou,
 E ao braço do homem cai, dos homens o amigo.
 Ouvi a narração do caso, que eu prossigo.
 É pela madrugada! hora que a amar induz;
 Tudo é verdura o campo, o céu é todo luz.
 O roble colossal no tronco encarquilhado
 Sente a seiva girar. Das aves o trinado

Se ouve na espessa copa, e ao festival clamor
 Respondem num sorriso a borboleta e a flor,
 Como um velho entretido a ouvir cantar os netos,
 Que lhe passam nas cãs os dedos desinquietaes,
 Assim ele também, vulto austero e senil,
 Se compraz a escutar a música de Abril,
 Os trines e o bater das asas da folhagem,
 A turba jovial, da infância alada imagem.
 De súbito cessou das aves o cantar;
 Param, olham com medo, o chão, o bosque e, o ar.
 No seio da floresta um som vago se escuta,
 Como o rugir do mar quando nas praias luta.
 O roble estremeceu, ouvindo: «Que será?
 Que sinistro rumor é esse? – Perto já
 Se distingue melhor. É um travar de vozes
 De alguns homens do campo, alegres e velozes.»
 O roble sossegou, e às aves disse assim:
 – «Podeis ficar sem medo aqui ao pé de mim,
 São amigos que vêm, pobres trabalhadores,
 Sobre quem eu estendo os ramos protectores,
 Quando durante a sesta, o sol ardente cai.
 Aves, não receeis. Amigos são, cantai!
 Vede, pararam já. Tenta-os a fresca selva,
 O machado, o alvião pousaram sobre a relva.
 Vão descansar decerto, Ergueram para aqui
 O olhar; a gratidão bem claro neles vi.
 Cantai, aves, cantai nos ramos da floresta,
 Enquanto eu lhes protejo a procurada sesta,»
 Assim disse o carvalho às aves, mas em vão,
 Que nenhuma a cantar inda se atreve então,
 Ou, se alguma o tentou, emudeceu no meio,
 Que só para gemer lhe deu vigor o seio;
 Parecem pressagiar um vago e oculto mal,
 Como quando no céu prevêem temporal.
 Mas já ordens se dão; preparam-se os obreiros;
 Reparte-se a tarefa; exercem-se ligeiros;
 Já tudo está disposto, e pronto a uma voz.
 Eis se dá um sinal... rapidamente após,
 Dum dos homens do bando o industriado braço
 Lança em volta do tronco traiçoeiro laço.
 E as aves de tremer! ... «Doidas!» assim lhes diz
 O velho, sacudindo a secular cerviz:
 «Das crianças é este um usual brinquedo;
 Embaladas assim nos braços meus, sem medo,
 Em jogos infantis se aprazem. Não fujais.
 Doidas que sois! Dizei, de que vos receais?
 Vê-las-eis cedo vir, e o peso é tão suave,
 Que me alegra! a criança é pouco mais que a ave.
 Não, aves, não fujais, que são vossas irmãs,
 Ligeiras como vós, e como vós louças!»

Fez-se ouvir de repente um som rápido e seco,
 Que teve na floresta um temeroso eco.
 O tronco estremeceu. As folhas sem vigor
 Caíram pelo chão, quais lágrimas de dor.
 As aves a gemer, das frondes sacudidas
 Fugiam em tropel como ilusões perdidas!
 No tronco, em fundo golpe, o ferro penetrou;
 A árvore, ao senti-lo, um pouco vacilou,
 Mas depois disse ainda às pobres andorinhas
 Ocultas, a tremer, nas árvores vizinhas:
 – «Foi doloroso o golpe! útil porém talvez.
 O destro rachador derruba muita vez
 Algum ramo já velho inútil parasita,
 E à fecundante seiva o curso facilita,
 Agora foi mais fundo, e rijo o golpe foi,
 E perto da raiz. Por isso mais me dói!
 Errou talvez ao dá-lo a mão inexperiente.
 O golpe foi cruel. Se foi! mas inocente.»
 Eis que, ao primeiro golpe, um outro se seguiu,
 E outro, mais outro e outro; e o eco os repetiu,
 E as aves a carpir do velho amigo a sorte.
 Não se ilude ele já; ferido pela morte,
 Falece-lhe o vigor; das achas ao brandir
 Vacila, geme e ondeia! É próximo a cair.
 Prossegue no entretanto a abominável obra,
 Da turba afadigada o vozear redobra,
 No íntimo do lenho, o ferro ímpio, cruel,
 As fibras despedaça. Os homens em tropel
 Arredam-se a distância, a fim que os não esmague
 O gigante ao cair, e moribundo pague
 A morte que lhe dão sacrílega e atroz.
 – «À obra, à obra», então alto soa uma voz
 E todos lançam mão da preparada corda.
 A triste ave da noite à vozearia acorda,
 Solta um lúgubre pio. Um frémito subtil
 Nas folhas passa ao roble. A brisa foi de Abril
 Que veio ali dizer-lhe a extrema despedida?
 Beijá-lo a última vez, saudosa e comovida?
 Oscila, geme ainda, estala-lhe a raiz,
 Solta como estertor de morto. Ouvis?... Ouvis?
 Inclina-se para terra, em queda suave, lenta
 Desce... desce... e, descendo, a rapidez aumenta,
 Até que com fragor na relva ao longe cai
 O roble secular! Homens, folgai! folgai!
 Retumba na floresta o som que fez na queda,
 O fragor do trovão nos ares arremeda,
 E as aves, levantando o voo alto e veloz,
 As nuvens vão contar o caso iníquo e atroz,
 E com sentido pranto, e em queixas magoadas,
 Choram-no pelo bosque as comovidas fadas.

E a obra do Senhor às mãos do homem caiu!
E a vida secular numa hora se extinguiu.
E os obreiros do mal saem dali cantando.
Chega logo depois um turbulento bando
De crianças, que a rir, o tronco sem vigor
Calcam, brincando. E após em práticas de amor,
Voa rápido o tempo a amantes e a esposos
Que ali falando vêm. Depois, velhos, saudosos,
Do tempo que passou por eles em comum.
Sentam-se a conversar. Mas deles, ai, nenhum
Uma lágrima tem para desgraças destas,
Homens, que mal vos fez o velho das florestas?

1867.

OS PAIS DA NOIVA

Os sinos da aldeia repicam de festa;
 Pra ornar a capela de flores viçosas,
 As mães das donzelas despojam de rosas
 As sebes dos campos, moitas do val';
 O adro é juncado de funcho e espadanas;
 A porta do templo festões de verdura;
 Dos ninhos ocultos na verde espessura
 Prorrompe das aves a voz festival.

O pároco velho, de pé desde a aurora,
 Lidava contente por entre os contentes;
 As mãos esfregando, entoava entre os dentes
 Antífonas sacras, louvores a Deus.
 Trabalha na igreja, trabalha no adro,
 Nem sente o gravame de oitenta Janeiros;
 Não há nessa turba de alegres festeiros
 Mais válidos braços, mais fortes que os seus.

Mas qual o motivo de azáfama tanta,
 Que, desde a alvorada, se nota na aldeia?
 Os velhos da terra, não guardam na ideia
 Memória que fale dum júbilo assim.
 É Rosa, a mais linda cachopa do sitio,
 Que um moço abastado da aldeia vizinha,
 Perdido de amores, ao altar encaminha,
 E assim os amores conduz a bom fim.

Rosa, única filha de pais, que, já velhos,
 Não têm neste mundo mais outra alegria,
 Que a adoram, que a velam de noite e de dia,
 A pálida Rosa vai-se hoje casar.
 Os pais, de joelhos, defronte da Virgem,
 Mil graças lhe rendem, sinceras, piedosas;
 Mas, junto co'as graças, também vagarosas,
 As lágrimas de ambos se vão misturar.

No templo se junta luzido cortejo,
 Da gente mais grada daqueles lugares,
 Que em honra dos noivos aos sacros altares,
 Vestida de festa, com júbilo vem,
 O médico, o grave juiz de direito,
 O bom mestre-escola, o mestre barbeiro,
 Até o fidalgo da encosta do outeiro,
 Que às bodas de Rosa não falta ninguém.

O padre coes olhos nublados de pranto,

Os noivos prostrados no altar abençoa;
 E em voz, que no peito de todos ecoa,
 Lhes mostra o caminho que devem seguir.
 No adro, à saída, confeitos e flores,
 Caindo às mãos-cheias, alastram a estrada,
 E Rosa, no braço do noivo apoiada,
 As últimas bênçãos aos pais vai pedir.

Ai, pobres dos velhos! de balde procuram
 Armar de sorrisos o triste semblante;
 Aos olhos o pranto lhes sobe incessante;
 E o pranto, coitados, não sabem reter.
 E Rosa, ela mesma, nos braços dos velhos,
 Cobrindo-os de beijos, ao seio os estreita;
 Depois apartando-se, em prantos desfeita,
 O adeus doloroso mal pode dizer.

Partiu. Era força. Deus manda que a esposa
 Do esposo que escolhe partilhe o destino;
 Proscrito que seja, sem lei, peregrino,
 Por ele lhe ordena deixa mãe e pai.
 Partiu. Desce a noite. Nos montes ecoa
 Das ave-marias nota plangente,
 Por entre os pinheiros a Lua nascente,
 Tingindo o horizonte, já rúbida sai.

Mas, ai, a fogueira na casa dos velhos,
 Ainda a essa hora no lar não crepita.
 Baixará sobre eles a mão da desdita,
 E mudos e imóveis nem sabem de si!
 Ao lado um do outro sentados à porta,
 Não tiram os olhos da esquina da estrada
 Que Rosa seguira de pranto orvalhada,
 E mudos e imóveis conservam-se ali.

O anjo piedoso, que, ao termo do dia,
 Recolhe o perfume das almas saudosas,
 Ao ver destes velhos as faces chorosas,
 Parou comovido, no voo subtil,
 Depois, ajoelhando no trono celeste,
 Pediu para eles do Eterno a piedade,
 E um brando reflexo daquela saudade
 Toldava-lhe o rosto nevado e gentil.

Na igreja da aldeia, volvidos seis dias,
 Ouviam-se os sinos dobrar a finados,
 E os muros do templo, de crepes forrados,
 Das altas tocheiras sorviam a luz.
 E sobre o ataúde, cercado de incenso,
 Ao som dos responsos que os padres diziam,

Ao lado um do outro, tranquilos dormiam
Os velhos esposos, à sombra da cruz.

1868.

A ESMOLA DO POBRE

Nos toscos degraus da porta
 De igreja rústica e antiga,
 Velha trémula mendiga,
 Implorava compaixão.
 Quase um século contado
 De atribulada existência,
 Ei-la, enferma e na indigência,
 Que à piedade estende a ruão.

Duas crianças brincavam
 A distância na alameda;
 Uma trajada de seda,
 Doutra humilde era o trajar.
 Uma era rica, outra pobre;
 Ambas louras e formosas;
 Nas faces a cor das rosas,
 Nos olhos o azul do ar.

A rica ao deixar os jogos,
 Vencida pelo cansaço,
 Viu a mendiga, e ao regaço
 Uma esmola lhe lançou;
 Ela recebe-a, e a criança
 Que a socorre compassiva,
 Em prece fervente e viva
 Aos anjos encomendou.

Dum ligeiro sentimento
 De vaidade possuída,
 À criança mal vestida
 Disse a do rico trajar:
 – «O prazer de dar esmolas
 A ti e aos teus não é dado;
 Pobre como és, coitado!
 Aos pobres o que hás-de dar?»

Então a criança pobre,
 Sem mais sombra de desgosto,
 Tendo o sorriso no rosto,
 Da igreja se aproximou;
 E após, serena, em silêncio,
 Ao chegar junto da velha.
 Descobrimo-se, ajoelha
 E a magra mão lhe beijou.

E a mendiga, alvoroçada,

Ao colo os braços lhe lança,
E beija a pobre criança,
Chorando de comoção.
É assim que a caridade
Do pobre ao pobre consola.
Nem só da mão sai a esmola,
Sai também do coração.

Escrita num álbum em Janeiro de 1869, a pedido do meu colega Pedro A. Dias.

A TECEDEIRA

Tecia uma teia nova,
Tecia-a no meu tear,
Quando vi o condezinho
Junto à janela parar.

Era ele moço bem-feito,
Cabelo louro, alva cor,
Olhos azuis, voz afável,
Mas... doido em coisas de amor.

Parou, depois encostou-se,
Sorrindo, ao meu peitoral:
– «Sempre a tecer, tecedeira!
Até em manhãs de Abril!»

Isto disse ele, e eu calada
A tecer sem lhe falar;
Ele em mim postos os olhos,
Que eu bem lhe sentia o olhar.

– «Então, então, tecedeira,
Nem bons dias me darás?»
– «Pois... bons dias, senhor conde,
E olhe se me deixa em paz.»

– «Vem comigo, tecedeira,
Pára um pouco de tecer;
Há tantas flores no campo
Que apetece i-las colher.»

A Virgem, minha madrinha,
Eu pus-me então a cantar:
– «Nossa Senhora, livrai-nos
De quem nos anda a tentar.»

– «Tentas-me tu, feiticeira,
Tentas-me com teu rigor;
Tens o coração fechado,
A chave... onde a irias pôr?»

– «Meu coração não se abre,
Como vós outros julgais,
Com palavras traiçoeiras,
Com promessas desleais.»

– «Qual é pois, ó tecedeira,

A chave que o há-de abrir?»
 – «Tem segredo a fechadura,
 Que não há-de descobrir.»

– «Segredo tem que me ocultas
 Com cruel ingratidão,
 E que irás revelar breve
 A qualquer pobre aldeão.»

– «A pobreza não avilta;
 Porém se não pensa assim,
 Repare bem que eu sou pobre,
 Não se chegue para mim.»

– «Tecedeira, tecedeira,
 Como hei-de viver sem ti?»
 – «Não tem que saber, menino,
 É viver corno até aqui.»

– «Quanto mais és rigorosa,
 Tanto mais eu te hei-de amar.»
 E, dizendo estas palavras,
 Ia a entrar no meu tear.

Eu levantei-me tão séria,
 Que ele, sem querer, parou;
 – «Mais devagar, condezinho,
 Tal confiança lhe não dou.

«Estava sossegada e queda
 Tecendo no meu tear...
 Fuja daqui, condezinho...
 E não me venha tentar.

«Para que lhe dê ouvidos
 Ponho eu uma condição.»
 – «Qual é?» – «Ou hei-de ser condessa,
 Ou o senhor tecelão.»

– «Tecelão? Eu te prometo
 Que tecelão me farei.
 Porque vou tecer tal teia,
 Que nela te enredarei.»

– «Teça, teça, condezinho,
 Que outro tanto farei eu;
 A ver quem faz melhor teia,
 Se é o seu tear, se o meu.»

Partiu; mas, ai, com tal arte

Soube ele a teia tecer,
Que nas malhas do tecido
Eu me enredei sem querer.

Mas não me dei por vencida,
Que no meu tear teci
Os vestidos de condessa
Com que depois me vesti,

1868.

AO DEIXAR A ALDEIA

Partes! A longas terras
Vais procurar riqueza;
E eu, morta de tristeza,
Fico sozinha aqui!
Leva-te destes montes
Uma ambiciosa ideia,
E eu nesta pobre aldeia
Fico pensando em ti.

Tentar fortuna ao longe!
Ô pobre e amado louco!
Não sabes tu que pouco
Basta pra ser feliz!
Porque não hás-de achá-la
E o bem que assim procuras,
Aqui, entre as verduras
Do teu e meu pais?

Mas vai, mas parte. É sorte!
Vai; segue o teu caminho,
Ave que deixa o ninho
Onde feliz viveu.
Vai, e dos mares volta-te
As vezes deste lado,
E o meu olhar magoado
Encontrará o teu.

E lá, por outras terras,
Lá, nesse clima novo,
Lembre-te o humilde povo
Em que viveste em paz;
Lembre-te ainda o afecto,
Ai, deixa-me que o diga
Da pobre rapariga
Que nunca mais verás.

Dizem que nessas terras
Há bosques e florestas
Mais verdes do que estas
Que temos por aqui;
Que há aves mais formosas,
Que há árvores maiores,
E tantas, tantas flores,
Como eu ainda não vi.

Se for assim, quem pode

Ter ainda uma esperança
Que guardes a lembrança,
Sob esses novos céus,
Dos soutos, das devesas,
Dos pássaros, das fontes,
Dos pinheirais, dos montes,
A que disseste adeus?

Porém lembra-te ao menos
Que aqui onde nasceste,
A sombra do cipreste,
Dormem teus velhos pais;
Por longe que tu andes,
Manda-lhe uma prece:
Esquece, embora, esquece
Pra sempre tudo mais.

Toma esta cruz benzida
Para a trazeres contigo;
Crê que em qualquer perigo
Ela te valerá!
Depois... talvez ao vê-la
Te lembres algum dia
Daquela que a trazia,
Da triste que ta dá.

E se passados anos,
Saudoso enfim voltares
De novo a estes lugares
Que deixas amanhã,
Entra no cemitério,
E da erva entre a verdura
Verás a campa obscura
Da tua... pobre irmã.

É força partir! Vamos,
Vai alta a Lua. É tarde,
Há muito já que arde
O fogo no meu lar.
Ai, quantas vezes, quantas
Ali vinhas sentar-te!
E agora... e agora... Parte
E deixa-me chorar.

Perdoa-me este pranto;
É o último que choro.
Vai... vai... não te demoro
Mais com lamentos meus.
Bem vês, já estou contente,
Vai... sê feliz e rico,

E eu... alegre fico
Com minha mãe... Adeus!

1868.

A FOLHA SOLTA DO OLMEIRO

Virgens, que cedendo aos estos
Da paixão que vos abrasa,
Deixai a rogos funestos
Os santos lares da casa;

Vós, que ao maternal carinho
Fugis, sem dor nem saudade.
Desfolhando no caminho
As rosas da castidade:

Cravai, gravai na memória
Este conto verdadeiro;
É a dolorosa história
Da folha solta do olmeiro.

Presas na haste vigorosa
Vivia a folha virente,
Mirando-se buliçosa
Sobre os cristais da corrente.

Passavam ventos, passavam
Convidando-a a segui-los;
Segredos que assim trocavam
Não é dado referi-los.

E ela, vendo a borboleta
Livre no espaço, tremia
De paixão, de dor secreta,
De inveja que a consumia.

Inveja de liberdade,
Inveja de espaço e vida,
Um sonhar de mocidade,
Um aspirar de iludida

«Oh goza, insecto ligeiro,
Goza de espaço infinito,
Que eu neste meu cativo
Em vão me contorço e agito.»

E ao ver a folha da rosa
Levada pela corrente,
Até dela, desditosa,
Até dessa, inveja sente!

Um dia sopra uma aragem

Mais ardente e perfumada
Corre do olmeiro a folhagem,
E foge com a namorada.

Ei-la solta num momento,
Veloz no ar se elevava;
É livre enfim como o vento,
Deixou já de ser escrava.

E agora embriagada, entregue
Toda aos afagos da brisa,
Já do insecto os voos segue,
Sua ambição realiza.

Que novo viver! Que cenas!
Que existência tão completa!
Mas, ai, momentos apenas
Dura a ilusão da indiscreta.

Um ignoto desalento,
Um como faltar de vida
A toma; e ao sopro do vento
Baqueia desfalecida,

Pálida, murcha, já gasta
A seiva com que partira,
Segue inda o vento que a arrasta
Pelo pó onde caíra.

O que a impelira ao perigo,
Agora a avilta e deprime!
Ai, quanta vez o castigo
Vem de quem nos tenta o crime!

Prossegue a fatal carreira,
Cumpre teu destino inteiro,
Morre entre a grama rasteira,
Aérea filha do olmeiro.

Ai, folha de triste sorte!
Que é do encanto futuro
Que sonhaste? Escura morte
Tens em sórdido monturo.

Virgens, gravai na memória
Este conto verdadeiro,
Que pode ser vossa a história
Da folha solta do olmeiro.

1868.

NO TEATRO

Está patente a sala do espectáculo
 Mil lumes a iluminam, reflectindo-se
 Nos dourados ornatos, que realçam
 Na alvura das paredes. Lado a lado,
 Como festões de variegadas flores,
 As mais formosas, celebradas damas,
 Guarnecidas de rendas e de sedas,
 Adornam as extensas galerias.
 Enxames de ligeiras borboletas,
 Pairando sobre floridos canteiros,
 Dir-se-iam os leques agitados
 Por mãos tão delicadas e pequenas
 Com rapidez nervosa. As pedrarias
 Quebram a luz em deslumbrantes íris.
 E esplêndida a vista do teatro;
 Em baixo turba inquieta e mais obscura
 Já enche a trasbordar a sala. Reina
 Em todo este recinto um rumor surdo,
 Misto de vozes e de risos. Súbito
 Parece estremecer a sala inteira;
 É o sinal. Enrola-se a cortina,
 Patenteia-se o palco às vistas ávidas,
 Principia o espectáculo! O silêncio,
 Ou se não o silêncio, o murmúrio,
 Que forma o respirar de tantos seios,
 O palpitar de corações ansiados,
 Sucede à agitação que ali reinava.
 É comovente o drama: as mais fogosas
 Paixões que o humano coração disputam,
 Ali são facilmente traduzidas
 Pelo inspirado génio do poeta,
 E animadas da vida, com que arte
 De célebres actores a revestem.
 A piedade e o terror em várias cenas
 Sucedem-se, e ora lágrimas provocam,
 Ora um estremecer de alma indignada.
 Domina a comoção todos os seios,
 E em cada rosto clara se revela.
 Reparei, vede além aquela dama,
 Loura, formosa, lânguida, envolvida
 Numa nuvem de rendas vaporosas,
 Como recosta a fronte alva de neve
 Na mão pequena e débil. Vede-a, aos olhos,
 Olhos para amor foram talhados,
 Leva o mimoso lenço, que retira
 Humedecido de piedosas lágrimas.

Pobre menina! Coração sensível!
 Como lhe anseia o peito comprimido!
 Que tesouros de afectos e ternura
 Naquela alma puríssima! Pobre anjo,
 Se tais prantos concedes a infortúnios,
 Ficções sublimes de arte, na presença
 De infortúnios reais teus belos olhos
 Cegarão a chorar. Pobre menina!
 Mais além, atentai naquele velho,
 Homem sisudo e grave, e na aparência
 Pouco sujeito a comoção. Pois vede-o:
 Olhos fitos na cena, nem percebe
 As duas grossas lágrimas, que as faces
 Lhe vão sulcando vagarosamente.
 Bela alma a desse velho! Não pôde inda
 Arrefecê-la o gelo da velhice;
 O frio da miséria ali tem certo
 Calor a mitigá-lo, alívio pronto.
 E esse pálido jovem? Esse ao vê-lo
 Tão escravo da moda, tão volúvel,
 Suspeitaríeis que inda o sentimento
 Pudesse comover-lhe a alma leviana?
 Pois para ele reparai. A custo
 Consegue disfarçar, desviando os olhos
 Da cena, a comoção que forte o oprime.
 Caluniam-te, pobre humanidade,
 Os que te dizem dura como as feras;
 Ainda a piedade vive em ti, nem pode
 Exaurir-se essa fonte preciosa.
 Olhai, correi a sala, e se encontrardes
 Olhos enxutos, corações serenos,
 Tereis vencido então: direi que minto.

.....
 O drama terminou. A imensa turba,
 Que enchia há pouco a refulgente sala,
 Rompe, agora, das portas, que mal bastam
 Para lhe dar saída. Os corredores,
 As escadas, o átrio, tudo inunda
 Essa torrente humana num momento.
 Tendes visto, soltando à larga presa
 Os diques que a água imóvel conservavam,
 Como súbito rompe fragoroso
 O jorro líquido, e ainda turvo e rápido
 Se precipita impetuoso, e cedo
 Se espraia pelos campos cultivados?
 Assim a multidão que se atropela
 Ao findar o espectáculo nocturno.
 Corre unida, ao principio, após, derrama-se
 Em várias direcções. Poucos instantes
 Decorrerão, será silêncio tudo.

Fora das portas do teatro, a noite
 Estende o denso manto humedecido
 Das chuvas de Dezembro: os ventos sopram
 Com rigorosa violência. Pobre
 Do que não tem abrigo em noites destas!
 Mas não ouvis um como triste choro
 À porta do teatro? Além, na sombra,
 Parece que se move um vulto escuro:
 O doloroso choro dali parte;
 Vejamos de mais perto. Oh triste cena!
 Uma mãe e três filhos; um no colo,
 Dois cingidos a ela em pé, chorando
 De fome e frio; a esquálida miséria
 Passou seus magros dedos nessas faces
 Que a palidez da morte tinge, e os traços
 Gravaram-se bem fundos. Com voz fraca
 Pede a mãe para os filhos: «Por piedade!
 Lembrai-vos destas pobres criancinhas,
 Que me morrem de fome. Pouco basta
 Para lhes dar alívio. Deus proteja
 Vossos filhos e os livre da desgraça
 Em que os meus vivem. Dai-lhes uma esmola...
 Ninguém escuta a voz da desgraçada:
 Ninguém lhe estende a mão auxiliadora!
 Onde escondeste ó turba indiferente
 Aos gritos da desgraça, aquele pranto
 Que há pouco nos teus olhos borbulhava?
 Corações comovidos, que maus ventos
 Vos gelaram assim, que nem as preces
 Duma pobre mulher, mãe desditosa,
 Vos consegue abrandar? Porém, espera:
 Para aqui se encaminha a loura dama,
 Cujo bom coração adivinhamos
 Só de vê-la chorar. Já se aproxima
 A recebê-la o sumptuoso coche.
 Faz chegar tua voz a seus ouvidos,
 E atendida serás, desventurada:
 Estende a mão, que ampara a custo o filho,
 A mão calçada de elegante luva:
 Não a retirarás vazia. – A miséria
 Assim fez; implorou em voz sentida
 A caridade da formosa dama:
 Mas, ai! uma resposta fria, fria
 Como não se imagina que saísse
 De lábios onde amor fogos ateia,
 Lhe repeliu a súplica. No coche
 Senta-se em mole assento a loura dama;
 O coche parte rápido, e a miséria
 Fica a segui-lo com a vista ao longe.
 Que mentirosas lágrimas choravas,

Jovem sem coração? De que artifícios
 Te serves pra simular piedade,
 Seio fechado à compaixão e ao pranto?
 Passa o grave ancião, que enternecido
 Vimos seguindo o drama. – «Por piedade»,
 Lhe brada a pobre mãe – «matai-me a fome
 A estas criancinhas. Ai, tão pouco,
 Tão pouco bastará!» – «Mulher, retire-se;
 Não é aqui lugar pra peditórios,
 Não pode ser agora!» – e, prosseguindo
 O caminho de casa, ia dizendo
 O judicioso velho: – «Esta polícia
 O que é que faz, se à porta dos teatros
 Assim nos vêm importunar mendigos?»
 Velho, porque choraste há pouco ainda
 Perante simulados infortúnios?
 Mentiste ao coração, velho, mentiste;
 O gelo do egoísmo o cobre há muito.
 Em ti não há piedade: agora o vejo.
 Salva, pálido moço, salva ao menos
 Tu, que também choravas, essa triste,
 Desconfortada mãe, que na miséria
 Os outros abandonam; tua idade
 É a idade de instintos generosos,
 De entusiasmos santos. Salva-a, salva-a!
 E desafronta assim a humanidade.
 Mas nem tu! Ela em vão a mão te estende,
 Passas cantando, e distraído afastas
 O teu caminho do importuno vulto.
 O que é pois a piedade em vossos peitos,
 Homens? vós, que chorais fictícias penas,
 E contemplais sem lágrimas o quadro
 De verdadeiras, hórridas misérias?

Almas sensíveis sob o império da arte,
 Porque ficais assim mudas e frias,
 Quando passa por vós a realidade,
 Trágica, triste como o triste drama
 Que vos fez comover? Harpas eólias
 Penduradas dos ramos dos carvalhos
 Soluçam quando as auras vespertinas
 Lhes roçam pelas cordas melodiosas.
 Sede vós como elas; ao passarem
 Nos ares estas vozes da miséria.
 Vibrai com elas, soluçai, mostrando
 Que ainda há um coração no vosso peito.

1868.

DEVANEIO PENINSULAR

Ai, quem me dera em Sevilha,
Onde a travessa espanhola
Sob a elegante mantilha
As negras tranças enrola.

Na arcada da sé famosa
Vê-la entrar, tal como o sonho!
Entre coquete e piedosa,
Rosto entre grave e risonho;

Mergulhar na água benzida
A mão pequena e elegante,
E entre a turba ali reunida
Distinguir o olhar do amante,

Aos pés do altar, de joelhos,
Os olhares alternando
Com a letra dos Evangelhos
E uns olhos que a estão fitando:

Aos pobres juntos à porta
Dar a caridosa esmola,
O óbolo que conforta,
A palavra que consola;

Passar por os curiosos,
Que se demoram pra vê-la,
Baixando os olhos formosos
Sem se tornar menos bela;

E elevá-los de repente,
Em sítio certo e ajustado,
A encontrar o olhar ardente
Dum ardente namorado:

Seguir as ruas ligeira
Como a andorinha das praias,
Soltando aos ventos, inteira,
A vasta roda das saias;

Agitar na mão nervosa
A rápida ventarola
Com aquela arte misteriosa
Que só sabe uma espanhola;

Entrar na casa, em que mora,

Abrir o quarto elegante,
Orar a Nossa Senhora,
Sorrir à imagem do amante;

Pousar a leve mantilha,
Descobrimdo as negras tranças,
Onde o sol reflecte e brilha
Como sobre as ondas mansas.

Sentada ao piano aberto
Dedilhar uma harmonia,
Enquanto que o olhar incerto
Vai da alcova à gelosia;

Afastar-se de repente,
E, como que por encanto,
Romper febril e impaciente
Em inexplicável pranto:

E na alcova recatada...
Pára, pára, fantasia,
Como ias longe, coitada,
Sonhando da Andaluzia!

1868.

EM HORAS TRISTES

Ela vivia só naquela aldeia,
Sem ter um coração que a compreendesse,
Passei um dia ali, falei-lhe, amei-a...
Ai, se esses tempos esquecer pudesse...

E julgou-se feliz! Pobre criança!
Era feliz naqueles curtos dias,
E eu deixei-lhe nascer sem esperança
E sem porvir aquelas alegrias!

Oh! Como é sem piedade a juventude!
Como é cruel a idade dos amores!
Desfolhando as flores da virtude,
Como se fossem verdadeiras flores.

Sopra-se ao coração, que a nós se entrega,
A labareda de violenta chama.
E ao capricho cruel da paixão cega
Sacrifica-se tudo quanto se ama.

E eu fi-la entrever em doce enleio
Dum mundo novo as mal sonhadas cenas;
E sentia-a corar e arfar-lhe o seio,
E delirante respirar apenas!

Parti, jurando amá-la toda a vida,
Pude fazer aquele juramento!
Ela ficou chorando-me iludida,
E eu paguei-lhe a ilusão com o esquecimento.

Perdido dos prazeres no tumulto,
Levado nessa rápida voragem,
Não mais pensei naquele doce vulto;
Nunca mais entrevi a sua imagem.

E ela?... Talvez no coração ferida
Por minha leviandade criminosa,
Vivesse dias de enlutada vida,
Sem ter na terra a sagração de esposa.

Ai, memórias cruéis do meu passado,
Como pungentes me feris agora!
Poupai, poupai-me o coração magoado,
Livrei-me do remorso que o devora.

Funchal – Abril de 1869.

A ANDORINHA FERIDA

Já despe galas
A natureza
Véu de tristeza
Tudo envolveu;
Desfolha o Outono
No prado as flores,
Densos vapores
Sobem ao céu;

Gemem os ventos
Nas densas matas;
Das cataratas
Dobra o fragor;
Calam-se os cantos
Na umbrosa selva;
Da húmida relva
Cresce o verdor,

Nas nossas terras
O sol desmaia,
O alcíone na praia
Triste gemeu:
Aves viajoras,
Cruzei os mares,
De outros lugares
Buscai o céu.

E as andorinhas
Vão-se juntando,
Bando após bando
Na beira-mar:
Deixam as neves
Já iminentes,
Auras dementes
Vão demandar.

Chama-as o instinto,
Que à turba alada
Indica a estrada
Da imigração.
Mas, ai, na selva
Jaz esquecida
Uma, ferida
Por cruel mão.

Debalde a vítima

Da má ventura
 Inda procura
 O voo erguer:
 Debalde: exânime
 Cai na floresta,
 Já não lhe resta
 Senão morrer.

Ela ouve o canto
 Das companheiras,
 Vê-as ligeiras
 Passar além;
 Chama-as, não lhe ouvem
 A voz sumida,
 Que na fugida
 Nada as detém.

«Ó companheiras
 De horas felizes,
 A outros países
 Passais sem mim?
 Sob os rigores
 Do triste Outono,
 Ao abandono
 Deixais-me assim?!

«Tu, doce amiga,
 Fiel esposa,
 Nem tu, saudosa,
 Vens ter aqui?!...
 Mas vai, que o Inverno
 Tardar não deve,
 Fugi da neve,
 Irmãs, fugi!

«Ide a esse clima
 Que vos espera;
 Na Primavera
 Regressareis;
 Voltando à sombra
 Desta verdura,
 A desventura
 Me chorareis.»

Calou-se. Eis súbito
 Trazem-lhe os ventos
 Débeis lamentos
 De triste voz.
 Ouve-os, levanta-se,
 A dor, esquece,

Canta... emudece
E morre após.

Eis que da moita
Dali vizinha
Uma andorinha,
Gemendo, sai;
Ao ver do esposo
A triste sorte,
Também da morte
Ferida cai.

E sobre os mares
O alado bando
Vai demandando
Outro país.
E cedo a neve
Do frio Inverno
Esconde o terno
Par infeliz.

Funchal, 13 de Abril de 1869.

O JUIZ ELEITO

Como eu gostava de vê-lo!
Aquele ancião venerado
Com seu nevado cabelo,
E com seu rosto corado!

Oitenta anos já contava,
Mas inda firme e direito;
Todos, quando ele passava,
Saudavam-no com respeito.

Se ele era um pai para todos!
O anjo daquela gente!
Ouvia-os com tão bons modos,
Sem dar mostras de impaciente!

Quantas demandas desfeitas
Por seu prudente conselho!
E quantas alianças feitas
Pelas mãos daquele velho!

As raparigas, chorosas,
Confiavam-lhe seus amores;
As desoladas esposas
Seus caseiros dissabores;

Os homens os seus ciúmes;
As mães filiais desgostos:
E ele ouvia esses queixumes,
E alegrava aqueles rostos.

Quando o mal era sem cura,
Inda então lhes dava alento;
Bastava a sua figura
Pra dar paz ao pensamento.

Brincava com as crianças,
Sem nunca mostrar fastio;
Folgava de ver as danças
E os cantos ao desafio.

Mas se as funções exercia
Do seu grave ministério,
Outro homem parecia;
Tornava-se grave e sério.

Com orgulho se ufanava

De ser o juiz do povo,
E cada ano que chegava,
Ele era eleito de novo.

Um dia, uma pobre velha,
Quando terminava a missa,
Aos pés dele se ajoelha,
Bradando a chorar: «Justiça!»

Ele ergue-a com modo brando,
E à pobre mulher pergunta:
– «Diga, porque está chorando?»
E o povo à roda se junta.

– «Senhor, a filha que eu tinha,
Doce alma da minha vida,
Única alegria minha,
Minha filha, está perdida!»

– «Perdida?!» «Juro a verdade
– «Como? Fale», – «Ouvi, ouvi-me!
Se há um Deus no Céu, não há-de
Deixar impune este crime.

«Aquele pobre criança,
A tanto custo criada,
A minha única esperança,
Por um vil foi enganada!»

– «E como é que ele se chama,
O que fez tal vilania?»
– «Ai senhor... a velha exclama,
«É seu filho!... E o povo ouvia.

E o juiz eleito tranquilo
A velha, que o rosto esconde,
Como se temesse ouvi-lo,
Estas palavras responde:

– «Sossegue, mulher; se é certo
O que, chorando, assegura,
O remédio está bem perto
Para essa desventura.

«Já que a ser juiz me atrevo,
Hei-de ser juiz deveras
E em casa exercitar devo
As justiças mais severas.

«De outro modo enganaria

Este povo que me elege:
A mesma lei que a ele o guia,
É a mesma que me rege.»

Logo rompe dentre a gente
Que o juiz escutava em pasmo,
Um brado rijo e valente,
E sobre alto o entusiasmo.

E alguns dias mais passados
A pobre filha da velha,
Junto aos altares sagrados.
Com seu noivo se ajoelha.

Ao acto o juiz assiste,
O povo o vê com respeito,
A noiva tinha o ar triste,
O juiz cingiu-a ao peito.

– «Alegre-se, minha filha,
Erga a cabeça bem alta;
Aqui sou eu quem se humilha,
A menina quem se exalta.

«Sim, sou eu o que me humilho,
Porque esta bênção redime
A si dum erro, e a meu filho
De mais que um erro, dum crime.»

Oh! sim, era um gosto vê-lo,
Aquele ancião venerado!
Que tipo de homem tão belo!
Que carácter tão honrado!

Funchal – Abril de 1869.

FIM DE UM SONHO

– «Querida, não sabes um sonho que eu tive?
 Mil vezes a morte, que sonho assim!
 Sonhei que te via de um bosque no abrigo..
 – «Contigo?»
 – «Com outro, sentados além, no jardim.

«Na mão inda tinhas a rosa silvestre,
 Que eu ontem, bem triste, te dera ao partir;
 Pediu-te esse homem, tu toda vermelha...
 – «Neguei-lha?»,
 – «Cedeste-a, olhando com meigo sorrir.

«E então, ele aos lábios a leva ansioso,
 Com beijos ardentes lhe murcha o frescor;
 Não sei que palavras lhe dizes, e, em meio...
 – «Deixei-o?»
 – «Os braços lhe lanças do colo ao redor.

«Então, mais ousados seus lábios ardentes
 A rosa deixando, te poisam na mão,
 Sentindo-lhe os beijos lascivos de fogo...
 – «Eu logo...»
 – «Tu logo lhos pagas com a mesma paixão.

«Depois, que delírio! Calaram-se os lábios,
 E os olhos deixaram por eles falar;
 E eu via este quadro de amores risonho?»
 – «Que sonho!»
 – «Terrível, não achas? e quis-me vingar.

«E a adaga que cinjo, convulso apertando,
 Corri; a vingança me impele veloz.
 Achei-te; o ciúme meu peito povoa.»
 – «Perdoa!...»
 – «Perdoa!» – dizias com trémula voz.

«Em vão! teus clamores não ouve meu peito:
 No teu níveo seio o ferro cravei.
 Vacilas, e o sangue rompendo num jorro...»
 – «Eu morro!...»
 – «Eu morro!» – disseste.
 Meu sonho acabei.»

1 de Março do 1860.

Note *do Actor* – Outro crime de lesa-sexo feminino e do qual também me arrependo. É um caso apenas de traição e vingança, de onde não se pode concluir nada. No que me confesso culpado é em ter sido pouco parcial, não hesitando em distribuir nesta cena de fantasia o papel mais antipático, pelo menos para mim, à mulher e ao homem. Mas é desculpável espírito de classe.

NO TRÂNSITO DE UMA NOIVA

Quem te foi vestir de noiva,
Aos quinze anos mal contados?
Quem cingiu de laranjeira
Os teus cabelos dourados?

Que mão conduziu ao templo
Esses passos vacilantes?
Quem te apagou os sorrisos,
Que tinhas nos lábios dantes?

Pobre inocente criança,
Onde vais assim vestida,
Com as lágrimas nos olhos,
Com a cabeça pendida?

Onde te leva essa gente,
Que junto de ti caminha?
Não sei, não sei que desgraça
Meu coração adivinha.

E tremes, pobre menina?!
Oh! inda é tempo, recua!
Não sacrifiques tão cedo
A paz da existência tua.

Tu vais vestida de noiva,
E os olhos humedecidos;
Estanca, estanca esse pranto
Que te humedece os vestidos.

Eleva a fronte graciosa
Coroadada de laranjeira,
Que não te caiam as flores
Pelo chão dessa maneira.

Louca, se vais assim triste
Como a vítima dos altares,
Recua, que é tempo ainda,
Treme de não recuares.

Vais mentir dizendo que amas,
Vais mentir dentro do templo,
E o futuro que te espera
Tem mais do que um triste exemplo.

Recusa essa mão traiçoeira

Que te promete venturas,
Vê que numa só palavra
Tua desgraça asseguras.

Quando voltares da igreja,
Morta verás toda a esperança.
É cedo para seres esposa,
Continua a ser criança.

Repara; as tuas amigas
Convidam-te ainda ao brinquedo,
Espanta-as teu véu de noiva,
Ai porque as deixas tão cedo?!

Dorme inda no teu seio
Um coração de quinze anos:
Respeita-lhe o sono, louca,
Poupa-lhe acres desenganos.

Coração virgem de amores,
Como respondes por ele?
E há uma mão sem piedade
Que a tal abismo te impele?!

Diante do altar sagrado
Não jures o que não sintas:
É Deus que te ouve, repara,
É Deus que te ouve. Não mintas.

Mas caminhas... não hesitas...
Do altar os degraus subiste.
Meu Deus, que gélida festa!
Senhor! que cena tão triste!

Ontem criança, hoje noiva!
Imprudente crueldade
Que se antecipou aos sonhos
Da ridente mocidade!

Se um dia acordar inquieto
O coração, desditosa?
Se o fogo da juventude
Se atear no seio da esposa?

E escutam-se hinos de festa!
E arma-se o templo de galas!
E brilham de luz e flores
Da noiva as faustosas selas.

Soltaste a fatal palavra;

Dissipou-se o último ensejo.
Parece-me um saimento
O teu nupcial cortejo.

Esse vestido de noiva,
Aos quinze anos mal contados,
É um véu negro lançado
Sobre teus sonhos dourados.

Funchal, Maio de 1869.

C. * * *

Não meças o amor pelo tempo que dura;
Ontem amei-te mais nessa hora tão ligeira,
Senti maior prazer, gozei maior ventura,
Do que ao pé de ti passasse a vida inteira.

Deixa que esta paixão termine com o dia,
Efémera cecém nascida à madrugada,
E que ao cair do Sol, nessa hora de. poesia,
Deixou pender no chão a fronte desfolhada.

Fiquemos sempre assim, um ao outro ignorados
Nestas vagas regiões duma paixão nascente.
Sigamos cada um caminhos separados;
Com uma. hora de amor a alma é já contente.

Lisboa 1869.

AS ANDORINHAS

Fugi, andorinhas; em mais longes plagas
 Buscai outras praias, florestas e o céu;
 Que é triste o bramido que soltam as vagas
 E um vento pressago nos bosques gemeu.

Fugi, namoradas das flores e estrelas,
 Olhai: estes campos sem flores estão,
 E cedo os espaços, à voz das procelas,
 Sinistros, cerrados, sem luz ficarão.

Fugi, apressai-vos, alados viajantes,
 Em bandos ligeiros os mares cruzei.
 Por outros países, por selvas distantes
 Mais flores e aromas, mais luz procurai.

Deixai estes montes de neve c'roados,
 As selvas despidas, e as folhas sem cor,
 As grossas torrentes e os troncos quebrados
 E os vales cobertos de denso vapor.

E quando, mais tarde, na verde campina,
 As rosas voltarem com viço a florir,
 E as serras, despidas da intensa neblina,
 Virentes, formosas, se virem surgir;

E quando deslizem na praia arenosa
 Mais lentas, mais brandas, as vagas do mar,
 E das laranjeiras de copa frondosa
 Caírem as flores do chão do pomar;

E quando fugirem, informes, pesadas.
 As nuvens sombrias que se erguem do sul.
 Correndo dispersas e em flocos rasgadas,
 Nos piamos imensos de um límpido azul:

Voltai: nova quadra de amores vos chama;
 Dos climas distantes pra estes parti;
 Então tudo é vida, já tudo se inflama,
 Há luz, há perfumes faltais vós aqui!

Voltai, que de novo serão florescentes
 As selvas, os prados, o monte, os vergéis;
 Quietas as brisas, as águas dormentes
 Nos lagos tranquilos de novo vereis.

Só eu, que vos sigo com vistas saudosas

Ao vosso desterro, dos mares além,
já quando no prado brotarem as rosas,
Talvez não reviva co'as rosas também.

Ai, não, não revivo, que o vento do Outono
Gemendo angustiado nas brenhas do val',
Convida-me ao leito do plácido sono,
E as nébias entoa do meu funeral.

Eu morro! Na chama do Sol que declina
Bem sinto o presságio dum próximo fim.
Se um dia voltardes à vossa colina,
Ó doces amigas! lembrai-vos de mim;

Daquele que, triste, vagando no olmedo,
O adeus da partida vos veio dizer.
Quem sabe das campas o oculto segredo?
Talvez vossos cantos eu possa entender.

Talvez que, ao ouvir-vos a queixa sentida
Quebrando das noites a triste mudez,
À sombra dos cedros da escura avenida
Acorde, a escutar-vos ainda uma vez.

1864.

Nota do Autor – Faz parte do romance e Uma flor de entre o gelo e publicado n'*Os Serões da Província*, em 1870.

O PALHAÇO VELHO

«Palhaços! rápidos!
 A arena! à arena!
 Quer-se uma cena
 Que faça rir.
 Exige-a o público
 Em altas vozes;
 Ide, velozes,
 Ide-o servir a

E os *clowns* lépidos
 Ágeis, disformes,
 Saltos enormes
 No circo dão.
 Soam frenéticas
 Palmas e bravos.
 Pobres escravos
 Da multidão!

Danças ridículas,
 Fingidas lutas,
 Jogos, disputas,
 Travam-se ali;
 Ditos equívocos,
 Palavras soltas,
 Saltos e voltas...
 E o povo ri.

Pertence ao número
 Um *clown* idoso,
 Curvo, rugoso,
 Cheio de cãs;
 Os membros trôpegos
 De muita idade
 Move à vontade
 Das turbas vãs.

É ele o último
 Dos companheiros,
 Que, mais ligeiros,
 Deixam-no atrás,
 A turba indómita
 Com grandes gritos
 Ao som de apitos
 Assuada faz.

E o velho cómico

Treme assustado
 Do desagrado
 De seu senhor.
 Escusa lágrima
 Cai-lhe escaldante...
 «Palhaço, adiante!
 Coisa melhor a

E aquele mísero
 Truão do povo
 Tenta de novo
 Fazê-lo rir.
 Mas, pobre vítima!
 Dos lados todos
 Chufas, apodos
 Vêm-no ferir.

E o velho, trémulo,
 Não deixa a cena,
 Fazia pena
 Vê-lo saltar,
 Recresce a fúria
 Nas galerias...
 Velho, não rias!
 Nobre é chorar!

Chora, sim, chora-te
 Envergonhado
 Do teu estado
 De aviltção.
 No pó olímpico
 As cãs rojaste
 E não coraste?
 Chora, ancião.

Porém, silêncio!
 Que o velho fala;
 Tudo se cala,
 Tudo o escutou.
 Em tom de súplica,
 Com as mãos erguidas,
 Estas sentidas
 Vozes soltou:

«Sede magnânimos,
 Meus bons senhores!
 Que as minhas dores
 São infernais!
 Chorar no intimo,
 Rir no semblante!

Rir incessante!
Ai, que é de mais!

«Deponho a máscara,
Que vos ilude,
Já que não pude
Fazer-vos rir.
Este cilício,
Que me angustia,
Deixe este dia
De me pungir.

«Tenho família,
Filhos que choram,
Vozes que imploram
Pedindo pão.
Oíço a miséria
Bater-me à porta...
Velho, que importa?
Vai ser truão.

«Sentes decrépito
Tremar-te o braço?
Faz-te palhaço.
Que esperas? Vai!
Loucos escrupulos,
Velho, refreia,
Perante a ideia
De que és... um pai.

«Meu pranto, esconde-te,
Calai-vos, dores:
Estes senhores
Querem folgar.
Segue ao suplício
Os mais escravos.
Oh! dai-me bravos,
Que eu vou... dançar!»

Mas ai, falece-lhe
O alento ao velho,
Dobra o joelho,
Na arena cai.
Erguem-no pálido...
Aos mais palhaços
Decai dos braços
O truão, o pai.

AQUELA VELHA!

Aquela velha! coitada!
Se lhe soubessem a vida,
Não passaria na estrada
Assim despercebida.

Vive só; mas vive agora,
Que num tempo já volvido
Houve na casa em que mora
Filhos, netos e marido.

Morreu primeiro o marido
Duma morte desastrosa;
Com o coração partido
Rezou por ele, piedosa.

Morreram-lhe os filhos todos
No tempo da epidemia;
Ela com os mesmos modos
Rezou de noite e de dia.

Ficara só com três netos;
Morreram de tenra idade:
E ela viúva de afectos
Venceu, rezando, a saudade.

E ainda vive! O que alenta
Aquela alma atribulada?
É a fé que lhe alimenta
Uma crença inabalada.

Ai, quem me dera esse alento
Nestes combates da sorte!
Que paz para o pensamento!
Que paz na hora da morte!

REMORSOS

Do mais alto da colina,
Que o luar nascente prateia,
Um vulto imóvel, catado,
Contempla as casas da aldeia.

É sobre as faldas do monte
Que aquele povo repousa;
Parece que o forasteiro
Descer ao vale não ousa.

De quando em quando um suspiro
Lhe rompe do opresso seio;
Começa a descer o monte,
Mas suspendeu-se no meio.

E a aldeia em baixo no vale
Já àquela hora repousa,
E o vulto imóvel, calado,
Descer à aldeia não ousa.

Um pastor subia a encosta,
Cantando desafogado,
A conduzir para os curros
O seu vagaroso gado.

– «Pastor, és destes lugares?»
– «Lá em baixo, na aldeia habito.»
– «Poderás então dizer-me
O que saber necessito.

Quem vive naquela casa,
Que fica sobre a levada?»
– «Ninguém; há mais de dez anos
Que essa casa está fechada.»

– «E a gente que a habitava?»
– «Partiu para melhor vida.»
– «Todos?» – «Todos. Há dez anos
Que essa gente está perdida.»

– «Era um velho?» – «Era, e enfermo,
Já de trabalhar cansado;
Um dia no alto da serra
Foram-no encontrar gelado,»

Suspirou o forasteiro.

– «E a mulher?» – «Cega e doente,
Ao descer a ribanceira
Despenhou-se na corrente.»

– «E uma filha que eles tinham?»
– «Ai, a triste rapariga!
A sina que a pobre teve
Nem é coisa que se diga.»

– «Morta também?!» – «E perdida,
Que foi ainda pior sorte,
Fazia dó vê-la viva;
Foi-lhe uma ventura a morte.»

– «Mas... havia ainda um filho...
–«Deus lhe perdoe os pecados;
Saiu da terra, deixando
Pai e mãe desamparados.»

– «Não se soube dele?» – «Dizem
Que vive rico e contente,
Sem que lhe pese a lembrança
Dessa desgraçada gente.»

– «Ó miserável!» murmura
O forasteiro sombrio,
O pastor desceu a encosta
E passou pra além do rio.

E quando de madrugada
Conduzia ao monte o gado,
Encontrou na ribanceira
O corpo de um afogado.

Conheceu o forasteiro
Pelas vestes que trazia;
Foi enterrado na aldeia.
Quem era? Ninguém sabia.

NA MADEIRA

Vi-a chegar. Nas faces descoradas
Trazia escrito o seu fatal destino.
Nem o sol destas plagas perfumadas
Pôde corar-lhe o rosto peregrino.

Vi-a chegar. Um mar de águas serenas
Trouxera-a no regaço brandamente,
Manso, tão manso, embalando-a apenas
Como se embala um berço de inocente.

Pobre criança pálida e formosa
Já condenada a inevitável sorte!
As auras desta ilha milagrosa
Não te podiam defender da morte!

Ao princípio, um clarão de vaga esperança
Raiou em seu olhar amortecido;
Mas ai, que breve rápida mudança
Deu a essa ilusão um desmentido.

Nós todos, que corríamos a vê-la
Fitando o mar com olhos lacrimosos,
Nós todos, exilados bem como ela,
Rodeámos-lhe o túmulo saudosos.

Queríamos-lhe tanto! àquela vida
Dir-se-ia que as nossas se ligavam:
Era como que a filha estremecida
De todos, porque todos a adoravam.

Vi-a partir. As pálpebras cerradas,
Pálido e frio o rosto peregrino,
Sobre o nevado seio as mãos cruzadas,
E em tudo um raio do clarão divino.

NO RIO

(A uma Criança)

Algumas há como as terras onde as flores
Aspiram uma seiva envenenada;
Onde à sombra de pérfidos verdores,
Cai nas selvas a ave inanimada.

Têm elas um excesso de amargura
De que se nutre cada pensamento;
Nas mais ridentes cenas de ventura,
Fere-as um doloroso desalento.

Ontem inda o senti. Bela era a cena.
Deslumbrante a paisagem;
Nossa barca leva-nos serena
À vela solta, em plácida viagem.

Tu, criança inocente, debruçado
Nas cristalinas águas,
Sorrias de prazer, e eu, a teu lado,
Sentia exacerbar as minhas mágoas.

Tu só vias na límpida corrente
Os verdores da margem,
E o sol, a repetir-se resplendente,
Nos mil reflexos que o fulgor lhe espargem.

As águas, a teus olhos, retratavam
Um segundo universo,
Outro céu, que outras aves povoavam,
Outro mundo, outro sol, na onda imerso.

Eu também, como tu, me reclinara
Do baixeiro sobre a borda;
Mas a vista das águas, que fitara,
Ideias mais amargas me recorda.

Talvez, pensei, que a linfa que, assim via
Tranquila e adormecida,
Ocultasse no seio uma agonia,
A extrema convulsão de um suicida.

E em lugar desse júbilo expansivo
Que o olhar te animava,
Era um pungir cruel e aflitivo
O que meu coração atormentava.

Ai, quantos como tu, pobre criança,
Sobre as vagas da vida
Vêm debruçados, reflectir-se a esperança.
E se iludem com a cena reflectida!

Quantos, sem o saber, sobre este abismo
Mal pensam, descuidados,
Que a seus pés, em tremendo paroxismo,
Lutam, ânsia da morte, uns desgraçados?

Mas os que já não têm, pobre inocente,
Essa doce ignorância apetecida,
Vêm através da plácida corrente
Cruéis mistérios deste mar da vida.

DISPERSAS

As riquezas deste mundo
 Para mim não têm valor;
 Eu sou rica nos teus braços,
 Sou rica do teu amor.

Uma Família Inglesa.

Dorme, filho, que eu vigio,
 E enquanto dormes, sorri;
 Que a tua porção de lágrimas
 Eu as chorarei por ti.

Uma Família Inglesa.

Aquele que tanto amei
 Esqueceu meu pensamento
 Como o rio esquece as rosas
 Que retratou um momento.

Justiça de Sua Majestade.

O amor que me juraste
 Bem cedo o vi acabar,
 Foi fumo de labareda
 Que já se desfez no ar.

Justiça de Sua Majestade.

O teu amor era falso,
 Teve pouca duração.
 Mas deixou mágoas eternas
 No meu pobre coração.

Justiça de Sua Majestade.

Flor dos campos, flor singela,
 Pra quem guardas tuas cores?
 Deus criou-te entre verdores
 Só pra os campos enfeitar?
 Desconhecem-te a beleza
 Outras flores que ta invejam

E as brisas, se te bafejam,
 Não o sabem revelar.

Há tanto que corro os prados
 Por sobre viçosas relvas!
 Tantas flores pelas selvas,
 Tantas no monte encontrei!
 Há tanto! e porque só hoje,
 Alva cecém da campina,
 Quis a minha ingrata sina
 Que te encontrasse? Não sei.

Não sei. O peito agitado
 Seus segredos não revela.
 Se ao ver-te foi minha estrela,
 Se é sorte pensar em ti...
 Pensarei, sim; tua imagem
 Há-de seguir-me incessante,
 Em ti só, flor vicejante,
 Pensarei, já que te vi.

À noite nos arvoredos
 Onde formas vaporosas
 Vagueiam misteriosas,
 Irei procurar-te, a sós.
 De manhã, quando no outeiro
 Surja a chama matutina,
 Já o teu nome, Paulina,
 Repetirá minha voz.

Publicada no conto *As apreensões de uma Mãe*, dos *Serões da Província*.

Mais vida! meu Deus, mais vida!
 Que a chama inda arde violenta!
 E a alma, de viver sedenta,
 Outros sonhos concebeu.

Das Apreensões de uma Mãe

Vem livrar-me com teus olhos
 Que eu por eles me perdi;
 Dá-me a vida com teus beijos,
 Já que por beijos morri.

As Pupilas do Sr. Reitor.

Caçador, que vais à caça,

Muito bem armado vais;
Os olhos levas por armas,
E, em vez de tiros, dás ais.

Singular caçada a tua,
Arrojado caçador,
Que, em lugar de penas de aves,
Só trazes penas de amor.

As Pupilas do Sr. Reitor.

Meia-noite, tudo dorme;
Só eu não posso dormir;
Pois não me deixa este amor,
Que me fizeste sentir.

Este amor, que é minha vida,
Vida do meu coração,
Atrás do qual meus suspiros
E meus pensamentos vão.

As Pupilas do Sr. Reitor.

Se estás mais perto do Céu
Nestas alturas da serra,
Ai, porque tens, peito meu,
Inda saudades da Terra?

Em vez de erguer os olhares
À luz deste firmamento,
Desço-os à sombra dos lares,
Onde tenho o pensamento.

A Morgadinha dos Canaviais.

TERCEIRA PARTE

UMA EXPLICAÇÃO PRÉVIA

Prefácio do autor ao seu álbum manuscrito de poesias intitulado: «*Tentativas poéticas – colecção de versos de Júlio Dinis*» (Joaquim G. Comes Coelho).

É necessário ter uma grande força de vontade para resistir hoje à tentação de rimar alguns versos e cantar, bem ou mal, os sentimentos que nos dominam em certas épocas da vida. Por muito tempo lutei e soube vencer este espírito tentador, que, em horas de melancolia, em momentos de entusiasmo, em instantes de prazer, na presença do belo, do grande, me antolhava, demónio enganador, o campo da poesia, fascinando-me com promessas risonhas, que nunca eu tinha de ver realizadas; afinal sucumbi e o resultado da derrota é isso que hoje reúno neste livro de onde espero nunca sairá. Viverá sempre isolado e escondido de vistas estranhas, pois nem maiores pretensões ele tem.

Mas, como ninguém pode calcular todas as eventualidades futuras, devo dar uma satisfação àqueles a quem por acaso, e mau grado meu, este livro possa chegar.

Escrevi-o só para mim. Queria-o para um museu das minhas impressões que me recordasse no futuro esses devaneios e fulgentes fantasias, que constituem a mais apreciável riqueza da juventude, segundo dizem os que já estão fora dessa quadra da vida.¹ Não me arguam, pois, não analisem estes versos; o seu autor melhor que ninguém sabe que eles não suportam a análise.

Não me custaram muitas vigílias; impressões de momento, quase de momento foram escritos.

Deles não sou responsável perante ninguém, pois que a ninguém imponho a sua leitura, ou, se o fizer, será só aos poucos de quem posso esperar que os olhos benévolos do amigo não vejam os defeitos patentes às vistas desapaixonadas do leitor.

Dezembro de 1859.

¹ Tinha Júlio Dinis ao escrever esta «Explicação prévia» 20 anos apenas.

SONHO OU REALIDADE?

Encantada visão, que me apareces
 Por alta noite, em sonhos deleitosos,
 Aonde vives tu? Onde encontrar-te
 Posso, ó virgem? Acaso neste mundo
 Em que o vicio domina, acaso habitas?
 Ou tens tua morada em áurea estrela,
 Que, de noite, contemplo cintilando
 Com trémulo fulgor? Onde é que vives,
 Virgem dos sonhos meus? Onde resides?
 És tu, és sempre tu que me apareces
 Quando cansado de afanosa lide,
 Eu peço à fantasia um lenitivo;
 Então vens-te sentar junto a meu lado,
 Compreendes meu penar. Saudosa, meiga,
 A sofrer me convidas, apontando-me
 Num risonho futuro, mil venturas,
 Pra compensar-me as dores. Teus suspiros
 Vêm casar-se com os meus, e dos teus olhos
 Manam raios de luz, que secam na alma
 A fonte dos desgostos. Em ti, anjo,
 Só em ti, eu encontro um seio amigo,
 Onde confio meus cruéis tormentos;
 E no teu colo reclinando a fronte,
 Deixo livre correr o pranto amargo,
 Que todo o dia conservei suspenso
 Para o esconder dos olhos indiferentes.
 Nesses instantes de inefável gozo,
 Todos os meus sentidos enlevados
 Me fazem conceber tua existência,
 Como se humanas formas te vestissem.
 Figura-se-me ver teus negros olhos,
 Belos, saudosos, para mim olhando
 Com uma tal expressão, que é toda encantos,
 Que é toda amor, que a alma me extasia.
 Parece-me sentir arfar-te o peito
 Em suave ondulação. Os teus cabelos,
 Brandamente agitados pela brisa,
 Meus lábios vêm tocar, como exigindo
 Que em suas ondas de formoso ébano
 Um beijo deposite. Então me falas,
 E que falas, meu Deus! São harmonias,
 Que nem os anjos no celeste império
 Tão ternas as entoam. Meus ouvidos
 Distintamente as ouvem: responder-lhes
 Porém não posso; delirante escuto,
 E sem que eu fale compreender-me sabes;

Revelados te são meus pensamentos.
Sem que em palavras os traduza. Sinto
Tuas mãos entre as minhas. Enleado
Por teus mimosos braços me conservas.
Teu hálito em delírio me arrebatava,
Em delírio de amor, tão puro e casto,
Qual o dos anjos na mansão divina.
Que momentos aqueles em que sonho!
E que triste é depois a realidade!
Por um instante de supremo gozo
Tenho, em troca, o amargo desespero
Duma terna ilusão desvanecida.
Porventura, meu Deus, nunca esta imagem
Terá realidade? Não existe
No mundo essa mulher, que eu imagino?
Que só contemplo em meus dourados sonhos?
Esta sombra, este anjo que me fala,
Que me sorri e que me dá conforto
Quando em jardim de fadas delicioso.
Errante me vagueia a fantasia,
Essa virgem, de amor, criação risonha,
Acaso tem por pátria o nosso mundo?
Oh! se tem, Deus supremo, faz que em breve
Eu a possa encontrar. Senhor! permite
Que na Terra entreveja a paz que os justos
Cozam na alta morada onde habita
Tua celeste essência. Oh! possa eu vê-la
Essa formosa imagem de donzela,
Que, enquanto o corpo dorme e a mente livre
Vagueia em regiões desconhecidas,
Eu vejo ao lado meu... possa encontrá-la
Em breve nesta vida; e, se negada
Me for esta ventura, devo acaso
Noutro mundo melhor gozá-la, ao menos?
Ser-me-á dado sonhar eternamente?
Ver então sempre esse anjo e adorá-lo,
Com o amor, que na Terra guardei sempre
Reprimido no íntimo do peito?
Sereis acaso, ó sonhos, fiéis quadros
Da imensa dita que então lá me espera?
Se assim é, anjo meu, leva-me cedo
Para a tua morada aonde goze
Essa felicidade por que anelo
E que encontrar em vão busco na Terra.

1867.

Estes noventa e tantos versos foram os primeiros que me saíram da pena com pretensões a poesia. Por isso os transcrevo. O assunto é digno da idade em que os escrevi.

Quem aos 17 anos não tenha sentido alguma coisa de semelhante e experimentado o desejo de a exprimir, melhor do que eu o pode fazer, é homem de cujas afeições e sentimentos permitir-me-ão duvidar.

NÃO TE AMO
(CANÇÃO)

Amo as noites de luar.
Amo a Lua, o Sol, o Céu.
Amo as estrelas e o mar;
Mas não amo o rosto teu.

Amo das aves o canto,
Dos bosques o sussurrar,
Na voz da brisa acho encanto;
Mas não amo o teu cantar.

Amo a cor da branca rosa
Entre as flores bela flor,
Da violeta a cor mimosa;
Mas não amo a tua cor.

Amo o brilho das estrelas
Que fulguram lá nos céus,
O da Lua em noites belas,
Mas não o dos olhos teus.

Amo toda a natureza,
Tudo nela me sorri,
Em tudo encontro beleza;
Mas não sinto amor por ti.

1857 (17 anos de idade).

Em vez de canção, melhor lhe chamaria cantiga. Não tem, nem poderia ter outra aspiração. A pessoa a quem ela se refere é uma pessoa imaginária, ou antes, era-o quando isto escrevi, pois falando verdade, mulheres tenho encontrado que estão no caso de se lhes poder oferecer estas cinco quadras e não se deverem dar por ofendidas. Mas basta de notas para uma coisa tão pouco notável.

PENSO EM TI!

Surge a manhã! Tudo é festa
 Tudo no campo é prazer,
 Trinam aves na floresta
 Hinos do Sol ao nascer.
 Nestas horas misteriosas
 Em que dos jasmims e rosas
 Sobem perfumes aos céus,
 Nestas horas de magia
 Em que tudo tem poesia,
 Meus pensamentos... são teus.

Leva o Sol seu curso em meio,
 Tudo inunda em clara luz
 E só das selvas no seio
 Branda sombra se produz,
 Mal se ouvem os zumbidos,
 Dos insectos e os gemidos
 Da fonte caindo além;
 Nesta hora de ardente calma
 De amor só me falta a alma
 E este amor... é teu também.

Já vai desmaiando o dia,
 Aumenta o grato frescor
 E na alameda sombria
 Gorjeia o alado cantor;
 Soltam-se os diques às presas,
 Da rega é a hora, e às rezas
 Convida o bronze cristão;
 Cede o trabalho ao descanso;
 Nestas horas de remanso
 Meus pensamentos teus são.

Noite é já. A Lua alta
 Dos ares causa a amplidão,
 Longe, ao longe, o mar exalta
 Aos céus a vaga canção;
 E do arvoredado a folhagem
 Quer, na sua linguagem,
 Seus bramidos imitar;
 O sono a terra domina
 E tua imagem divina
 Me enleia em brando sonhar!

Penso em ti a toda a hora,
 De manhã, pelo arrebol,

Depois, quando à luz da aurora
Sucedo o fulgor do Sol;
Penso em ti na hora amena
Em que a tarde vai serena
Envolver-se em ténue véu;
Penso em ti de noite escura,
E é toda a minha ventura;
A mais não aspiro eu.

1868.

Aspirar, aspiro, mas... Esta poesia (perdoem-me o nome) não é um simples jogo de fantasia. O que ela é, escuso de o dizer. Os que a entenderam dispensam explicações. Os Outros não sei se feliz se infelizmente para eles, nem com uso volume inteiro de notas a entenderiam melhor.

Em quanto a este tique que nela figura, se me perguntarem quem é, colocam-me em sérias dificuldades. Não saberei responder talvez satisfatoriamente.

CISMANDO

Ontem à sombra dos plátanos
Daquela extensa avenida
Sentia-te comovida.
Tremes... corar.
I a falar-te mas – Cala-te –
Disseste, com voz maviosa,
– Quero, nesta hora saudosa,
Quero cismar.

1857.

EVOCAÇÃO À TEMPESTADE

Vinde! Soprai furiosos
 Ventos de tempestade!
 Ergue-te, majestade!
 Ergue-te, ó vasto mar!
 Correi, legiões de nuvens,
 Velai o céu de estrelas,
 Ô génio das procelas
 Vem! Quero-te saudar!

A luz fatal do raio
 Guie o meu barco apenas
 E rujam como hienas
 As vagas ao redor;
 Pairem nos ar's fatídicos
 As aves de carnagem,
 E cave-se a voragem
 Com súbito fragor.

Surjam do fundo do abismo
 Os pavorosos vultos
 Dos náufragos sepultos
 Dos mares da amplidão:
 Responda à voz das águas
 Frementes, agitadas,
 O silvo das rajadas,
 Os brados do trovão.

Do arcanjo do extermínio
 O gládio chamejante
 Ostente-se radiante
 De ameaçadora luz;
 Da tempestade às fúrias
 Assistirei sorrindo
 E bradarei: Bem-vindo!
 Ao génio que a conduz.

Bem-vindo, sim, que eu sinto
 No seio mais violenta
 Uma cruel tormenta,
 A luta das paixões.
 Procuro o mar furioso
 Como um seguro asilo,
 Arrosto-o e não vacilo
 Das ondas aos baldões.

1857.

A ROMEIRA

Onde é que vais tão garrida,
 Lenço azul, saia vermelha;
 Pareces-me mais crescida
 Ai, filha, fazes-me velha!

Mas... inda agora reparo,
 Cordão novo e arrecadas!
 Onde vais nesse preparo
 E com estas madrugadas?

– Onde vou? à romaria
 Da Senhora da Bonança.
 Querem ver que não sabia
 Que era hoje? Aí que lembrança!

– Que queres tu, rapariga,
 Se toda a minha canseira
 É fiar a minha estriga
 Ao canto desta lareira,

Ora o Senhor vá contigo.
 – Fique em paz minha madrinha.
 – A casa voltes sem perigo.
 Olha lá, vem à noitinha!

– Ai venho, logo às trindades,
 Que é que quer que eu lhe traga?
 – Como me levas saudades
 Traz-me saudades em paga.

Pois trarei e até à vinda,
 Adeus que há muito amanhece.
 – Vai, que romeira tão linda
 É que lá não aparece.

1857.

CANTARES

O campo já não tem rosas,
As noites não têm luar
E as andorinhas medrosas
Atravessaram o mar.

A sombra de uma ramada
Um dia inteiro passei
Colhendo uvas e beijos,
Quais mais gostosos não sei.

O meu mal já não tem cura
Porque é já mal de raiz;
Desde o berço à sepultura
Tenho de ser infeliz.

No Céu se pagam os males
Que no mundo se fizeram;
Se assim é, esses teus olhos
Grandes castigos esperam,

Quem se ri está contente,
Quem está contente é feliz,
Mas cala-te, coração,
O que sentes não se diz.

1857.

PRECE DO CORAÇÃO

Ludibrio das vagas, que agita a procela,
Em noite de trevas, do oceano ao fragor,
Na terra uma praia, no espaço uma estrela,
O nauta, prostrado, te pede, Senhor!

Que, se é triste a morte, mais triste é por certo
Se, no último instante do nosso existir,
Olhando o horizonte, de nuvens coberto,
De esp'rança uma estrela não vemos luzir.

Nas vagas da vida, meu barco perdido
Errante navega, sem norte, sem luz,
Não sei por que ventos me sinto impelido,
Não sei a que praias o mar me conduz.

Sulcando estas ondas, eu vejo a meu lado,
Cruzarem-se afoitos mil outros também
Os ventos dirigem seu curso apressado,
Na esteira que eu sigo... mas passam além.

E eu... Que viagem! Que triste destino!
Que vida, ai, que vida meu fado me deu!
Vogar incessante, sem rumo, sem tino!
Rodeado de trevas, na Terra e no Céu!

Senhor! novo nauta no oceano da vida,
Se as águas furiosas me têm de tragar,
Oh! dá-me que em antes da extrema partida,
A estrela que eu sonho me venha animar.

Que o veja um momento, no espaço fulgindo,
O astro dourado, que em sonhos eu vi!
Quem não amou nunca, da vida partindo
Mal pode, ao deixá-la, dizer: já vivi!

1859.

MELANCOLIA

Em paz, deixai-me em paz, meus pensamentos,
 Não me faleis nos tempos que lá vão.
 De que serve pensar nesses momentos?
 Volvidos para sempre eles não estão?

Oh! deixai-me esquecer o curto instante
 Em que mãe e irmãos no mundo vi!
 Não achais triste e amarga ainda bastante,
 A amarga solidão que passo aqui?

Que pretendeis falando do passado?
 Que quereis? que exigis ainda de mim?
 Lágrimas? Não vos bastam as que hei chorado?
 Pra que as saudades me avivais assim?

Eu vejo os outros anelar ansiosos
 Prazer, orgias, festas sem cessar;
 Eu não, que invejo mais suaves gozos,
 Gozos que a morte me impediu de gozar.

E assim me corre a vida! só comigo,
 E a memória do tempo que passou,
 E sem um coração, um peito amigo
 Que a sorte, a sofrer só, me condenou.

O homem primeiro, do Éden desterrado,
 Triste, rojava a fronte pelo pó;
 Mas ele tinha ao menos a seu lado
 Um ente que o amava e eu... estou só!

Que a solidão não é erma de gente,
 Té no meio da turba a pode haver.
 Pois que nos vale a turba, quando um ente
 Não vemos, que nos saiba compreender?

Quase tudo que amava, emurchecido
 Pelo sopro da morte cair vi.
 Como entre rumas, mausoléu erguido,
 A destruição dos meus sobrevivi.

E para quê, Senhor? Qual é meu norte?
 Que missão nesta vida hei-de cumprir?
 Oh! antes, antes me levara a morte,
 Pois que assim, é tormento o existir.

Sombra da campa! que te tema aquele,

A quem ventura, ou um amor sem fim
Da vida ao seio e do amor impele.
Teu frio leito não me assusta a mim.

Foi-me o passado instante de ventura,
É-me o presente um século de dor;
E o porvir, envolvido em noite escura,
Que me reservará? Morte ou amor?

Se o anjo que em meus sonhos imagino,
Eu tenho de encontrar, quero viver.
Mas... se não... corre, apressa-te, destino!
Abre-me a campa; tarda-me morrer.

.....

Em paz, deixai-me em paz, meus pensamentos,
Não me faleis nos tempos que lá vão.
Oh! deixai-me esquecer esses momentos,
Já que volvidos para sempre estão.

1859.

Só quem não soubesse nada da minha vida, me poderia pedir explicações desta poesia. Se, para uma produção desta natureza ter merecimento, bastasse ser escrita sob a impressão dos sentimentos que nela se exprimem, podia esta ser uma obra-prima. Infelizmente há mais algumas condições a satisfazer.

NÃO POSSO

Pedes-me um canto, anjo?
 Ai não, não sei cantar-te,
 Hinos para elevar-te
 Não sabe a minha voz.
 Os grandes sentimentos
 As majestosas cenas
 Sentimo-las apenas;
 Que mais podemos nós?

Qual é a linguagem,
 Que as sensações exprime
 Dessa hora tão sublime
 Das confissões de amor?
 Se um ente amado expira...
 Junto ao lutuoso leito,
 Do que nos vai no peito
 Quem pode ser cantor?

Nas praias do oceano
 Ao som dos seus bramidos
 Enlevam-se os sentidos,
 Escuta o coração.
 E as horas passam rápidas,
 Delícias sonha a mente...
 Mas, o que então se sente
 Cantar se tenta em vão.

Sob as arcadas tristes
 De templo sacrossanto
 Sobe, com fervor santo,
 O pensamento a Deus.
 Da fé Intima e pura
 A alma aí se inspira...
 Porém pode a lira
 Cantar nos hinos seus!

Ai não me peças cantos!
 O sentimento é mudo,
 Diga o silêncio tudo
 Quanto eu não sei cantar.
 Mas, se amas.. se no peito
 Intima voz te fala,
 Tudo o que a lira cala
 Lerás num meu olhar.

Novembro de 1859.

Se esta poesia tem um leve fumo de verdade, ele é tão fraco e desvanecido, que não me atrevo a alistá-la entre as verdadeiras, em quanto ao facto pois em quanto aos sentimentos, sustento que o é e julgo não ser o único nesta crença.

Estes versos talvez me justifiquem de arguições futuras. É uma poesia da prevenção. Olhem-na como tal.

AURORA DE ARREPENDIMENTO

Fugi, fantasmas lívidos!
 Fugi, lúgubres sonhos!
 Espectros tão medonhos
 Deixai-me em paz! parti!
 Não vedes como fúlgida
 A Lua do Sol já surge?
 Deixai-me; o tempo urge,
 Nas trevas vos sumi!

Há muito que a ave lúgubre
 Calou seus tristes hinos;
 E, ao longe, a voz dos sinos
 Vos diz – eis a manhã!
 E vós, negros espíritos,
 Travando estranha dança,
 Me murmurais: Vingança!
 Vingança?... Sombra vã!

Esperais que ao som horrífico
 De vossos mil clamores,
 Pungindo de terrores
 Me roje pelo chão?
 Que ao ver as minhas vítimas
 Surgir da sepultura
 Cedendo a atroz tortura
 Eu clame por perdão?

Cingi o vosso sudário,
 Voltai ao frio leito,
 Que dentro do meu peito
 Não despertais horror.
 Dormi o sono gélido
 Que a morte vos prepara
 Deixai pra turba ignara
 Imagens de terror!

Eis o sombrio préstito
 Das vítimas sangrentas!
 As faces macilentas,
 Tintas de sangue e pá!
 Rojando as alvas túnicas
 No sepulcral lajedo
 Caminham, como a medo...
 Infundem pasmo e dó.

Entoando um canto fúnebre,

Qual último gemido,
Dos ossos ao ruído,
Acercam-se de mim!
Formam-se em vasto círculo,
E erguendo-se horrível grito,
Bradam-me: Sê maldito,
Qual já o foi Caim!

E de medonha abóbada
Os ecos despertando.
Seu grito continuando,
Repetem-me: Cairo!
Oh! que mortal angústia
Este suplício eterno!
E nem no próprio Inferno
Se penará assim!

Mas não... não tremo... rio-me
Dos vãos terrores da turba;
Só ela se perturba
Com tétricas visões.
Eu não, que desde a infância
Travei ardentes lutas,
E, qual as rochas brutas,
Sorri aos furacões.

E, se me vedes trémulo,
Perante vós curvar-me
E a fronte rociar-me
Um frígido suor...
Embora! a alma intrépida
E forte permanece,
O corpo é que parece
Ceder a um frio horror!

Sob o lençol funéreo
Que os membros vos recobre
O meu olhar descobre
Os traços de um punhal.
E o sentimento do ódio
Que o vosso aspecto exprime
Traz-me à memória um crime...
Um estertor mortal!

E eu vos fito impávido!
A ti, ancião primeiro;
No instante derradeiro
Louvavas o teu Deus,
Tentaste opor-te às fúrias
Da minha ardente coorte

Foi negra a tua sorte!
Caíste aos golpes meus!

Do templo no vestíbulo
Severo te elevavas
E anátemas lançavas
Tremendos contra nós;
Ao grito de sacrílegos
O bando estremeceira,
Sem mim talvez cedera
Em breve à tua voz.

E tu, mancebo? Adiantas-te
Com pálido semblante?
Pra libertar a amante
Voaste a combater;
Cego! que no teu ímpeto
Tolheste-me a carreira!
Exangue na poeira
Cedo te fiz volver.

Menos do que tu, mísero,
O incauto viandante
Se se encontrou diante
Do carro que ágil vem;
No seu giro mais rápido
Que o próprio pensamento
Esmaga-o num momento
E livre, passa além.

E tu que me olhas túrbida
Qual rábida leoa
Que o bosque que o ar atroa
Chamando os filhos seus;
Num maternal delírio
Ao veres-me, furiosa,
Ergueste-te raivosa
A defender os teus.

Mas qual a onda tímida
De encontro à rija fraga,
Mas qual a fina adaga
De encontro ao forte arnês,
Dobrou teu corpo lânguido
Ao encontrar meu peito,
Caindo em pó desfeito...
Nem vacilar me fez!

E tu que ergues, pálida,
Coroadada de alvas flores?

Na quadra dos amores
 Pendeste, flor, pra o chão.
 Crestou-te as lindas pétalas,
 De embriagador perfume.
 O fogo do ciúme,
 A lava da paixão!

Enquanto nos meus êxtases
 Contigo eu só sonhava,
 Teu seio se agitava
 Pensando noutra amor;
 Então... em minha cólera
 Perdida toda a esperança,
 Jurei cruel vingança;
 Cumpri-a com rigor.

Voltei aos frios cárceres,
 Ao sepulcral jazigo,
 Onde buscais abrigo
 Quando desponta o Sol.
 E os rostos cadavéricos
 Aos matutinos raios,
 Espectros, ocultai-os
 No funeral lençol.

Mas outro se ergue súbito!...
 Que vago horror me infunde!
 Que estranha luz difunde
 Se eleva o seu olhar!
 Descobre o rosto, fita-me...
 Que vejo é ele, o infante
 Que num fatal instante
 Na campa fiz rolar.

No teu suspiro último
 Que triste melodia!
 Na hora da agonia
 Sorriste para mim!
 Esta lembrança punge-me,
 É dor que não se exprime.
 Ai! nunca a voz do crime
 Me fez sofrer assim.

Ai! fuge, fuge, poupa-me
 O horror da tua vista.
 Que força há resista
 A um tormento igual?...
 Oh! que vergonha! Lágrimas!
 O lúgubre cortejo
 Sorrir-se ufano vejo

Com júbilo infernal.

Embora! Espectros, ride-vos,
Sou fraco, anseio, tremo.
Nem no momento extremo
Se pode sofrer mais!
Fogem-me as forças, cansa-me
A luta, calo exausto;
Ó meu destino infausto
Que dores me guardais?!

De mim ei-los já próximos
E os descarnados braços
Agitam nos espaços
Soltando imprecações,
E ao som dos seus anátemas
Mil sombras pavorosas
Me arrastam às tenebrosas
Sombrias regiões.

À chama dos relâmpagos
Já treme a própria terra;
E qual enorme serra
O mar se eleva aos céus,
Eis a mansão dos réprobos
E os fogos infinitos
Onde ardem os proscritos
Da habitação de Deus.

Oh! longe este espectáculo!
A morte, antes a morte!
Talvez então a sorte
Conceda ao morto paz.
Talvez transportando os pórticos
Da sepulcral morada
Não reste do homem nada
Além do pó que jaz.

Então, qual som da Pátria
Soa o proscrito ouvido,
Meu último gemido
Me soar também;
Mas... quem me diz que as ânsias
Deste cruel tormento
Têm fim no pensamento
Não vão da campa além?

A vida é-me um martírio;
Minha alma outrora forte
Ao sopro de agra sorte

Vergou, pendeu pró chão;
 Nem mesmo a paz do túmulo
 Me resta! No seu seio
 Penar inda receio
 Pra sempre! Deus perdão!

Mas... que suave bálsamo
 O peito me serena?
 Que luz tão grata e amena
 Nas trevas me luziu?
 Qual desesp'rado náufrago
 Em tão negra procela
 Nos céus uma alva estrela
 Longínqua me sorriu!

Acaso é dado ao ímpio
 Erguer as mãos manchadas
 Ainda ensanguentadas
 À celestial mansão?!
 Pode ainda a sua súplica
 Chegar aos pés do Eterno?!
 Da beira já do Inferno
 Clamar inda perdão?!

Supremo Deus! atende-me!
 Na Terra o meu castigo!
 Porém, quando o jazigo
 Se abrir ao pecador,
 Quando em gelado féretro
 A fronte já cansada,
 Pousar extenuada,
 Perdoa-lhe, Senhor.

Novembro de 1859.

Escusado é dizer que não sou eu quem tala neste canto de remorsos. Conquanto pecador, como todos os filhos de Adão, ainda não está tão cheio o meu cabaz de culpas.

Aqui usei da liberdade, que nos dá a lira, boa ou má, de exprimir, não só os nossos sentimentos, mas também os dos outros. Se bem ou mal o fiz, desta vez, não o sei, e espero ter juízes que o possam saber melhor do que eu.

AS MULHERES
(RECORDAÇÕES DE UM VELHO)

Tenho oitenta anos contados
Dos meus cabelos nevados
Bem poucos me restam já;
Tem-me ido até agora a vida
De amor pra amor impelida,
Até quando... Deus dirá.

Tinha dez anos apenas,
E já nas tardes serenas,
Ao declinar do calor,
Me agitava o pensamento
Como agita as flores o vento
Uma ideia só – *amor*.

Na aldeia em que eu residia
Defronte de mim vivia
Quem tal amor me inspirou.
Uma criança era ainda,
Porém nunca flor tão linda
Os olmedos enfeitou.

Uma manhã, como a visse
Junto de mim, eu lhe disse
Coisas que me lembram mal;
Ela, ao passo que me ouvia,
Baixava os olhos, sorria...
E deu-me um beijo, afinal.

E desde então por diante
Fiquei sendo seu amante
E fui amado também.
À sombra dos arvoredos,
Dizíamos mil segredos,
Que nunca entendemos bem.

Tempos assim decorreram,
Felizes tempos que eram!
Té que prà cidade eu vim.
Chorámos na despedida
Mas supondo-se esquecida,
Ela esqueceu-se de mim.

Outra vida, outros amores
Da cidade entre os fulgores,
Tinha quinze anos, amei.
Era uma virgem trigueira

Olhos negros, prazenteira,
Doido por ela fiquei.

Os livros abandonava,
Horas e horas passava
Com ela, sem o sentir;
Meu tio franzia a testa,
Porém, à hora da sesta,
Costumava ele dormir.

Ia então pra junto dela,
Chamava-lhe meiga, bela,
E o que é costume chamar.
Ela ouvia-me, corava,
Na costura continuava
E deixava-me falar.

Duma vez, pedi-lhe um beijo,
Ela mostrou algum pejo,
Mas enfim... sempre mo deu;
Atrás deste, outros vieram
E o bem que me eles souberam
Nunca depois me esqueceu.

Mas numa noite de festa,
Para mim noite funesta,
Todo este amor se extinguiu;
Toda esta nossa ternura,
Que eu julguei de tanta dura,
A um capricho sucumbiu.

Todos no baile dançavam,
E às valsas se entregavam
Com furor; faltava eu só.
Como dançar não sabia,
Para um canto me metia,
Triste que fazia dó;

Ora, é coisa bem sabida,
Que a dança cá nesta vida,
Não se dispensa a um rapaz;
Adeus amores, se não dança...
Neste mundo mais alcança
Quem mais cabriolas faz.

Por não dançar, fui deposto
E, como após um sol-posto,
Se levanta um novo Sol.
O que pra par a tirara
Logo ali me arremessara

Dos esquecidos para o rol.

Fiquei livre; mas em breve
A minha cabeça leve
Me envolveu noutra prisão.
Estava escrito em meu destino
Que havia de errar sem tino
De afeição em afeição.

Tinha vinte anos. Um dia
Pra ver se me distraia
Num teatro me meti;
Mal no palco os olhos prego
Que perdi o meu sossego
Desde logo conheci.

Estremeci de surpresa
Ao contemplar a beleza
Com que brilhava uma atriz!
Perdido fiquei a vê-la!
Nunca vi mulher tão bela!
Nem uns olhos tão gentis!

Cai o pano, as palmas soam
E por toda a parte ecoam
De poetas mil canções.
Tudo isso me revela
Que a muitos os olhos dela
Incendiaram os corações.

Abandono a sala, corro,
Quero vê-la, senão morro,
Quero ver os olhos seus,
Quero dizer-lhe que a adoro
E que em chamas me devoro,
Contar-lhe os tormentos meus.

Entro no palco, perdido,
Doido de todo... varrido,
Vejo-a, lanço-me a seus pés.
Disse amá-la como um louco,
E, como achasse isto pouco,
Repeti-lho muita vez.

Ela olhou-me com um sorriso,
Como nem no paraíso
Um sorriso assim se vê;
– «Se tem um amor como o pinta,
Que o futuro o não desminta.»
Me disse ela. – E tenha fé.

Voltei para casa exaltado
Quase meio embriagado,
Coisas que o amor produz.
Mas dormir de balde tento
Impede-me o pensamento,
Toda a noite olho não pus.

Alcansei o que aspirava...
Toda a gente me chamava
O mais feliz dos mortais.
Alguns, tolo me diziam
Mas apenas conseguiam
Fazer-me rir, nada mais.

Vivi assim mês e meio,
De prazeres de feitas cheio,
Entre amigos mais de mil;
Porém, no fim deste prazo,
O meu cofre estava raso,
Não lhe encontrei um ceutil.

Tentei pela poesia
Suprir a falta que havia
Como via a alguns táfuis.
Mas, logo por mafarrico,
A primeira que publico
Era a uns olhos azuis.

Perdi-me todo com ela,
Que os olhos da minha bela
Não tinham nada de azul;
Nosso amor foi perturbado
Como o ar anuviado
Pelas rajadas do sul.

Despediu-me cortesmente
Diante de muita gente
Por uma bela manhã.
Outro em meu lugar nomeia
Cuja bolsa estava cheia,
Mas teve uma sorte irmã.

Foi então que abri os olhos
E conheci os abrolhos
Que um amor destes nos dá.
Prometi ter mais juízo,
Não amar com prejuízo,
Pois pior coisa não há.

Resisti por alguns meses
 Mas,.. sabe Deus quantas vezes
 Me ia faltando o valor.
 Resisti,.. até que um dia
 Eu de tudo me esquecia
 E amei, amei com ardor.

Uma linda costureira,
 Duma janela fronteira
 Desta vez me conquistou.
 Tinha uns olhos tão rasgados,
 Castanhos aveludados
 Que toda me enfeitiçou.

Mal luzia a madrugada,
 Eu a via apressurada
 Regando as flores do quintal;
 Com os olhos pregados nela,
 Não saía da janela
 Sem lhe dar de mim sina!.

Falei-lhe uma vez, sorria
 Outra vez, já respondia,
 Mas qualquer coisa a retém.
 A terceira há já franqueza,
 Fala-me já com presteza,
 Nenhum receio a contém.

Quatro meses nos amámos,
 Um com outro passeámos
 Pelas ruas do jardim.
 Um dia, tarde, vou vê-la...
 E fui encontrar com ela
 Um outro em lugar de mim!

Saí de lá furioso;
 Nem eu sei como, raivoso,
 Ambos ali não matei.
 Jurei dar ao amor tréguas
 Fugir das mulheres às léguas;
 Jura que afinal quebrei.

Já quarenta anos eu tinha
 Quando, por desgraça minha,
 Tornei no engodo a cair;
 Foi uma rica matrona
 Que me meteu nesta tona
 Donde me custou a sair.

Viúva de três maridos,

Tinha intentos decididos
De ainda mais outro matar.
Se a pensar nisto me ponho,
Um destino tão medonho
Me faz hoje arrepiar!

Mas enfim o amor é cego
E amava-a, não o nego,
A razão não a sei eu.
Por isso talvez influísse
Pra cair nesta doidice
O que ela tinha de seu.

Fiz-lhe um dia três sonetos,
Falei-lhe nos meus afectos,
Ela ao lê-los me sorriu.
E, respondendo-me em prosa,
Prometeu ser minha esposa
E um beijo me permitiu.

Com ela as tardes passava,
Em sua casa merendava
Chá com leite e pão-de-ló.
Jogava-se à noite o quino
E aturava-lhe o menino
Com paciência de Job.

Nada mais apeteendo,
Assim íamos vivendo
Um com outro em santa paz;
Já se marcava o momento
Para o nosso casamento...
Quando tudo se desfez.

Foi o caso que num dia
Chegou, vindo da Baía,
E lhe lançou o anzol,
Um ricaço brasileiro,
Que cheirando-lhe a dinheiro,
Casou ele e pôs-me ao sol.

Causou-me um vivo desgosto
Ver-me assim, sem mais, deposto
Por este sensaborão,..
Mas então? Tinha dinheiro,
Em breve o vi Conselheiro
E pouco depois Barão.

Abandonar os amores
Que se pra os mais só tem flores

Eu por mim poucas lhe vi.
 Jurei, mas quis meu fadário,
 Que a cruz levasse ao Calvário,
 Que remédio obedeci.

Já no inverno das idades
 Eu entrava, e as verdades,
 Que então a vida nos diz,
 Pra mim não se revelavam,
 Os cabelos me nevavam
 Quando eu outra asneira fiz.

E desta vez o objecto
 Do meu sensível affecto
 E das minhas afeições
 Era uma velha provecta
 E que já tinha uma neta
 Capaz de inspirar paixões.

Chamei-lhe rola, gazela,
 Comparei os olhos dela
 Com as estrelas dos céus.
 Ela, como bem-criada,
 Não só não ficou calada
 Mas disse o mesmo dos meus.

Uma noite, à luz da Lua
 Eu... beijei-lhe a face sua
 A sua enrugada tez.
 E ela a modo que gostava.
 Mostrou que não estranhava,
 Pois nem corada se fez.

Tinha, sim, ela um defeito?
 Mas no mundo, amor perfeito
 Só em flor, é que se vê.
 É que, por mais que eu teimava,
 Nunca ela se deixava
 De me tratar por você!

Era destas formosuras
 Que é melhor ver às escuras
 Que na presença de luz.
 Quantas mais trevas a cobrem
 Mais dotes se lhe descobrem
 E mais amor nos seduz.

Já o Verão principiava
 E com ele começava
 O tempo dos arraiais;

Quis que a uma acompanhasse
E como tal recusasse
Deixou-me pra nunca mais.

Se há caprichos nesta idade,
Como é que havê-los não há-de
Na estação juvenil?
A mulher é caprichosa
Como é fragrante a rosa
E florido o mês de Abril.

Livre, fiquei como a rosa
Livre, como a mariposa
Como a rã pelos pauis;
Fiquei livre como os ventos
Que espalham nuvens aos centos
Pelos espaços azuis.

Já do que tendes ouvido,
Podeis ver como Cupido
Se fez comigo taul,
E, com um génio assim feito,
Para viver tinha jeito
Num serralho de Istambul.

E pra que tudo vos conte
Dir-vos-ei que aqui defronte
Descobri esta manhã
Uma velhinha sem dentes
Muito rica e sem parentes!
Vou requestá-la amanhã.

Porém eu cá já estou certo
Que, apesar dos cem bem perto,
Caprichos ela há-de ter.
Mas, embora, paciência,
Da mulher é essa a essência...
O que se lhe há-de fazer?

E mal pra eles iria
Se lhes desse na mania
Seus caprichos desterrar.
Crede, meus alvos cabelos
Um dos seus dotes mais belos
É mesmo esse caprichar.

Julho de 1859.

Desta poesia eu sou apenas uma espécie de editor, mas não responsável. É um velho que fala, e eu não afirmo, pela minha parte, que penso exactamente como ele neste assunto. O sexo feminino me perdoe portanto estas sextilhas. Estou pronto a contradizer a ilação que delas se pretendeu tirar.

Debaixo do ponto de vista em que o nosso octogenário encara as mulheres, eu devo confessar que não tenho motivos para lhes querer mal nenhum, Ele julgou-as severamente, mas é certo que também não valia mais do que elas, As feridas do coração cicatrizavam-lhe com uma rapidez espantosa e, em quanto a mim, estes corações são no amor uma calamidade e não merecem sorte melhor que a que ele teve.

Já vêem que sou imparcial.

EXALTAÇÃO

Vida! quero viver! quero em prazeres
 Sequioso saciar-me!
 Deste frio letargo em que hei vivido,
 Quero, enfim, libertar-me!
 Pra longe o manto da indiferença!
 Aos gozos! Eia! aos festins da vida!
 Os mais convivas se sentaram há muito.
 Dai-me a parte devida.
 Pra longe pensamentos de tristeza,
 Gelado desalento!
 Vou embriagar-me nas ardentes taças
 Beber nelas o alento.
 Mundo, dá-me o prazer que aos mais concedes!
 Da isolação estou farto.
 Adeus, ó solidão adeus repouso.
 Adeus... pra sempre eu parto!
 Os rumores da turba escuto ao longe
 No seio dos folgares;
 E só eu, frio, cruzarei os braços,
 Não buscarei seus lares?
 Oh! não; é tempo, as alegrias chamam-me.
 Antes de exausta a taça
 Corramos a beber nela, que o gozo
 Co'a juventude passa.
 Amigos, esperai, eu já vos sigo.
 Louco do que se isola?
 Nem se torna melhor, nem suas penas
 Na solidão consola.
 Vamos ao menos no rumor das festas
 Sufocar este grito
 Que nos brada: – Padece, que de lágrimas
 Foi teu destino escrito.
 Vamos... ao menos no fulgor dos bailes
 Fascinemos a vista,
 Talvez aí se encontre o esquecimento,
 Talvez o gozo exista.
 Quebremos esta lápide marmórea
 Que nos cingia em vida.
 Ressuscitemos! Eia, é alma acorda
 Desta feral jazida.
 Vamos!... às festas, ao prazer, aos cantos,
 As flores e harmonias.
 Taças a trasbordar, luzes fulgentes,
 Delirantes orgias!
 E, então, no meio do delírio férvido,
 Perdido, embriagado,

Talvez encontre a paz que em balde tenho
Na solidão buscado.

Abril de 1860.

Esta exaltação, como quase todas, terminou em nada. Não cheguei a incomodar os convivas dos festins da vida para me darem lugar, e espero que nunca os incomodarei. Meu caminho é outro. Divirtam-se em paz.

UMA CONSULTA

– Dá licença? – Entre quem é.
 – Muitos bons dias. – Olé,
 Por aqui, minha senhora?
 Desculpe vossa excelência
 Se a não conhecia agora.
 – Sem mais... A sua ciência
 Recorrer venho. – Deveras?
 (Senhor me dê paciência!
 Nunca tu cá me vieras).
 Então que temos? – Padeço.
 – Sim? porém de que doença?
 – Essa é boa! acaso pensa
 Que eu porventura a conheço?
 – Ah! não conhece? – Quem dera!
 Então não o consultava.
 – (E eu que muito estimava).
 Mas diga, então? – Eu lhe conto...
 Oiça bem. Não perca um ponto.
 – Nem um ponto hei-de perder.
 – Ai, doutor, doutor, meu peito...
 – É do peito que padece?
 Quem havia de o dizer!
 – E Jesus, doutor, parece
 Que me quer interromper?!
 Não era a isso sujeito.
 – Nem o tornarei a ser...
 Vamos lá. – Ora eu começo...
 Atenção é o que lhe peço;
 Diga-me: que lhe pareço?
 Não me acha muito abatida?
 – Assim, assim; mas às vezes
 A vista pode enganar.
 – Não, não. Pode acreditar
 Que há já um bom par de meses
 É um tormento esta vida,
 – Então que é o que sente?
 – O que sinto? Ora eu lhe digo;
 O doutor é meu amigo?
 – Oh! senhora... – E é prudente?
 Oiça, pois: Eu dantes era
 Fera e rija, que era um gosto!
 Ou em Dezembro ou Agosto
 Correr o mundo pudera,
 Sem no fim me achar cansada.
 – E hoje? – Não lhe digo nada,
 Nem comigo posso já.

– Mau é! – Quer saber, doutor?
 Só para vir até cá,
 Que tormentos não passei!
 – Diga-me, se faz favor.
 Que idade tem? – Eu nem sei...
 Eu sou mais nova três anos
 Que o reitor da freguesia.
 – (É grande consolação!)
 – Tenho ainda outros dois manos
 Que mais velhos do que eu são,
 Porém, como eu lhe dizia,
 Doutor... – Que mais sente então?
 – A vista sinto estragada,
 Até já me custa a ler,
 Demais a mais sou nervosa.
 Isso não lhe digo nada!
 Olhe, estou sempre a tremer.
 – Faço ideia. – Andava ansiosa
 Por consultar o doutor;
 Eu tenho em si muita fé,
 – Lisonjeia-me. – Outra queixa...
 Que eu sofro também... – Qual é?
 – É dum forte mal de dentes.
 Todos me caem, – Bem, bem.
 – E os que restam, mal assentes,
 Qualquer dia vão também.
 – É provável, – Ai, doutor!
 Que cruel enfermidade!
 Não acha? Acho e o pior...
 – Há-de curar-me, não há-de?
 – E então não sente mais nada?
 – Nada... ai, sim, tem-me parecido,
 Porém, talvez me iludisse...
 – Diga. – A semana passada,
 Como ao espelho me visse...
 Pareceu-me ter percebido...
 –O quê?–Que a pele não era
 Como dantes, tão macia.
 – E então? – Quem visse dissera
 Que eram rugas. – (Eu dizia)
 E é isso o que padece?
 – Ainda pouco lhe parece,
 Doutor? – Por certo que não.
 –Então que doença tenho?
 – Em sabê-lo muito empenho
 Sempre tem? – Eu? Pois então?
 Para isso o procurei.
 – Bem, então sempre lho digo
 Mas julgo não ficarei
 Por isto, seu inimigo.

– Ó meu doutor! – O seu mal
É, senhora, de algum perigo.
– Ai Jesus! – E muita gente
Dele morre. – Oh santo Deus!
Por quem é não diga tal!
E... morre-se de repente?
– Conforme. – Pecados meus?
E então é isso o que pensa!
Porém ainda me não disse
O nome dessa doença
E eu sempre o quero saber...
– O nome? – Sim, – É... velhice!
.....
– E o remédio? – Morrer.

Janeiro de 1860.

A lembrança não é minha absolutamente. Foi-me sugerida de um caso semelhante que me contaram.

PROFISSÃO DE FÉ

Se vires a lira entoar alegrias,
 Prazeres e orgias, das festas à luz,
 Não creias as vozes que solta; mentida
 É toda essa vida, que nela transluz.

Se a vires cantando felizes amores,
 Perfumes de flores parecendo aspirar,
 Não creias; minha alma surgir não viu ainda
 A aurora bem-vinda de grato raiar.

Se vendo no mundo somente ímpias cenas,
 Pérfidas apenas, funestas paixões,
 De escárnio e desprezo soltar os seus cantos,
 São falsos; que em prantos lhe vão ilusões.

Porém, quando triste, falar da saudade,
 Em grata ansiedade fitar o porvir
 Em sonhos de esperanças, talvez que mentidas,
 Soltar seus gemidos, temor exprimir;

Se a ouvires falando de chamas ocultas
 Que na alma sepultas encobrem seus véus,
 Quais fogos acesos ao ar elevados,
 Ardendo ateados, numa ara sem Deus.

Se a vires nos cantos falar magoada,
 Da luta travada no meu coração,
 Que muito deseja, que tanto empreende
 E em vão se defende da ignota prisão.

Ouvindo-a em segredo, soltar suas queixas
 E em tristes endeixas sentida gemer,
 Chorar o passado, odiar o presente
 E ao longe somente fulgores entrever.

Então crê os hinos que ouvires à lira,
 O peito os inspira, do peito eles vem,
 A mão indiferente suas cordas não pulsa
 Febril e convulsa se agita também.

22 de Abril de 1860.

Esta é, como indica o título, uma profissão de fé. Por ela avalie-se a verdade de todas as poesias, que fazem parte deste álbum íntimo. Se o meu modo de pensar fizer mudança, a seu tempo virá nova profissão. Até aqui é esta que regula.

UM PARECER

As minhas flores dilectas
Não se encontram nos jardins
Por entre estátuas erectas
De mármore e labirintos,
Das estufas nos recintos,
E avenidas de alecrins.

Não ornam os toucadores
De feminis gabinetes,
Não perdem as suas cores
Brilhando à noite entre sedas
De manhã às horas ledas
Desmaiando nos tapetes.

Nas jarras não se acumulam
Dos vastos salões de festa;
Em grinaldas não emulam
No fulgor a pedraria,
A luz que o baile alumia
Não é a luz que as cresta.

Não; as minhas, as que eu amo
Não as procurem por aí
Pois que eu prefiro ao ramo
Das flores mais presumidas
As singelas margaridas!
Que nas campinas colhi.

As camélias, peónias
Que o jardim ostenta ufano,
E outras de altas hierarquias,
Prefiro a roxa violeta,
E a rosa que vegeta
Pelos campos todo o ano.

E, como as flores, as donzelas
São iguais nos gostos meus,
Pois para mim as mais belas
E aos olhos mais aceites,
Não são as que em mais enfeites
Encobrem os dotes seus.

Não são. Eu quero a beleza
Sem tão presumida arte;
O que vem da natureza
Tais atavios dispensa.

Mulher, atende-me e pensa
No conselho que vou dar-te:

Feia ou bela, para longe
Desterra tanto aparato.
Não faz o hábito o monge
Sem ele a bela se enfeita
E nada à feia aproveita
Esse tão caiado ornato.

Que pedras mais preciosas,
Que enfeites de mais valor
E que flores mais mimosas
Do que uns olhos radiantes
Umas tranças abundantes,
Uns lábios dizendo amor?

E vós, feias, se a beleza
Vos negou seu galardão
Não fujais da singeleza,
Não busqueis o extremo oposto.
Deixai de adornar o rosto,
E adornai o coração.

Maio de 1860.

Vox clamantis in deserto.

APARÊNCIAS

Sempre o riso em teus lábios! Na alva fronte
Nem uma sombra apenas!
Nem uma nuvem só no horizonte
A ameaçar-te com futuras penas!

É possível haver inda no mundo
Quem viva e não padeça?!
Num vale de agonias tão profundo.
Quem haverá que em júbilos se esqueça!

Se hoje os dias teus correm amenos,
Olha para o passado,
Ele saudades te dará ao menos
Dos que à beira do túmulo hás deixado.

E nem um só instante de tristeza
Te dão essas memórias?
Teu passado é estéril? Não te pesa
Uma só dessas cenas transitórias?

Pois bem; encara as trevas do futuro
E dize se as não receias?
Fitando esse horizonte ignoto e escuro
São ainda de prazer tuas ideias?

Dizem que a taça do prazer na vida
Contém sempre o absinto,
Mas tu, só de alegrias envolvida
Não sabes o amargor... Que digo? Minto!

Tudo isso é aparência. Se eu puder
Ler-te no pensamento
Quem sabe se até mesmo estremece
Ao deparar co'um intimo tormento?!

Quem sabe quantas vezes é mentida
Dos lábios a alegria!
Quantas vezes no peito comprimida
Nos devora latente uma agonia!

E morto o coração inda persiste
Um sorriso aparente,
Simulando um prazer que não existe,
Fingindo uma ilusão que a alma não sente.

Este vislumbre de mentido gozo

Que nos lábios se estampa
É como as flores do vergel viçoso
Que nos encobrem a hediondez da campa.

8 de Julho de 1860.

DESALENTO

É força descrer. Na vida
Sucumbe toda a ilusão
Como a flor da haste pendida
Murcha ao sopro do tufão.

Fantasia vãs da infância
Deixai-me; sois mentirosas.
Pintáveis-me a vida estância
Coberta de mirto e rosas.

E, ao perto, o mirto e as rosas
Em espinhos se tornaram.
Essas horas venturosas
Bem amargas se mostraram.

Descrer é fatal destino
Que espera o homem na vida.
E não há poder divino
Que lhes sirva de guarida.

Descrer? descrer! muito custa
Quando o peito é de vinte anos,
Quando a alma inda se assusta
Ao clarão dos desenganos.

Pobre alma! pobre seio!
Ai que martírio sofrete.
Inda ontem de ilusões cheio
E hoje já quantas perdeste!

E agora que mais me resta?
Qual, ó alma a tua sorte!
Já que a vida, é tão funesta
Aspira somente à morte.

6 de Agosto de 1860.

DESESPERO

O dia fenece. Co'a luz purpurina
 Que tinge o ocidente, que aromas não vem!
 O Sol vacilante no oceano declina,
 Eleva-se a Lua nos montes de além.

Por entre a ramagem de densa espessura
 Semeada de aljôfar's por lânguida luz
 Mil aves modulam com meiga ternura
 Seus hinos que a aragem aos montes conduz.

Que mágicas cenas! que aromas na brisa!
 Que sons! que harmonias se elevam daqui!
 Ditosa a existência que mansa desliza
 E a quem esta cena de graças sorri.

Mas, ai, de que valem belezas de selva,
 Das aves os hinos, perfumes de flor?
 Que importa o arroio gemendo na relva
 E a Lua surgindo com grato palor?

Que importa o silêncio que vai na campina
 A quem dentro da alma rebrame a paixão?
 Que importa a folhagem que adorna a colina
 Se dentro palpita medonho vulcão?

Oh! antes mil vezes ouvir agitadas
 As vagas lutando com as nuvens do céu.
 Olhar as florestas brilhando incendiadas
 E o raio rasgando das noites o véu.

Em vez do murmúrio das brisas suaves,
 O vento com raiva no bosque a bramir!
 Em vez do mavioso descante das aves,
 Das feras o torvo medonho rugir!

Então, nos horrores de tanta tormenta
 Talvez meus martírios eu visse extinguir,
 Então, como o infante que a mãe acalenta,
 Ao som das rajadas pudera dormir.

Mas não; ainda mesmo que todo o universo
 Desabe em ruínas em torno de mim
 No caos informe, que fora seu berço,
 Achando o seu leito de morte por fim.

A rude tormenta que o seio me agita

Inda há-de mais alto suas fúrias erguer,
Que vagas ardentes de lava maldita
Eu sinto violentas no peito ferver.

E os risos do campo, de escárnio parecem,
Os sons das florestas, insultos à dor.
Mal hajam as galas que o prado guarnecem,
Mal haja esta noite de paz e de amor!

Oh! vem, negro génio da guerra e tormenta
Teu facho terrível sacode no ar
E todo o universo de guerra alimenta,
Dos homens na terra, das ondas no mar!

E em vez desta noite risonha e tranquila
Suscita os horrores do dia final
Cidades e povos, e a vida aniquila
E eleve-se o trono do génio do mal!

13 de Agosto de 1860.

O DESTINO DAS FLORES

Um dia em que ambos nós, sobre a mesa do estudo
Numa noite hibernal, da lâmpada ao clarão,
Ele curvado a ler, eu a escutá-lo mudo,
Seguíamos com pausa, atentos, a lição.

Inda me lembro bem! Falávamos das plantas,
De sua curta vida e sua amena cor,
Tantas pelos vergéis e pelos montes tantas,
Que vivem, fenecendo após aberta, a flor!

– «Triste destino o seu», disse ele com voz lenta,
Pousando com tristeza a fronte sobre a mão,
– «Deus as manda ferir, de seiva as alimenta,
Mas cedo com as flor's caem murchas no chão.»

Triste destino o teu, ao delas semelhante,
Pobre alma de poeta! Oh! que destino o teu!
Deus te mandou cantar e o canto vacilante
Na Terra principiado acabaste-o no Céu.

28 de Junho de 1862.

FALSOS AMIGOS

Como a sombra, amigos temos,
Que nos segue em claro dia;
Mas que da vista perdemos
Assim que o Sol se anuvia.

Outra versão:

Vós sois a minha sombra
Se o Sol me luz brilhante...
Atrás, ao lado, adiante,
Encontro-a junto a mim!
Porém se nuvem negra
A luz do Sol me tira,
A sombra se retira...
Vós sois também assim...

ORAÇÃO DO REITOR

A noite era de Inverno, húmida, escura e fria.
 Soprava nos pinhais furiosa a ventania,
 Imitando o bramir dum tormentoso mar.
 Os sinos do mosteiro ouviam-se vibrar.
 E, contudo, ninguém subira ao campanário.
 A alameda do adro e o morro do Calvário,
 Onde se ergue imponente o sacro emblema – a Cruz –
 Rasgando o negro véu, enchiam-se de luz
 Quando do céu pesado o raio fuzilava:
 Luz sinistra, fatal, como de ardente lava.
 A aldeia repousava em plácido dormir;
 Sono que não perturba esta ânsia do porvir
 Que à vida nos consome, aos filhos das cidades;
 Este sonhar sem fim, estas vagas saudades
 Sempre, sempre a fugir dum fantasiado bem
 Que à nossa cabeceira acalantar-nos vem.
 A aldeia repousava. As cinzas da lareira
 Onde há pouco inda ardia a paternal fogueira
 Cujo grato calor as horas do serão
 Ajudara a passar, frias, extintas são.
 Porém na residência um homem inda vela,
 Pois que uma frouxa luz, através da janela,
 Parece estar dizendo ao povo que adormece:
 – «Dorme, que o teu pastor de velar não se esquece!»

O pároco velava. As venerandas cãs
 Pendentes sobre um livro. Em orações cristãs
 Iam-se, muita vez, assim, noites inteiras...
 As contas do rosário eram-lhe companheiras.
 Julgava-se ele então, o bondoso reitor,
 Mais próximo do Céu, mais junto do Senhor!
 E, Moisés do seu povo, ouvindo mais de perto
 A palavra da lei que, no árido deserto,
 O devia guiar por grandes provações,
 Sentia então mais fé nas suas orações!
 A estância humilde e nua do velho cenobita
 parece receber misteriosa visita
 Sempre que, como agora, embevecido e só,
 Lê, de David, um salmo, um lamento de Job,
 Páginas imortais dos Santos Evangelhos!
 Pois houve quem o viu, caindo de joelhos,
 Erguer, cheio de ardor, os olhos para o Céu,
 Como se, descerrando o impenetrável véu,
 Que, aos olhos dos mortais, cobre o mistério augusto,
 Lhe deixasse encarar sem turbação nem custo.
 Vivera a fazer bem. Envelhecera assim.

Eram-lhe distrações as flores do jardim,
 O ensino da infância, a esmola aos indigentes
 E o salutar conselho aos jovens e imprudentes.
 Logo pela manhã, mal sentia o arrebol,
 Ia-se para o monte, a ver nascer o Sol,
 E voltava a almoçar mais leve do que fora,
 Que a esmola o acompanhava e é grande gastadora.
 Não sabia, o bom velho, há muito resistir...
 Cedia-lhe sorrindo... Abençoado sorrir!
 Sempre sóbrio e frugal, o santo sacerdote,
 Quisera, muita vez, entesourar um dote
 Para as filhas de Deus, órfãs de pai e mãe!
 Socorria a chorar! Pois chorava também,
 Sempre que chorar via, ou de prazer ou pena.
 Em tudo reflectia aquela alma serena,
 Como lago tranquilo, ao tombar do escarcéu,
 As nuvens reproduz que perpassam no céu...
 Com que amor acolhia alguma alma perdida
 Que o vinha procurar, um dia, arrependida!
 Com que sentida fé lhe falava da Cruz,
 Prometendo o perdão em nome de Jesus!

Quando à missa do dia, ao povo que o escutava,
 Com voz trémula já, da religião falava,
 Na prática singela havia tal unção
 Que vinham gravar-se fundas, no coração,
 As palavras de amor, de paz, de tolerância.
 E o povo procurava ouvi-lo com instância.
 Tudo quanto dizia aprendia de cor;
 Mas, solícito mestre, ensino inda melhor
 Do que o ouvido ali, na cadeira do templo,
 Pregava alio e bom som com seu sublime exemplo.

Ora naquela noite, que parecia sem fim,
 Com fé ardente e pura, o velho orava assim:

«Senhor! Que, generoso,
 Todas as aves nutres,
 Os pérfidos abutres
 E os brandos rouxinóis!
 Que juntas nos espaços,
 As nuvens das procelas,
 Os raios das estrelas,
 A luz de imensos sóis!

«Que à borda dos abismos
 Fazes brotar a planta:
 Da flor que nos encanta
 A áspide fatal;
 E a plácida corrente

Tornas, num simples gesto,
Em vértice fremente,
E a brisa em vendaval!

«Senhor! quem pode, ousado,
Sondar os teus mistérios?
Sombras dos cemitérios,
Acaso o podereis?
Mas nós, cegos ainda,
Na sombra intensa, espessa,
Curvemos a cabeça
A tuas santas leis!

«Por isso, se no mundo,
Olharmos, surpreendidos,
Os bons aos maus unidos,
Unido o mal ao bem...
Que os lábios se não manchem
Na imprecação maldita!
É lei que está escrita
Em letras de ouro, além...

«Além, por essa abóbada,
Alta, sublime, imensa,
Onde a alma do que pensa
Se perde a meditar...
Abramos, pois, os braços
A todos igualmente.
A Deus, a Deus somente,
Compete esse extremar.»

O reitor ouve uma canção que o interrompe:

«Pobre flor que, nos campos nascida,
Entre moitas de humildes violetas,
Tão saudosa no campo vegetas,
Sem um raio de fúlgido sol!
Pobre for, solitária, ignorada,
Só a estrela do céu te namora,
Só te beija o rocio da aurora
E te fala o subtil rouxinol!

«Ai, se um dia escutares, atenta,
Essa voz, ó violeta da aldeia,
Essa voz que embriaga, que enleia,
Qual suave harmonia do Céu,
Nova luz se fará na tua alma...
E, chamando-te à vida os sentidos,
Te abrirá os países floridos
Que inda envolve um tenuíssimo véu.»

A canção cessou e o velho reitor segue com a prece:

«Senhor! Bendito sejas
Na tua majestade!
Por toda a imensidade
Teu nome escrito jaz!
E tu, soberba humana,
Lembra-te que és poeira...
E, na hora derradeira,
A sê-lo voltarás...»

EXCERTOS

Epístola a meu primo José Joaquim Pinto Júnior no dia dos seus anos, 20 de Outubro de 1859.

Dos orientais jardins da bela aurora
 Foge, a lançar-se no cerúleo espaço,
 Um grato sol de Outono. Poucas flores
 Lhe oferece a terra já, mas pendem frutos
 Das árvores, vergadas sob o peso
 Tão grato ao lavrador, que mil riquezas
 Ufano estende nas patentes eiras,
 Ou em fartos celeiros acumula
 Para as guardar do Inverno. Os atavios,
 Com que se adorna a quadra, mais semelham
 Modestas galas de gentil esposa,
 Que, junto ao berço de seus ternos filhos,
 Despiu as louçainhas de solteira,
 Os seus trajes garridos de donzela,
 Pra quem a vida é só jardim florido,
 Belo e viçoso, mas sem frutos inda.
 Outono! Fértil quadra – tão querida
 Do povo agricultor! se eu possuísse...

.....
 Onde iria
 Mendigar expressões pra celebrar-vos,
 Loiras searas, agradáveis ceifas,
 Serões risonhos a que amor preside,
 Onde se trocam abraços mil, mil beijos,
 A cada *milho-rei*? Não sei cantar-vos,
 Verdes relvas, de orvalho rociadas,
 Sussurrantes arrosios das campinas,
 Copados, odoríferos pomares...

.....
 Tudo isto eu escrevia há pouco tempo,
 Após ter aspirado os mil perfumes
 Do ar do campo, às horas matutinas.
 Que alegria na aldeia ... Que fervores
 Nos trabalhos agrícolas!... Mas hoje...

.....
 Que importa à mole que o vapor impele,
 O fim pra que trabalha? Reconhece
 Uma força maior, e indiferente
 Segue o impulso. Sejamos como...

.....
 O nosso pátrio Douro que sombrio,
 Em torturado leito se revolve,
 Nem sempre ao levantar a húmida fronte,

Depara montes íngremes e aspérrimos
 Que o fazem suspirar, de angustiado.
 Aqui e ali, a natureza amena
 Com ele se mostrou. Risonhos vales,
 Gratas colinas, sinceirais formosos,
 Verdes campinas que interceptam veias
 De límpido cristal, lhe ornaram as margens...
 Aí, um brando enleio voluptuoso
 Vence o soberbo rio, namorado
 Dos verdores que o circundam. Brandamente
 Se deixa adormecer, acalentado
 Pelas canções que entoa a leve brisa,
 Ao som das folhas dos virentes olmos.
 Então, ferventes beijos deposita
 Nas enfloradas margens, que perfumes
 Lhe dão em troca. A fronte majestosa
 Desenruga, olvidando seus pesares,
 Lascivo, espraia as suas frescas ondas
 Em mais ameno leite. Já não geme,
 Não brame enfurecido, maldizendo
 As enormes montanhas que o oprimem
 Em apertado espaço. Canções ternas,
 Canções de amor, que só quem ama entende,
 Enlevado murmura em brandas notas.

.....
 Amo-te sempre, ó Douro, quer em fúrias
 Invistas contra as rochas, quer sereno
 Deslizes, retratando em tuas ondas
 Os álamos das margens. Ou turvado
 Te rojes em lodoso, áspero leite,
 Ou em praias extensas desenroles
 Tuas ondas mais límpidas, és sempre
 O Douro, cuja voz me acalentava
 Nos áureos sons da passada infância.

.....
 Mas de novo me acorre o pensamento
 Atrás de ideias tristes. E a tal ponto
 Que me custa trazê-lo a bom caminho.
 Ante o Sol se interpôs uma outra nuvem
 E desta vez bem negra. Mas desculpa
 Se, quase a meu pesar, eu fui levado
 Na torrente de ideias tão sombrias...
 Deixa o país fantástico que habitas
 Pra fazer excursões impetuosas
 Armado de palavras. Tão difícil
 É represar-lhe as fúrias, como peias
 Tentar opor às convulsões tremendas
 De furioso vulcão. A minha ideia,
 A predilecta, a que na mente afago,
 Que, quando só, vem povoar de imagens

A minha solidão, é a da família.
 Prefiro-a à glória, a prazer's, a honras!
 Peço a Deus, com fervor, nas minhas preces,
 Mil vezes, no seu templo, ajoelhado:
 – «Senhor, lhe digo, por piedade,, ouvi-me!
 Povoai-me esta aridez da minha vida,
 Como na infância a vi; pelo passado
 Conformai meu futuro já que o homem
 Retrogradar não pode em seu caminho.»
 A súplica é sincera e Deus piedoso.
 Escutada será? Não sei que esp'rança,
 Não sei que frouxa luz, bem frouxa ainda,
 Parece divisar no horizonte...
 Talvez não creias que, sincero falo
 Nestas aspirações do meu futuro?
 Ah! Sinceras são elas, podes crer-me.
 Assim reais as vira! Os mil prazer's
 Que a juventude sequiosa anseia,
 De boamente, em holocausto, os dera
 À santa paz da vida de família.
 Talvez; mas seja embora um sonho apenas,
 O sonhar é um bem, se o sonho é grato.
 É milagroso bálsamo que sara
 As feridas mais cruéis da realidade.

.....
 Os frades já lá vão. Esses ao menos
 Souberam amenizar a agreste vida,
 Estéril de afeições, do homem solteiro,
 Desfrutando as delicias da preguiça,
 Nas confortáveis celas dos conventos,
 Templos só consagrados à mandriice.
 Onde nada teria que notasse
 O mais importante dos vassalos
 Da rainha Vitória. E mais é gente
 Que, no que diz respeito à boa vida
 E em muita coisa mais, a custo cedem
 A qualquer outra, o grau de preferência.

.....
 Se entre os teus me não vires, acredita
 Que por lá me esvoaça o pensamento
 Assistindo ao espectáculo bendito
 Dos prazer's de família. E, quando os brindes
 Se elevarem em glória deste dia,
 Se não com os do corpo, com os da alma,
 Misteriosos sentidos, ouvir podes.
 Associar-se ao coro das mais vozes,
 Uma voz a saudar-te; é essa a minha!
 E disse. Cai o pano. E finda a epístola.

* *

Da segunda carta de Júlio Dinis a seu primo José Joaquim Pinto Coelho.

Eis a idade dos vinte anos,
Tão celebrada em poesia,
Em que a ardente fantasia,
Cria mil visões de amor!
Voa a alma atrás dos sonhos,
No seu seio se embriaga,
Como a abelha que divaga
Poisando de flor em flor.

Saudemos pois esta hora
Se ela é hora de esperança!
O isolamento cansa,
Não amar, é não viver!
Na floresta as aves cantam,
Quando alveja a madrugada,
Se a aurora de alma é chegada,
Cantemos-lhe o amanhecer.

.....

Mas a própria natureza
Quis saudar-te neste dia,
E num sorriso te envia
Sua grata saudação.
Ela fenece, declina,
Já se despe de verdores;
Tu na quadra dos amores
Colhe as flores da estação.

«Colhe-as, viçosas se mostram
No teu extenso horizonte.
Exulta pois, ergue a fronte,
Que a tua hora enfim chegou!

.....

1860.

* *

Cartas a meu primo José Joaquim Pinto Coelho.

.....

«Venho uma vez ainda, movido de ansiedade
Dos teus, às alegrias, meus júbilos unir;
Queimar débil incenso nas aras da amizade,
Lembrar-me do passado, falar-te do porvir.

«Lembrar-me do passado, desviando a escura tela
 Que as cenas dessas eras aos olhos nos cerrou...
 Falar-te do futuro, mostrando-te essa estrela
 Que para a juventude sempre nos céus radiou,..

«Parar, onde a planície se espraia, vasta, imensa?
 E a perspectiva se orna de flores e de luz?
 Parar, pendida a fronte, sem ânimo, sem crença,
 Vergado sob o peso de imaginária cruz?

«Isto nos nossos anos, isto na nossa idade,
 Tão cheia de futuro, de alento e de fé!
 Oh, não! Pra nós a esp'rança; deixemos a saudade
 Deixemos a flor murcha que outra em botão já é!

.....

«Saudemos o futuro, como a risonha aurora
 Que tinge o alto dos montes de purpurina cor!
 Saudemos o futuro à voz consoladora,
 Que nos fale, em segredo, duma época melhor!

.....

«Da lira pelas cordas correndo as mãos nevadas
 Tira sentidas notas duma imortal canção...
 Nem das harpas eólias, nos olmos pendurados,
 As extrai tão sonoras, da noite, a viração...

«Não são da Terra as notas da música maviosa
 Que escuto, não; são ecos de música no Céu...
 Coa cítara dos anjos, em nuvens cor-de-rosa,
 Esta visão celeste junto de nós desceu.

.....

«Cantando, pouco a pouco, seu rosto se ilumina
 Nos lábios tudo é risos; é tudo vida o olhar...
 Como, na madrugada, se despe de nebrina
 A risonha paisagem que o sol vem animar.

«Falou na paz dos justos, falou na recompensa
 Que espera os virtuosos na celestial mansão...
 Para os Céus apontando, disse inspirada: – Crença! –
 Abandonando a Terra, disse saudosa – Irmão! –»

1862.

* *

«Sim, às vezes, não sei fugir ao desalento
 Que baixa sobre mim, qual nuvem tempestuosa;
 Nem posso desviar o curso ao pensamento,
 Que desce sem parar, em senda tenebrosa.

«Então, se olho o porvir, vejo-o sombrio e escuro,
 Como quando no céu se forma a tempestade,
 E em torno do baixei, que voga mal seguro,
 Uma neblina densa o espaço todo invade.

.....

«Ontem inda sentia esta tristeza vaga
 Que pesa sobre nós, mais do que um férreo jugo;
 Sinistra cerração que nos sufoca e esmaga
 Como o laço fatal de invisível verdugo!

.....

«Vem, surge, é Sol luminoso,
 Doura os cumes da alta serra,
 Inunda de luz a Terra,
 Vem reflectir-te no mar...
 Acorda as aves rio bosque,
 Chama os insectos às balsas,
 Onde em doudejantes valsas
 Vão as flores namorar...

«Penetra nas espessuras,
 Nesses retiros aonde
 A flor silvestre se esconde
 Para sozinha florir.
 Dá-lhe o calor dos teus raios,
 Desperta-a do fatal sono
 Em que as nebrinas do Outono
 Já a faziam dormir...»

1863.

* *

«Dai-me do campo as mais festivas flores,
 Não as quero saudosas;
 Quero-as alegres, de risonhas cores,
 Como os cravos e as rosas.

«Deixemos a violeta, essa morena
 Habitante das relvas.
 A delicada, a pálida açucena,
 Deixemo-la nas seivas.

«Uma é negra, traz vestes de tristeza,
Vem de luto trajada;
Outra, lembra nas cores da pureza,
Virgem inanimada.

«Não as quero, que podem essas flores
Renovar na memória,
As mal curadas, as pungentes dores,
Duma recente história.

.....

«O caminho da existência
É então grato e florido.
Ai! Bem fácil é o olvido
De tudo o que a alma sofreu!
Como à roseira da várzea
Que todo o ano floresce,
A cada flor que fenece
Uma outra flor sucedeu.

«Uma outra flor, e mais bela
E cada vez mais viçosa.
Uma outra flor, outra rosa,
Ou antes, outra ilusão.
Nunca, nunca o desalento
Extingue o fogo sagrado
Que arde no altar consagrado
Que se chama o coração.»

1864.

* *

«A saudade, a fada amiga
Que nos renova o passado,
Como em jardim encantado,
Por seu mágico condão...
Os prazeres da criança,
Alvos sonhos de inocência,
Os fogos da adolescência,
O nascer do coração...

«A saudade, a ama dilecta,
Que o sono nos acalenta,
E junto de nós se assenta
A falar-nos com amor!
Essa fiel guardadora
De nossas gratas memórias

Que sabe as longas histórias
Da nossa vida, de cor!

«A saudade, a irmã bem-vinda,
A noite, às horas quietas,
Em que amantes e poetas
Livre curso à mente dão;
A virgem pálida e triste,
De branda melancolia,
Que as penas nos alivia,
Que nos mitiga a paixão!

«Tens ao teu lado a saudade
Falando-te em voz dolente.
Duma memória recente,
Duma luz que se apagou...
Luz que tomaste por guia
Para termo da viagem;
Mas que o sopro duma aragem,
Brandas, apenas, apagou.»

1865.

* *

«Veste-se a planta de flores
Quando a Primavera assoma;
E a espessura de verdores
Perfuma com seu aroma.

«Mas nem sempre a mesma vida
Transluz nas flores abertas;
Uma seiva empobrecida
Só lhes dá cores incertas.

«Todos os anos floresce,
Ao despertar este dia,
A planta que, ignota, cresce,
Da minha pobre poesia.

«Porém, desta vez, roçada
Do mal, pela mão funesta,
Uma flor só, desmaiada,
Abriu para a tua festa.

«Mas seja o tributo pago,
Embora com pobre oferta;
Essa mesma ai a trago,

Desbotada e mal aberta.»²

1866.

² Última carta em verso que Júlio Dinis dirigiu a José Joaquim Pinto Coelho. Era desta maneira que festejava os aniversários de seu primo.

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera a partir da edição de 1909. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
